



Um sonho de Princesa

Juliana Dantas





Um sonho de Princesa



Juliana Dantas



Copyright © 2019 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia.

***Título Original: Um sonho de princesa
Preparação de Texto e revisão : Sheila Mendonça
Capa: Jéssica Gomes***

Sumário

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Prólogo

Sabe quando você é uma garotinha e coloca um lençol branco na cabeça, e rouba flores do canteiro da avó para brincar de casamento com algum vizinho? Então, no meu caso o vizinho se chamava Jack, ostentava sardas no nariz, cabelos cor de ferrugem e um dente faltando. Talvez por isso eu o tenha escolhido para ser meu noivo em vez do seu primo, Peter, definitivamente mais bonito e com todos os dentes na boca (nenhum mais era de leite como os meus e do Jack). Jack me parecia lindo ali, me esperando com uma gravata do seu pai no pescoço, enquanto Peter fazia o papel de padre.

Meu pequeno coração de seis anos estava disparado no peito e eu até tremia um pouco quando cheguei ao altar feito com um pedaço de madeira de uma das caixas de morango do meu pai. Era o que papai fazia, tinha uma fazenda de morangos e meu apelido pela vizinhança se tornou moranguinho, não só porque eu literalmente cheirava a morangos, também por meus cabelos avermelhados.

— Sophia Mary Davis, aceita se casar com esse cabeça de ferrugem com chulé?

Lembro-me de ter revirado os olhos enquanto Jack dava um chute na canela de Peter.

— Brinca direito! — Bati meus pequenos pés descalços no chão.

— E meu nome é Jack, seu idiota! — reclamou o irmão.

— Não, não é Jack! — corrigi.

— Prefere cabeça de ferrugem? — Ele me encarou confuso.

— Não, o nome dele é Harry! — Sorri satisfeita.

Jack franziu a testa cheia de sardas.

— Pirou? Meu nome é Jack.

— Não na minha brincadeira.

— Não é sua brincadeira!

— Estão na minha casa e quem manda sou eu! E o casamento vai ser do jeito que eu quiser! Então você é meu noivo e se chama Harry!

— Por que Harry? — Jack questionou e meu sorriso aumentou no rosto.

— Não é só Harry. É Príncipe Harry!

Os dois ficaram me encarando com expressões confusas até que caíram numa gargalhada alta e ruidosa.

Riram tanto que se esparramaram no chão, rolando por cima do meu véu de lençol que se desprendeu do meu cabelo e em pouco tempo virou capa do

Batman para Jack enquanto Peter corria atrás dele dizendo que era o Coringa.

A brincadeira de casamento foi completamente esquecida.

Arrastando os pés, entrei na cozinha que recendia a geleia de morango e minha avó me espiou por cima da grande panela que mexia no fogo.

— O que foi, querida?

— Jack não quis casar comigo.

— Ah querida! — Ela limpou as mãos no avental e veio até mim, me abraçando. Vovó também cheirava a morango. — Os meninos são muito bobos!

— Ele estragou minha brincadeira e ainda riu junto com o Peter! Acho que ele nem gosta de mim.

— Olhe pra mim. — Segurou meu queixo, me obrigando a encará-la. — Um dia alguém vai gostar de você do jeito que é. Eu prometo.

— E se... — hesitei — se eu quiser casar com o Príncipe Harry, acha que ele vai gostar de mim do jeito que eu sou?

Vovó franziu a testa, por um momento pensei que ia cair no chão gargalhando como Peter e Jack.

— Nada nessa vida é impossível. Mas ele é um príncipe, meu amor.

— Não importa. Eu quero ser uma princesa.

Ela abriu um grande sorriso, acariciando meu rosto.

— Bem, sonhos foram feitos para serem realizados! — Deu tapinhas carinhosos no meu cabelo. — Agora vá lavar as mãos e trocar de roupa para me ajudar! Seu pai vai chegar a qualquer momento.

— Está bem!

Corri para meu quarto e fechei a porta.

Eu amava meu quarto em tons de rosa com uma cama que era quase a de uma princesa (papai tinha dito que era!). Caminhei até minha cama pegando o livro que estava ali o qual eu folheava todos os dias. Era um livro que pedi ao papai para comprar quando estivemos na livraria da cidade e era cheio de fotos da família real. Dentre elas eu tinha minha preferida.

Harry.

Suspirei, passando a mão na foto do adolescente ruivo.

Meu futuro noivo.

Eu já podia imaginar ele chegando, de carruagem, como vi em um desfile da família real na TV. E se ajoelhasse e me pediria em casamento. Claro que nesses sonhos eu era mais alta e meu cabelo era bonito como o de uma princesa de contos de fadas.

E ele me levaria para Londres e moraríamos em um palácio. Eu usaria uma tiara de diamante e lindos vestidos.

E ninguém me chamaria de moranguinho ou se importaria de eu não ter

uma mãe.

Era esse meu destino. Eu seria da realeza.

Tinha certeza.

Capítulo 1

Sophia

Será que vai demorar?

Rastejo meus olhos entediados pela Revista OK que folheio sem nenhuma fofoca que valha a pena e aperto o celular para ver a hora. A foto do Príncipe Harry se ilumina e suspiro no automático.

— Isso, gata, está bom pra cacete! — Jack rosna, olho para trás e ele está, como previ, com uma mão no meu quadril e outra segurando o celular. O que será que ele está assistindo hoje enquanto me fode de quatro?

Ok, essa cena pode parecer meio bizarra, foi o que achei quando olhei para trás a primeira vez há alguns meses e vi meu namorado assistindo sei lá o que no celular enquanto transávamos na sua posição preferida. Que devo acrescentar, não é a minha, o que faz com que eu sinta um tédio mortal enquanto Jack se diverte. Quer dizer, eu pensava que ele se divertia, mas fiquei enfurecida quando notei sua distração. Ele tinha dito que estava assistindo um pornô.

Sério. Pornô?

Enquanto a gente transava?

Quando achei que nada do que Jack aprontasse comigo poderia ser pior do que todas suas bolas fora de antes, eis que ele aprontava algo pior ainda!

Porém, como todas as outras vezes, o deixei me convencer que não era tão grave assim. “É pra ir mais rápido.”, disse com uma piscadela e um beijo no meu ombro. Pensando bem ele tinha razão, quanto mais rápido melhor. Assim a gente podia pular aquela parte chata e fazer coisas mais legais. Como beber com nossos amigos no *pub* local. Ou melhor ainda, eu podia ir pra casa assistir *Irmãos à Obra* com a minha avó, ou ajudar meu pai na fazenda. E claro, a melhor parte de todas, podia ficar assistindo documentários sobre o Harry e a família real.

Sim, eu espero que Jack acabe logo então posso inventar que estou com sono pra ir pra casa. Sentindo-me mais animada, abro o celular no site do Daily Mirror em busca de fofocas mais quentes e meu coração despenca no chão ao ver a chamada.

“O Príncipe Harry e Meghan Markle anunciam o noivado.”

Noivado.

Como assim?

Leio a notícia várias vezes em meio aos gemidos de Jack que agora ficam cada vez mais distantes.

Claro que eu sabia daquele namoro ridículo, tão insignificante quanto todos os outros. Harry nunca iria se casar.

Quer dizer, sempre achei que ele se casaria comigo. Mas, vamos ser honestos, como é que eu, uma pobre garota do campo, sem um pinga de sangue real despertaria a atenção de alguém como ele?

Claro que quando a Kate se casou com o William tive uma certa esperança, afinal, Kate também tinha o pôster do William no quarto e, veja só: eles se conheceram e se apaixonaram! Kate abriu um precedente para todas nós, reles plebeias!

E o que é que eu fiz? NADA.

Absolutamente nada!

Permanecia em Weybridge namorando um total perdedor como Jack, que não tinha nada melhor pra fazer além de beber nos *pubs* da cidade e jogar rúgbi com seus amigos igualmente perdedores.

E enquanto isso essa americana havia roubado meu lugar... Meu Deus, uma americana! E atriz!

A rainha estava fumando crack ou o que para permitir algo tão absurdo?

Tremendo de raiva e indignação, clico para assistir o vídeo em que Harry e sua noiva usurpadora de sonhos sorriem e acenam em frente ao Kensington Palace.

Não! Não! Não!

Não está nada certo.

Eles não podem se casar!

Era pra ser eu ali! Era o meu sonho!

— Não! — grito ao mesmo tempo em que Jack grita um sim, atrás de mim e desaba ao meu lado muito satisfeito.

No entanto, já não estou nem aí para Jack e seu egoísmo sexual.

Um plano começa a se delinear em minha cabeça.

Uma vontade de mudar tudo.

De me rebelar contra aquele destino cruel que estava me obrigando a ficar com um cara que via filme pornô enquanto transava comigo, quando deveria estar em Kensington Palace transando com Harry!

Duvido que Harry visse filme pornô enquanto transava.

E ele, com certeza, deve saber onde fica o clitóris.

E o que fazer com um.

— Está tudo bem, gata? — Jack acende um cigarro e liga a TV.

Minha nossa! De repente sinto que não posso mais ficar nem mais um minuto ali.

Levanto-me e começo a vestir a roupa.

— Já vai?

— Sim e para sempre — respondo, vestindo minha camisa.

— Como assim?

Solto um suspiro pesado e o encaro muito séria.

— Acabou, Jack.

Jack finalmente parece entender e se senta na cama me estudando, aturdido.

— Como assim acabou?

— Acabou, estou terminando com você.

— Mas... Por quê? A gente está de boa!

— De boa? Tem certeza?

— Merda, Sophia, você voltou a ver aqueles vídeos motivacionais no YouTube, aquilo tudo é balela...

— Não! Eu simplesmente cansei!

— Mas a gente está junto há seis anos.

Minha nossa tudo isso?

— Tempo demais! Já deu!

Sento-me e começo a calçar minhas botas. Eu só quero ir embora.

Jack senta ao meu lado e beija meu ombro.

— Não tente me convencer, não vai dar certo dessa vez.

— Então me diga o que preciso fazer para você não ir embora.

Ok, acho que depois de seis anos Jack merecia a verdade.

— Jack, não quero te magoar, mas.... existe outra pessoa.

— Outra pessoa? Quem?

Hesito e desvio os olhos, mas sei que tenho que enfrentá-lo, então volto a fitá-lo.

— Harry.

— Quem diabos é Harry? Harry caolho do time de rúgbi? Aquele filho da puta...

— Não, esse Harry, credo!

— Então quem?

— O Príncipe Harry — confesso.

Jack me encara sem entender.

— Sempre foi ele. Sempre vai ser ele e eu... preciso ir atrás dos meus sonhos. Sonhos são feitos para serem realizados...

Levanto-me e pego minha bolsa encarando um atordoado Jack pela

última vez.

— Adeus, Jack.

Ao abrir a porta, ele ainda me chama.

— Sophia?

— O quê?

— Que merda andou fumando?

É incrível como o universo começa a conspirar a nosso favor quando decidimos tomar as rédeas do destino!

Às vezes parece que foi em outra vida que deixei Jack naquele quarto insistindo que eu estava usando drogas ou alguma coisa assim.

— Você pode me contar. Vamos procurar ajuda — tinha dito com uma voz ridícula de pastor que não combinava com ele.

No entanto eu não me importava mais com a opinião de Jack. Na verdade eu começava a me arrepender amargamente de ter passado todos aqueles anos em sua companhia. Namorei Jack desde meus dezessete anos, pelo simples motivo de que era fácil lidar com ele. Nós nos conhecíamos desde crianças e éramos amigos. Deveria ser temporário. Eu iria embora da cidade para estudar em algum momento. Mas seis anos se passaram e o momento nunca chegou. Primeiro que eu não tinha me decidido qual carreira seguir e segundo que meu pai e meus avós precisavam de mim na fazenda.

Minha família era dona de uma fazenda de plantação de morangos. Depois que meu pai assumiu o negócio, ele a transformou em uma fazenda para visitação pública no estilo “colha você mesmo”. A gente fazia bastante sucesso, sobretudo, no verão, quando o lugar lotava de pais com crianças para colherem seus próprios morangos frescos.

E acabei ficando por lá, namorando Jack e deixando o tempo passar.

Tempo demais, reconheço agora, enquanto aperto o passo ao ver a entrada da linda mansão cheia de seguranças.

Merda. Eu não contava com aquilo.

Mas a sorte estava a meu favor, não?

Faz três dias que decidi ir atrás do meu sonho e desde então tudo pareceu se encaixar de um jeito quase mágico. Deixei Jack e fui para casa, muito animada com minhas novas perspectivas, sem saber ainda como iria fazer. Primeiro eu precisava ir para Londres, arranjar um trabalho e um lugar para ficar.

Só que não conhecia ninguém em Londres!

Peter, o irmão mais velho de Jack, morou lá por um tempo, mas se mudou para a Irlanda no último verão seguindo a namorada. Além do mais, não tinha grana para me bancar até arranjar um emprego e todo mundo sabia que Londres era uma das cidades mais caras do mundo.

Eu podia pedir grana emprestada ao meu pai. Mas ele ia querer saber para que era o dinheiro. E uma coisa que aprendi com a reação de Jack foi que o melhor a fazer era não contar a minha família o verdadeiro motivo da minha mudança. Não queria acordar na manhã seguinte com uma intervenção e sendo levada para alguma clínica de reabilitação.

Desanimada, saí para beber e encontrar uns amigos, quem sabe alcoolizada eu não tivesse uma revelação? E foi no caminho do *pub* que a revelação surgiu quando passei por um estúdio de tatuagem e uma súbita necessidade me acometeu. Não pensei duas vezes em entrar e pedir para a tatuadora, chamada Cara, uma tatuagem que me fizesse lembrar sempre dos meus sonhos.

Se a garota estranhou o pedido, nada disse, mas fui conversando com ela e desabafando que precisava arranjar um jeito de ir para Londres, que tive certeza que o universo estava conspirando para que eu conseguisse atingir meus objetivos.

— Está precisando de grana? Eu descolei um bico com a minha prima, Layla, que trabalha num *Buffet* grã-fino em Londres. É uma festa de casamento, gente da realeza e tudo. Não vou poder ir, posso te indicar, a grana é boa e é só um dia. Servir mesa e essas coisas.

Ela disse realeza?

Meu coração tinha disparado de antecipação.

— Espera... realeza?

— Não é bem a realeza, é a festa de casamento de um parente da Kate Middleton, ao algo assim...

— O casamento da irmã dela! Meu Deus, você vai no casamento da Pipa?

— Não ouviu o que eu disse? Não posso ir, tenho trabalho aqui. Nem sei por que disse que poderia. Se quiser, eu falo com ela. Certeza que pode te colocar lá.

— Ai meu Deus, você faria isso?

— Claro que sim.

E foi assim que parti para Bucklebury, a uns cinquenta quilômetros de Londres, para trabalhar na festa de casamento na casa dos Middleton!

Parecia um sonho que tudo estava correndo tão rápido!

Não foi difícil convencer meu pai e meus avós que eu estava apenas indo trabalhar em Bucklebury como um favor a uma amiga, ainda menti que estaria de volta no dia seguinte. Mas pelas roupas que coloquei na mochila não pretendia voltar tão cedo. Quer dizer, eu tinha certeza que Harry estaria nessa festa e, se tudo desse certo, conseguiria me aproximar e então...

Ok, ainda não sei bem o que ia fazer, porém se era nosso destino ficar juntos, as faíscas iriam voar para todos os lados quando nossos olhares se encontrassem.

Ele ia pensar “Meghan quem?”.

E aí quando eu voltasse para Weybridge talvez fosse para Harry pedir minha mão em casamento ao meu pai.

Ah Meu Deus. Ia acontecer. Eu estava sentindo.

— Ei, não pode ficar por aqui. — Um segurança de dois metros se colocou na minha frente, e voltei ao presente.

O homem estava claramente me impedindo de prosseguir e entrar na casa. Abri um sorriso. Sabia que tinha um sorriso adorável. Era o que meu avô dizia, pelo menos.

— Eu sou do *Buffet*, vim trabalhar na festa — respondo calmamente.

— Onde está sua identificação?

— Como é?

— Deveria ter um crachá.

— Ah... ninguém me deu um crachá. — Droga, como assim?

— Então não pode entrar.

— Não está entendendo. Não tem uma lista ou algo assim? Minha... prima! Isso, minha prima Layla deve estar aí dentro e vai confirmar para você...

— Por favor, dê meia-volta e se afaste. — Ele não parecia nem um pouco convencido.

— Olha, você tem que me deixar entrar! Chame alguém da empresa do *Buffet*! Eles que erraram ao não me darem uma identificação.

— Não posso fazer nada por você, senhorita. Por favor, se afaste do portão.

Bufo, irritada e me afasto com medo que ele decida me colocar para fora a pontapés ou algo assim.

Merda, não era para isso estar acontecendo!

Era para tudo dar certo, como vinha dando até agora!

E o que eu ia fazer? Desistir?

Voltar para Weybridge, para as transas toscas com Jack e o trabalho sem perspectivas na fazenda da minha família?

Não.

Eu não ia desistir!

Caminho pela rua arborizada e viro a esquina, ainda seguindo o muro gigante da casa e paro quando estou bem longe da vista dos seguranças.

Contemplo o muro alto.

E a árvore na calçada.

Sabia que um dia minha mania de subir em árvores com Jack quando criança iria servir para alguma coisa! Respirando fundo, finco meu pé no galho mais baixo e impulsiono para cima. E adiante. E, enquanto vou subindo, é como se estivesse transpondo obstáculos que me separavam do meu sonho.

Quando chego lá em cima e salto para me sentar no muro, abro um sorriso satisfeito. Sorriso que se desfaz quando percebo que não faço a mínima ideia de como descer. Olho para baixo e vejo alguns arbustos no jardim dos fundos da casa. O muro é revestido de trepadeiras ou sei lá como chamam as plantinhas que sobem por toda sua extensão. Certo, posso descer por ali. Cuidadosamente me viro, boto meu pé em uma delas e vou descendo. Mal respiro, muito menos ousar olhar para baixo. Era só ir com cuidado e... Ai merda, a planta sob minha mão se desfaz. Sinto o pavor gelar minhas veias, antes de meu corpo sair voando, e um grito mudo preso na garganta quando desabo em cima dos arbustos.

Acho que faz poucos segundos que estou jogada no chão, ainda tentando me recuperar do susto, me dando conta, aliviada, que o estrago não foi grande, pois ainda sinto todos os membros do meu corpo. Os arbustos amorteceram minha queda.

Escuto passos se aproximando e sei que devo me levantar, mas antes que consiga me mover, uma sombra se forma em cima de mim.

— Ei, moça, você está bem?

Abro os olhos e um cara está me estudando, entre surpreso e preocupado.

O sol do fim de tarde forma um halo em volta dele e não consigo ver suas feições, quando estende a mão para mim.

— Acho que... sim? — Aceito sua ajuda e quando finalmente me ponho de pé, preciso olhar para cima para encarar seu rosto.

E uau, ele é bem bonito.

De uma forma largada de ser, com uma barba por fazer castanha e cabelos que precisavam de um corte. Veste um jeans surrado e camiseta preta de manga comprida que fica bem em seu tórax e seus braços, devo dizer. Não era daqueles caras muito musculosos, mas na medida certa, sabe?

— Você... caiu do muro? — Vejo seu olhar passar de preocupado a desconfiado.

Ai merda.

Sorrio, dando de ombros e ajeitando minha mochila nas costas.

— Claro que não.

— Claro que sim! Se não foi do muro caiu de onde, do céu?

— Talvez. Agora se me der licença... — Tento passar por ele, seus dedos seguram meu braço.

— Não tão rápido.

— Ok, eu caí do muro, satisfeito? — confesso.

— Você pulou o muro? Espera... Você é uma *paparazzo*.

Tenho vontade de rir. Sério que era isso que estava pensando?

— Não! Trabalho no *Buffet* se quer saber. Houve alguma confusão com minha identificação e o brutamonte lá na porta me barrou, então não tive outro jeito.

— Você achou uma boa ideia pular o muro?

— Teria uma opção melhor?

— Por que eu deveria acreditar em você?

— E você, quem é? É da segurança por acaso? Aposto que também está aqui trabalhando, então me deixe passar e ir fazer meu trabalho também!

— Não seria a primeira a tentar uma foto exclusiva de algum convidado da realza.

— Olha, não estou invadindo e nem quero foto de ninguém! — Brindo-o com meu sorriso adorável. Rezando para funcionar melhor com ele do que com o segurança. — Só preciso entrar e ir fazer meu trabalho, senhor... Acho que não fomos apresentados. Eu sou Sophia Davis. — Estendo minha mão.

— Está flertando comigo... Sophia? — Seu olhar vasculha meu rosto e um rubor ridículo aquece minhas faces, quando ele segura minha mão. E não solta.

— Só tentando desfazer o mal-entendido entre nós... — Dou de ombros.

— Tem certeza que está me falando a verdade?

— Olha, quer chamar a segurança? Chame, mas vai me impedir de trabalhar e eu preciso dessa grana, ok? Só quero fazer meu trabalho...

— Henry, meu nome é Henry.

— Henry — repito seu nome e penso que talvez isso seja um sinal! Henry é o nome de batismo do Príncipe Harry.

Sim, só pode ser um sinal divino de que estou no caminho certo!

Enfim Henry solta minha mão e percebo duas coisas.

Primeiro, ele acreditou em mim. E segundo, com a outra mão segura uma câmera fotográfica.

— Você não seria um *paparazzo*, né?

Ele ri.

Hum, bem bonito mesmo.

— Não, não sou um *paparazzo*. Sou um simples fotógrafo.

— Foi contratado para a festa?

— Algo assim. Ok, você venceu. Vá fazer seu trabalho. Antes que eu decida que não devo confiar em você.

— Por que não confiaria?

Ele segura a câmera contra os olhos e mira em mim.

— Acho que sabe muito bem o quanto sua história é estranha, moça.

— Não te devo satisfação mesmo! — Decido que já perdi tempo demais com aquele cara e é melhor aproveitar que aparentemente não ia me entregar, apesar de suas desconfianças.

Dou meia-volta, parando ao ouvir uma risada.

— O que foi?

— Sua calça, moça.

Levo a mão a minha calça e arregalo os olhos.

Merda, minha calça está rasgada!

Inferno!

Saio praticamente correndo, mas continuo ouvindo sua risada atrás de mim, até que finalmente consigo entrar na casa.

Certo.

O show ia começar.

Capítulo 2

Sophia

— Estou calma — repito para minha imagem no espelho. — E estou muito gata — completo, encontrando um esboço do meu sorriso adorável.

Sim, vai dar certo. Eu conseguira passar por todo mundo na cozinha e corredores que corriam de um lado para o outro, preparando tudo para a recepção que começaria em algumas horas, depois da cerimônia que estava acontecendo na Igreja de Saint Marks. Tranquei-me no primeiro banheiro que consegui encontrar e, abrindo minha mochila, tirei de lá o vestido que peguei emprestado com Dalia, a namorada do Joe, um dos melhores amigos de Jack. Dalia foi Miss Weybridge e chegou a ser uma das finalistas do concurso Miss Grã-Bretanha há três anos, então, ainda colecionava um número impressionante de vestidos de gala. Ok, não tinha nenhum Oscar de la Renta ali, ou qualquer coisa sequer parecida com um vestido de grife, mas teria que servir.

Agora inspeciono minha imagem mais uma vez, trajando um longo rosa de tule e *chiffon* e, puta merda, pareço uma princesa!

Sim, só falta uma tiara.

— Harry vai se apaixonar por mim — repito confiante enquanto limpo o batom que ficou no meu dente.

E minha maquiagem não está nada mal. Ficar horas assistindo canais de beleza no YouTube serviu para alguma coisa. Isso e os meses que trabalhei maquiando defuntos na funerária da cidade quando me formei na escola e, num ato de rebeldia, decidi que não iria trabalhar com meu pai.

Volto a colocar tudo na mochila e a escondo atrás da cortina elegante do toalete dos Middleton. Calço meus sapatos (os mesmos que usei na minha formatura, mas cumpririam sua função) e espio pela janela. O banheiro fica no segundo andar e dá para o jardim que agora se encontra repleto de convidados.

Ai meu Deus. Será que Harry já chegou?

Respiro fundo e abro a porta.

Assim que desço as escadas, sinto um leve tremor de medo, ainda mais quando um garçom passa por mim e me encara. Será que ele sabe que sou uma farsa? E será que eu deveria ter mantido o plano original e simplesmente me apresentado à prima de Cara e agora estaria servindo canapés? Mas como é que

eu ia sequer me aproximar de Harry apenas servindo os convidados com uma insípida roupa branca?

Não. Este plano era bem melhor. Eu me misturaria aos convidados. E assim que visse Harry me aproximaria e...

— Uau! — Paro quando chego ao jardim e meus olhos maravilhados contemplam a decoração. Parece um legítimo conto de fadas.

Um excêntrico e caro conto de fadas, devo dizer. Eu havia lido sobre a marquise de vidro importada da Bélgica na OK, mas, minha nossa, vê-la, assim, ao vivo e a cores, era espetacular.

Ainda impactada, caminho por entre os convidados da realeza (cacete, REALEZA). Tenho vontade de rir, feito louca, ou começar a me apresentar para todo mundo. “Oi, sou Sophia, de Weybridge, futura noiva do Harry, aliás, futura princesa! Quer saber, acho que deveriam fazer uma reverência.”.

Rio sozinha desse meu delírio e suspiro ao vislumbrar as lindas cerejeiras que adornam o local. As mesas de jantar estão cobertas por tecidos verdes e combinam perfeitamente com as rosas brancas e cor-de-rosa no arranjo de centro. É tudo tão lindo, parece realmente um jardim encantando, o tema do casamento. Eu li tudo na OK. Eles contrataram até um diretor de arte com nome difícil muito famoso na Europa! A florista também era muito famosa, com um nome igualmente difícil de soletrar. Alemão ou algo assim.

Um garçom passa por mim com uma bandeja cheia de taças de cristal e ousou pegar uma, experimento o líquido borbulhante. Uau, isso sim é bebida de rico! Nunca bebi nada igual.

Ai Meu Deus, aquele ali é o Roger Federer, o famoso tenista?

Minha nossa!

Para todo canto que olho, há alguém famoso ou da realeza e minha cabeça está girando para todos os lados. Talvez eu deva me aproximar e iniciar uma conversa? Sim, ia ser bem legal para quando me apresentasse ao Harry, deixá-lo saber que eu conhecia a todos. Quão bem relacionada eu era! Sim, posso fazer isso!

Então uma comoção se forma quando os noivos chegam, todos aplaudindo e acenando. A noiva está maravilhosa, como não poderia deixar de ser, com um vestido feito por Giles Deacon e véu de Stephen Jones.

Sim, a OK estava muito bem informada!

Já me pego imaginando se eu ficaria bem com um véu como aquele e...

Ai Meu Deus!

São eles.

Primeiro vejo Kate e depois William sentados em uma mesa perto de onde os noivos se sentaram e ao lado deles está... está...

Acho que vou desmaiar.

É ele.

Meu futuro marido.

Harry!

Com o coração quase saltando do peito, deixo meus pés me guiarem para cada vez mais perto do meu sonho. Sim, ele vai se virar, vai olhar para mim e... Aquela é a tal atriz ao lado dele?

Ele segura a mão dela e sorri. O sorriso que devia ser para mim!

Mas vai ser! Eu não vou desistir! Ela nem é tão bonita assim!

Continuo o meu caminho, determinada a deixar meu destino se cumprir de qualquer jeito e...

— Ei, você!

Paraliso quando um homem se coloca na minha frente.

Meu estômago vai ao chão quando reconheço o segurança que me barrou lá fora.

Agora lascou.

Penso rápido, olhando ao redor procurando uma rota de fuga, porém sei que estou perdida, então levanto o queixo e o encaro com superioridade.

— Sim, em que posso ajudá-lo, senhor?

— Está de brincadeira? Como conseguiu entrar aqui?

Ai merda!

— Ora, sou uma convidada e o senhor está sendo muito rude, com licença. — Tento passar, ele segura meu braço.

— Não vai a lugar nenhum a não ser para fora!

— Solte-me, seu... brutamente! Sabe com quem está falando? Vou fazer uma reclamação formal sobre sua atitude com os Middleton, ou melhor, com o William, quer dizer, Príncipe William...

— Sim, aí você poderá explicar como tentou entrar aqui dizendo que era funcionária do *Buffet* e de repente aparece como uma convidada.

— O senhor deve estar me confundindo com outra pessoa! Eu sou uma convidada!

— Sêrio? Então cadê o convite?

Empalideço. E agora?

— Por que acredita que não tenho convite? Como é que entrei então?

— Se seu convite aparecer, eu a deixo ir. — Ele diz por fim, certamente se perguntando a mesma coisa, como é que consegui entrar.

— Eu não o tenho porque... estou como acompanhante. Isso! Com... meu noivo! — digo triunfante.

— E quem seria seu noivo?

Hum, boa pergunta. Meu olhar viaja até a mesa da realeza. A Harry...

— Meu noivo é... é o... ah...

— Henry. Henry Cavendish — uma voz diz atrás de mim.

Viro-me e me deparo com o cara desleixado que tinha rido de mim quando caí. O tal fotógrafo ou sei lá o que.

Putaquepariu, ele não está mais tão desleixado assim.

Ainda tem o cabelo todo bagunçado e a barba por fazer, mas agora veste um terno sob medida.

Uau!

E ficou ainda mais gato.

— O que está acontecendo? — Ele olha de mim para o brutamonte que ainda segura meu braço. — Algum problema?

— Essa moça diz que está com o noivo. O senhor é noivo dela? — O segurança parece desconfiado, também um tanto sem jeito.

— Sim, essa é Sophia, minha noiva e por que a está segurando desse jeito? — Henry me puxa para perto e o segurança me solta. Graças a Deus!

Aliviada, me deixo cair contra o peito de Henry, não reclamando do seu braço a minha volta. Na verdade é até bom ele me segurar, pois se me soltar é capaz de despencar no chão. De novo.

— Eu achei tê-la visto lá fora mais cedo tentando entrar... — o segurança diz — precisava verificar, senhor. São ordens, sabe que tem muita gente tentando entrar sob falsas alegações.

— Sei bem como é. — Henry ri me encarando e acho que só eu percebo o sarcasmo no seu gesto. — Precisa realmente ficar de olho nessas pessoas mal-intencionadas... acho que podem até... tentar pular o muro?

Ah que filho da puta!

Apesar de querer esganá-lo sorrio para ele.

— Ah querido, que bom que veio me salvar! Como um príncipe!

Ele levanta a sobrancelha.

— Eu não posso deixá-la um minuto sozinha que apronta das suas, não é querida?

— Certo, senhor. Eu peço perdão por todo o inconveniente — o segurança continua — se puder me dizer o nome da senhorita para que possa verificar na lista de acompanhantes, apenas uma conferência de praxe.

Empalideço de novo. E Henry aperta minha cintura em alerta.

— Não vai ser preciso. Eu e minha noiva estamos indo embora.

— O jantar não foi servido, senhor.

— Acho que isso não é da sua conta, não é? — Henry pisca com ironia e o homem fica vermelho. Putz! — Se quer saber nós estamos a fim de ficar

sozinhos, toda essa coisa de casamento e romance nos deixou... famintos de outra coisa, se é que me entende. — Ele dá um tapa na minha bunda para salientar suas intenções maliciosas, fazendo o segurança enrubescer mais ainda. — Então, se me der licença... — E sai me puxando pelo jardim.

Estou tão aliviada por ter me livrado de ser jogada porta afora que por um momento não impeço que Henry me conduza através do jardim. Porém, quando vislumbro os portões, o obrigo a parar.

— Não, não posso ir embora!

Henry pousa os olhos impacientes em mim.

— É sério! Olha, agradeço muito a sua ajuda lá na festa com o segurança, mas acho que podemos nos separar por aqui... — Viro-me, mas Henry me puxa de volta.

— Não faço ideia de que merda está pretendendo aqui, mas acho que já brincou demais com sua sorte, moça.

— Você não entende! — Jogo as mãos para cima frustrada, porque ele tem razão. Não sei se o cara lá acreditou mesmo na nossa mentira. Aliás... — E quem diabos é você? É realmente um convidado? Achei que fosse alguém contratado pra tirar fotos!

— Sim, não estou aqui de penetra como você!

— E como conseguiu um convite? É um evento superexclusivo! Uau, não me diga que é tipo um fotógrafo famoso, desses que tiram foto de modelos como Cara Delevingne! Você conhece a Cara?

Henry revira os olhos, exasperado.

— Não, não sou nenhum fotógrafo famoso, tiro foto de turistas, dentre outras coisas para sua informação.

— Então como foi convidado? O segurança não pediu seu convite para se certificar!

— Porque não era necessário. Ele me viu passando pela porta e eu tinha um convite!

— Quer que eu acredite que conhece os Middleton? Ou o noivo da Pipa, o milionário?

— Eu conheço alguém, que conhece alguém, que conhece alguém... que conseguiu o convite, só isso.

— Ah! Que injusto! Você conhece um monte de “alguéns” que lhe conseguiram um convite e eu só conheço alguém que me conseguiu uma vaga no *Buffet*! E que no fim nem deu certo!

— Se veio para trabalhar, o que está fazendo vestida como uma das convidadas?

Um rubor aquece minhas bochechas e desvio o olhar.

— Vamos, Sophia, salvei seu pescoço, não acha que mereço a verdade?

— Que saber? Não! Está tudo perdido mesmo. — Minha voz engasga e respiro fundo, engolindo o nó na minha garganta. — Tem razão, melhor dar o fora...

Avanço resoluta para os portões, sentindo cada vez mais vontade de chorar, mas seguro firme até que estejamos do lado de fora.

Contemplo o céu, quando uma rajada forte de vento anuncia chuva a caminho.

Ah que ótimo.

— Já vão trazer o meu carro, quer uma carona? — Henry indaga me estudando.

Levanto o queixo.

— Não, obrigada! — Viro-me com a firme intenção de me afastar para poder chorar sozinha, mas me lembro das minhas coisas. — Droga, minha mochila!

— O que foi?

— Minha mochila está escondida no banheiro!

— Que banheiro?

— O primeiro subindo as escadas.

— Certo. Espere aqui, vou buscar para você.

E, antes que eu possa falar qualquer coisa, ele já se virou.

Fico ali, encolhida. E com receio de que o tal segurança apareça novamente, não posso negar. Porém Henry retorna logo com minha mochila na mão.

— Obrigada — sussurro, realmente agradecida. Não sabia o motivo de ele estar sendo legal comigo, a verdade é que foi meu salvador.

— Tem certeza que não quer uma carona? — Ele aponta para o céu. — Acho que vai chover.

— Não, não preciso. — Brindo-o pela última vez com meu sorriso adorável e coloco a mochila nas costas. — Adeus, Henry!

Caminho sem olhar para trás até o ponto de ônibus e me sento no banco, subitamente exausta. Então, quando a chuva começa a cair, deixo que as lágrimas inundem meu rosto.

Não era para ter acontecido assim!

Estive tão perto. A poucos passos... quase ao meu alcance!

Soluto e abro a mochila, pegando meu fone de ouvido e meu celular. Olho o aplicativo de horário de ônibus e solto um gemido de desalento quando descubro que o próximo só passará daqui a duas horas. E o dia já está dando lugar à noite.

Com um suspiro cansado, faço a única coisa que posso fazer naquele momento: coloco Adele para tocar.

Se é pra chorar e sofrer, tem que ser com Adele como trilha sonora.

E estou cantando *Set Fire In the Rain* a plenos pulmões quando um carro preto para na minha frente. E Henry Cavendish surge através do vidro.

— Ei, moça, entre aqui.

— Henry? — balbucio, aturdida.

— Esse ainda é meu nome, agora entre antes que eu te arraste para dentro.

Olho para os lados. Para a rua vazia. E a chuva caindo.

Henry Cavendish parece ser minha melhor opção no momento.

Abraço minha mochila e entro no carro.

Ele me mede de cima a baixo com um olhar entre exasperado e divertido e mais alguma coisa que não sei o que é.

Não curto muito, porém quem sou eu para reclamar?

Adele continua gritando em meus ouvidos. Algo sobre um coração caindo e alguém se levantando para reivindicá-lo, enquanto Henry Cavendish dá partida me resgatando mais uma vez.

Capítulo 3

Henry

Eu poderia trazer um gato perdido para casa. Mas não. Decidi trazer a moça maluca. Tudo bem que não curto gatos, mas também não curto gente doida e veja só? Sim, pois não tenho dúvidas que a garota vestida de tule rosa dormindo placidamente no banco do passageiro enquanto estaciono o carro na minha rua, em Notting Hill, é qualquer coisa exceto normal.

Quando a vi despencando do muro, tive certeza que era algum *paparazzo* tentando entrar na festa. Acredite, eu já tinha visto acontecer e, para falar a verdade, detesto esse tipo de gente. São a escória e envergonham nossa profissão. Então já estava pronto para encher a cara do invasor de porrada, quando cheguei perto e percebi que era uma invasora. E caramba, ela era bem bonita. E o que era aquele sorriso quando tentou flertar comigo, negando ser uma penetra e alegando ser funcionária do *Buffet*?

Não acreditei nem um pouco. E mesmo assim a deixei passar.

Não sou um segurança e muito menos estava me preocupando com as verdadeiras intenções da moça que disse se chamar Sophia. Se é que era seu nome de verdade. A questão é que, à distância, dava para perceber que Sophia tinha alguma intenção escusa. Porém, quando ficou claro que não era envergonhar minha profissão, passei a não me importar tanto assim. Mas não podia negar que ela me deixou bastante curioso. E porque não dizer, um pouco interessado. Afinal, eu era um cara e Sophia era deliciosamente interessante. Por um momento cogitei tentar procurá-la na festa, mas deixei meu lado sensato vencer. Sophia podia ser bonita, mas estava escrito em letras garrafais no seu lindo sorriso a palavra “problema”.

E sou um cara que não curte esse tipo de garota. Bonita, mas com uma carga enorme de confusão que vinha junto com algumas horas boas de sexo.

Não, melhor esquecer a moça de sorriso incrível e calcinha rosa. Sim, eu tive que dar uma boa checada na sua bunda quando ela virou e sua calça estava toda rasgada.

Sério, de onde surgiu aquela garota?

É o que ainda me pergunto quando desligo o motor e a estudo na semiescuridão do carro. Quem poderia imaginar que a encontraria toda encrencada prestes a ser expulsa da festa por um dos seguranças?

E por que diabos não pensei duas vezes em salvá-la? E olha que eu nem tinha bebido nada. Afinal, não curtia aquelas bebidas frescas e não tinha visto cerveja em lugar nenhum. Na verdade eu já estava entediado e me perguntando o motivo de ter ido àquela festa. Boas fotos do jardim impressionante dos Middleton não valiam toda aquela chatice e tédio sem fim.

Então Sophia surgiu de novo e, *cara*, foi o momento mais divertido do dia fingir que era seu noivo e tirá-la de lá. No fim foi a desculpa perfeita.

Lexi deve estar procurando por mim até agora, mas que se vire sozinha. Concordei em acompanhá-la, porque ela usava e abusava do fato de que eu ainda me sentia culpado.

Mas já chega.

Ignorei suas chamadas no celular perguntando onde eu havia me metido e ainda por cima, fui ao resgate, de novo, de Sophia. Mesmo sabendo que não devia. Eu tinha razão em desconfiar de suas intenções, afinal, ela mentiu descaradamente para mim, dizendo que era do *Buffet* quando estava na festa como penetra. Sabe Deus com qual intuito. Só participar de uma festa com a realeza? Ou existia algo mais naquela história?

Só sei que me vi dando marcha à ré e indo procurá-la, quando percebi que a chuva apertou. Não custava nada dar uma carona. Que mal haveria? Podia deixá-la em qualquer lugar que pedisse e nunca mais nos veríamos.

Aí ela adormeceu assim que peguei a estrada para Londres e não tive escolha a não ser trazê-la para casa.

— Ei, moça. — Sacudo seu ombro de leve e ela desperta, me encarando com os olhos verdes confusos e assustados. O rímel havia derretido com a chuva e ela parecia uma bagunça, com os cabelos avermelhados, se soltando do coque na cabeça. — Chegamos.

— Chegamos onde? — Olha em volta, aturdida.

— Minha casa.

Ela vira a cabeça para mim de novo, assustada.

— Você me trouxe para sua casa?

— Para onde mais?

— Como vou saber se não é um tarado em potencial? Que não vai me prender no seu porão e me obrigar a...

Eu tenho vontade de rir.

— Te obrigar a quê?

Ela enrubesce.

— Não sei, me diga você!

— Ei, não sou nada disso. Você apagou assim que entrou no carro e não sabia para onde te levar. Mora aqui em Londres?

— Não.

— Então melhor entrar, está molhada ainda. Pode pegar uma gripe.

— Ok — concorda por fim e saímos do carro.

A chuva deu uma trégua e eu sigo na frente, abrindo a porta e acendendo a luz da sala.

Ela espia em volta, segurando a mochila contra o peito como um escudo. Como se ainda pensasse na possibilidade de eu ser um tarado psicopata em potencial.

— Você precisa tirar essa roupa — digo e ela me encara com a sobrancelha erguida. Desta vez eu solto uma risada. — Sério, Sophia, se vai ficar me encarando como se eu fosse um maníaco sexual, acho melhor ir embora. Mas não vou te levar a lugar nenhum, pois estou morto. Tem minha palavra que só quero ajudá-la. Pode passar a noite aqui.

— Passar a noite? É agora que vai dizer que só tem um quarto e que posso pagar sua generosidade com um boquete ou algo do tipo?

Encaro-a horrorizado, tentando disfarçar o fato de que a palavra boquete saindo de sua boca rosada era bem estimulante.

Só que eu não sou um tarado.

Não sou.

— Que merda está falando? Não vou te cobrar nada muito menos com favores sexuais!

— Certo. Só quero me certificar. Não queria te ofender nem nada. Meu pai me ensinou golpes de caratê! Então, nem tente!

— Se quiser ir embora, procurar um hotel, fique à vontade! — sugiro, começando a me irritar.

Ela morde os lábios, indecisa.

— Na verdade não tenho grana para ficar num hotel e está tarde, nem sei se ainda tem trem para Weybridge.

— Weybridge?

— É a cidade onde moro.

— Então, se quiser ficar por aqui, a oferta está de pé. E sem boquetes envolvidos. Ou qualquer coisa parecida.

Ela sorri sem graça.

Merda. É bem bonitinho.

— Ok, Henry. Vou aceitar sua proposta.

— Muito bem. Vamos subir que vou te mostrar o quarto... — Viro-me piscando. — De hóspedes.

— Claro! — ela concorda com ironia.

Subimos as escadas e abro a segunda porta do corredor.

— Este é o quarto.

Ela olha em volta. Não é um quarto grande, mas a cama está arrumada. Eu não recebo muitos hóspedes desde que me mudei para aquele sobrado em Portobello Road. Quando Lexi vinha, preferia ficar no Ritz. A pirralha mimada não ficaria em um quarto sem um banheiro só para ela.

— Obrigada. — Ela coloca a mochila na cama e a abre.

— O banheiro fica aqui do lado. Sinta-se à vontade para tomar um banho.

— Sei que não deveria perguntar, mas... não vai me espiar, não é?

— Ah sim, esqueci de dizer que sou que nem Norman Bates, fiz um buraco na parede pelo qual espio minhas hóspedes no chuveiro — dardejo com sarcasmo.

— Espero que também não tenha matado sua mãe e mantenha o cadáver por aí enquanto imita sua voz! — Ela devolve no mesmo tom.

— Não matei minha mãe, embora não tenha me faltado motivo — resmungo, dando meia-volta para sair e deixá-la se virar.

— Ah não! — Escuto seu lamento e eu paro.

— O que foi?

Ela retira uma blusa de dentro da mochila.

— Está tudo molhado! Como vou me trocar? Não tem como usar nada!

Ok. Ela não deveria ter dito isso. Minha mente começa imediatamente a fantasiar com Sophia andando nua pela casa.

Putá merda, se ela lesse minha mente agora sairia correndo sem olhar para trás, pois teria certeza que sou um maníaco sexual.

Mas não sou.

Na verdade, eu nem sou o tipo de cara que cai em cima de qualquer mulher que aparece na frente. Até podia olhar e desejar ou ter alguma fantasia. Afinal, ainda era um cara, mas não passava dos limites nunca.

Por que nesse momento o simples fato de aquela garota descomposta sugerir uma nudez hipotética já me faz ter ideias pervertidas?

Cacete. Estou tão ferrado.

Não. Não estou. Porque Sophia passaria apenas a noite e desapareceria na manhã seguinte. Sim, é isso. Estou apenas sendo legal. Sendo um cavalheiro como meu pai me ensinou a ser.

Pensar no meu pai de repente tira todo e qualquer pensamento sacana da minha mente enchendo-a de pesar por um instante. Sacudo a cabeça e respiro fundo, encarando a moça desolada na minha frente.

— Eu te empresto algo para dormir e pode colocar tudo para secar na minha máquina. Fica lá embaixo depois da cozinha.

— Ah, obrigada! — ela responde com desânimo.

E vou para meu quarto, achando uma camiseta. Meu celular apita e o pego, irritado. Como previ está cheio de recados de uma enfurecida Lexi.

Aproveito para lhe enviar uma mensagem explicando que dei o fora, mas ocultando minha companheira de viagem surpresa e desligo o aparelho.

Quando volto ao quarto de hóspedes, está vazio. Escuto o barulho de água correndo no banheiro e, com algum esforço, bloqueio o fato de que Sophia está tomando banho no meu chuveiro.

Cara, eu preciso de uma transa. Uma foda bem dada.

Não com Sophia, claro.

Nem pensar. Não é uma boa ideia.

— Não é uma boa ideia — repito em voz alta pegando o celular. Digito uma mensagem para Robyn. Sim. Já fazia algum tempo que não ficava com ninguém, muito menos com Robyn. Mas ela era o que eu precisava agora. Algo descomplicado e seguro.

Deixo a camiseta em cima da cama e, antes que me afaste, algo chama minha atenção. Há uma pasta aberta ao lado da mochila. Chego mais perto e percebo que é uma dessas pastas em que as pessoas colocam recortes de revistas e fotos aleatórias.

E está cheia de fotos e notícias do Príncipe Harry.

De repente eu entendo.

— Porra, ela é uma fã do príncipe! — murmuro, folheando a pasta.

Não sei se tenho vontade de rir ou se estou irritado.

O certo é que agora entendo as motivações de Sophia. Ela era mais uma daquelas fãs malucas da realeza. daquelas que tinham uma obsessão por príncipes para ser mais exato.

Ridículo, para dizer o mínimo. Porém eu não tenho nada a ver com isso.

Nem a conheço.

E amanhã ela estará partindo.

Fecho a pasta e volto ao meu quarto quando o barulho do chuveiro cessa. Espero a porta do quarto de hóspede se fechar e me sinto seguro para ir tomar meu próprio banho.

Tiro a roupa e entro no boxe ligando o chuveiro, fecho os olhos, deixando a água quente levar todo o cansaço daquele dia bizarro. E quando os abro novamente solto um palavrão.

— Puta que pariu!

Tem uma calcinha rosa de renda pendurada na torneira.

Acordo com um som alto ecoando pela casa.

Mas que porra é aquela?... Adele? Sêrio?

Levanto-me tropeçando nos próprios pés e apanho o celular. É cedo, nem oito da manhã ainda. E quem está ouvindo Adele a todo volume? Moro em uma vizinhança muito tranquila. Minha vizinha é uma senhorinha de setenta anos!

Bocejando, saio do quarto e, quando estou descendo as escadas com os versos de *Hello* sendo entoados aos gritos acima da voz de Adele, lembro-me que tenho uma hóspede.

E lá está Sophia. De costas, vestindo apenas minha camiseta que mal chega a suas coxas, ela faz alguma coisa no fogão enquanto acompanha a música a plenos pulmões.

— Que porra é essa?

Ela vira e sorri.

Merda! Aquele sorriso.

Merda!

— Bom dia, Henry! Estou fazendo panquecas!

— Por que a música alta? Ainda não são oito da manhã, pelo amor de Deus!

Ela desliga meu aparelho de som com uma expressão culpada.

— Oh, me desculpe, não percebi que era tão cedo. Te acordei?

— Parece óbvio, não acha? — Arrasto-me até a cafeteira, meu humor melhorando um pouco quando vejo que tem café pronto. — Você fez café?

— Achei que deveria te preparar um café, já que foi tão legal comigo ontem. Você sabe... me deixado dormir aqui, me emprestando sua camisa e nem me atacando sexualmente e tal. — Ela sorri.

E o que eu faço? Eu sorrio de volta.

Idiota!

— Espero que goste de panquecas. — Ela retira uma panqueca da frigideira e põe num prato me entregando.

— É... gosto — Pego-o ainda meio atordoado.

É isso. Sophia me deixa atordoado e ainda não sei se é uma coisa boa ou ruim.

Sento à mesa e ela vem com um Xarope de Bordo, sorrindo pra mim.

— Para! — reclamo com um gemido.

— Não gosta de Xarope de Bordo? — Interrompe o movimento, confusa.

— Para de sorrir!

Ela fica ainda mais atordoada.

— O quê?

Como explicar a ela que quando sorria daquele jeito eu tinha vontade de me ajoelhar e abraçar sua cintura?

— Nada. — Volto a atenção para meu prato. — Então, quando pretende ir embora?

Isso. Já deu.

Sophia precisa ir. E rápido.

— Ei, Henry, está aí? — Uma voz nos interrompe e levanto o olhar para ver a garota entrando na cozinha.

Poppy é minha assistente. Eu havia colocado um anúncio no jornal buscando alguém para me ajudar nas sessões fotográficas, quando percebi que muitas clientes queriam fazer maquiagem para sair melhor nas fotos.

Apareceram muitas garotas e, depois de algumas tentativas equivocadas com algumas delas, que acreditavam que ir para cama comigo fazia parte do trabalho, encontrei Poppy Malone. Ela era uma ex-modelo *plus size*, com um visual *pin up* incrível e zero interesse sexual em mim. O problema é que namorava um babaca chamado Ravi há alguns meses e constantemente me deixava na mão quando se envolvia em confusão com o namorado.

E agora, ao encarar seus olhos vermelhos, percebo que hoje é um desses dias.

— Ei, Poppy.

Ela já não está olhando para mim e sim para Sophia.

— Hum, tem companhia? — Levanta a sobrancelha curiosa.

— Não! — nego ao perceber sua linha de pensamento. — Sophia, essa é Poppy, minha assistente — apresento. — Poppy essa é Sophia, ela... é uma hóspede. Só isso — acrescento.

— Oi, muito prazer. — Sophia a brinda com um daqueles seus sorrisos. — Amei sua saia.

Poppy hoje usa uma saia florida rodada e em vez de sorrir de volta e agradecer, enterra os rosto entre as mãos e começa a chorar.

Lá vamos nós.

Sophia me encara assustada.

— O que foi?

— Aposto que foi o Ravi. — Levanto-me e levo Poppy até uma cadeira.

— Ei, não chore, o que foi dessa vez?

Sophia coloca um copo de água na frente de Poppy.

— É água com açúcar.

— Água com açúcar?

— Minha avó jura que acalma!

— Ok... — Pego o copo e acaricio as costas de Poppy. — Tome isso, e

me conte o que aconteceu.

Ela levanta o olhar, fungando e lhe passa um lenço de papel.

— Ravi.

Claro. Ravi, o babaca.

— O que aconteceu?

— Ele não dormiu em casa!

— De novo?

— Ele jurou que não ia mais fazer isso!

— Tem que terminar com esse cara!

— Eu gosto dele.

— E daí? Você merece coisa melhor!

— Você não entende...

— Olha, precisa se acalmar. Daqui a pouco temos uma sessão.

— Eu sei, mas... — De repente o celular dela toca. E seu olhar se ilumina quando atende. — Ravi! Ah querido, onde você está?

Reviro os olhos, irritado.

Sophia me encara, confusa.

— Ravi é namorado dela?

— Sim, um idiota. Que vive aprontando e ela sempre o perdoa.

— Entendo como é...

Antes que possa perguntar por que, Poppy desliga e nos encara sorrindo empolgada enquanto se levanta.

— Tenho que ir.

— Não, temos que trabalhar...

— Desculpa, Henry, Ravi voltou e quer conversar. Ele está me esperando. — Ela pausa o olhar em Sophia. — Muito prazer em te conhecer!

E sai da cozinha, antes que eu possa impedir.

— Inferno! — Passo a mão pelos cabelos, irritado. — Tenho uma sessão de fotos daqui a uma hora e minha assistente está mais preocupada em acertar os ponteiros com o namorado cretino!

— O que você faz mesmo? — Sophia indaga curiosa. — Acho que falou algo ontem sobre tirar fotos de turistas?

— Sim, faço sessão com turistas.

— Ah que interessante.

Não parece que ela ache interessante. Aliás, as pessoas não entendem por que eu faço isso, mas não estou nem aí para elas.

— Há quanto tempo faz isso?

— Uns dois anos... Escute, preciso ver se acho alguém que saiba fazer maquiagem e cabelo para me acompanhar. — Pego o celular, pensando no que

fazer. A sessão era com um casal americano que estaria de partida amanhã, então não conseguiria adiar.

— Eu posso ajudá-lo — Sophia sugere e a encaro. — Eu sei fazer maquiagem e tipo, muito bem!

— Não sei se seria uma boa ideia — respondo com cautela.

Eu não estava há apenas alguns minutos desejando que fosse embora? Como que de repente estou cogitando passar a manhã com ela?

“É só trabalho. Apenas uma manhã.”

— Acho que seria a maneira perfeita de eu te agradecer.

— Achei que o agradecimento fosse o café.

Ela sorri.

E claro que eu concordo.

Sophia aparece na sala algum tempo depois vestindo jeans e camiseta. Os cabelos avermelhados ondulam até seus ombros e ela carrega um casaco nas mãos.

— Acho melhor colocar o casaco, está bem frio lá fora — advirto, vestindo meu próprio casaco.

Estávamos entrando em dezembro e a temperatura já estava abaixo de dez graus.

Ela veste o casaco e agradeço por isso quando passa por mim, assim não preciso me esforçar para não olhar sua bunda.

Notting Hill está tranquila hoje, sem a horda de turistas que costuma aparecer no fim de semana. Ao entrarmos no carro avisto a Senhora Crawford, minha vizinha, acenando do jardim e aceno de volta. Ela lança um olhar curioso a Sophia que eu ignoro.

— E então, aonde vamos? — Sophia pergunta quando dou partida.

— Hoje a sessão é no St. James e em Buckingham.

Os olhos dela se arregalam.

E eu lembro da pasta cheia de fotos do Príncipe Harry.

— Acho que você é uma fã, não? — brinco, e ela me encara confusa. — Da realza, vi sua pasta na cama ontem.

— Ah. — Seu rosto se tingiu de vermelho. — Você viu...

— Sim, eu vi. Por isso que estava na festa? Para ver o Harry? — falo rindo e ela desvia o olhar.

— Não quero falar sobre isso. — Seu tom é muito sério e eu paro de rir.

— Ficou chateada por não ter tido a chance de encontrá-lo? Sabe que nem poderia falar com ele, né? Havia uma regra idiota que foi informada a todos os convidados sobre a presença da família real. Ninguém podia chegar perto, a

não ser que eles pedissem, e só poderiam conversar se eles comessem. Ridículo!

— Você parece bem informado!

Dou de ombros.

— Eu estava lá, não?

— Ainda acho meio bizarro que estivesse!

Não respondo. Melhor parar o papo por aqui.

Estaciono e vamos encontrar meus clientes no hotel. Martha e John Walters são um casal jovem e animado por estarem pela primeira vez na Europa.

— Essa é minha assistente, Sophia. Ela vai fazer sua maquiagem.

— Que ótimo, nunca consigo me maquiar direito! — Martha se empolga.

Enquanto as duas se afastam para o banheiro da suíte, aproveito para combinar com John como vai ser a sessão. E torço para Sophia realmente saber o que está fazendo. Fico imaginando Martha saindo do banheiro parecendo o Bozo e sinto arrepios.

No entanto quando ela retorna com Sophia, está espetacular. Sim, Sophia sabia o que estava fazendo. Graças a Deus.

— Vamos?

— O que eu faço? — Sophia pergunta quando chegamos ao St. James, o parque que fica ao lado do palácio e posiciono o casal.

— Pode aguardar por perto. Se precisar de algo eu te chamo.

— Ok! Será que posso dar uma volta então? Pra passar o tempo?

— Ok, só não desaparece.

— Voltarei logo! — Acena e se afasta.

É melhor assim, nada de distrações enquanto trabalho.

No entanto, quando termino a sessão, Sophia ainda não voltou.

Onde ela se meteu?

Dou conta, enquanto me despeço do casal Walters, que não sabia o número de seu celular.

Droga.

Irritado, saio a sua procura, já imaginando que ela deva estar junto aos turistas amontoadas no portão do palácio, tentando tirar algumas *selfies* com um dos guardas. Entro no meio da multidão, procurando por todos os lados, e tomo um susto quando olho além dos portões.

Sophia está lá dentro. Correndo em direção à entrada, enquanto um guarda corre atrás dela.

Minha nossa senhora, como ela conseguiu entrar ali?

Por alguns segundos aterrorizantes, apenas estudo a situação, paralisado

no lugar, enquanto Sophia dá um “olé” no guarda e corre na direção contrária, onde outro guarda a intercepta e, como num filme, ela o empurra e continua correndo. Porra, ela é louca?

— Sophia, saia daí! — Finalmente consigo me mexer e grito.

Ela me escuta e olha pra mim rindo.

Rindo, caralho!

— Eu preciso entrar... — Ela faz um sinal como se fosse muito normal.

Meu Deus!

Olho para o portão aberto, onde a cavalaria está passando. Foi por ali que ela passou!

— Saia daí agora, quer ser presa, porra?!

Agora mais alguns guardas estão atrás dela e, finalmente, ela parece perceber a enrascada em que se meteu e corre em direção ao portão.

Corro na mesma direção, aproveitando a distração de todos os turistas que tiram foto dos cavalos e dos guardas. Puxo-a para fora e corremos sem olhar para trás. Nós nos infiltramos no meio da multidão e rezo para que tenham desistido. Que estejam pensando que é só mais uma brincadeira de turista sem noção. Saio da multidão e entro no parque, ainda correndo.

— Pare, Henry, não tenho mais fôlego — Sophia reclama e eu paro soltando-a. Ela coloca a mão no joelho, respirando com dificuldade.

— Você pirou? — grito exasperado.

Ela me encara ofegante.

— Eu precisava tentar!

— Tentar ser presa?

— O portão estava aberto! Foi... irresistível!

— Caramba, Sophia! Tem que parar de fazer essas merdas! Esse negócio de ficar perseguindo a realeza é ridículo!

— Não estou perseguindo ninguém!

— Não? E o que foi aquela invasão na festa ontem?

— Eu preciso encontrar o Harry.

— Que diabos!

— Você não entende! Ele vai casar com aquela...

Franzo a testa quando ela começa a chorar.

Mas que porra...

— Por que está chorando?

— Porque eu sempre sonhei me casar com ele!

De que merda ela estava falando?

— Ele...

— O Harry — Ela funga. — Desde criança eu sabia que ele ia se casar

comigo. Sabia que era meu destino! E agora ele vai se casar e eu não posso deixar acontecer! Se ele vai se casar com alguém tem que ser comigo! Então tenho que fazê-lo se apaixonar por mim! Era o que estava fazendo na festa ontem! Foi por isso que tentei entrar no palácio hoje! Claro que ele não está lá, mas se eu conversar com a rainha...

— Espera... está falando sério? — eu a interrompo chocado, achando que ela começaria a rir a qualquer momento dizendo que estava brincando.

Porra, ela está brincando, não é?

— Claro que sim! Eu vou me casar com o Harry!

— Sophia, você percebe o absurdo que está dizendo?

— Por que absurdo? A Kate conseguiu! Aquela atriz conseguiu conquistá-lo, não é impossível! Eu vou conseguir, só preciso... que ele me conheça. E ele vai se apaixonar por mim. — Ela sorri.

E desta vez o sorriso adorável me parece um tanto psicopata.

Minha nossa, quem é essa garota?

Capítulo 4

Sophia

Eu não devia ter contado a Henry sobre minha pequena obsessão por Harry. Agora ele fica me lançando olhares enviesados como se eu fosse alguma louca fugida do hospício, enquanto percorremos o caminho até Notting Hill.

— Acha que sou louca? — Arrisco-me perguntar quando estaciona em frente a sua casa.

— Você não acha que é? — Devolve minha pergunta e tenho vontade de gritar que não, não sou louca! Sei que se gritar e talvez agredi-lo um pouquinho talvez até me entenda, embora não seja a melhor maneira de parecer normal.

— Sei que parece insano. — Opto pela diplomacia enquanto descemos do carro. — Mas é bem sério.

Ele abre a porta da casa e entramos.

— Então você realmente acredita que vai casar com o Harry? O príncipe?
— Sua voz sai carregada de ironia.

Tento não me importar.

— Ok, não acredita em mim. Muitas pessoas foram consideradas loucas antes de realizarem feitos importantes!

— Quem, por exemplo? — Não posso deixar de reparar em como aquela camiseta fica bem nele quando retira o casaco.

— A pessoa que disse que a Terra era redonda, por exemplo?

Ele ri.

— Tudo bem, pode rir! Não me importo! — Passo por ele e vou até a área de serviço, abrindo a máquina de secar e pegando o resto das minhas roupas.

Tenho que voltar para Weybridge, bolar um jeito de retornar a Londres e realizar meus sonhos. Tento não ficar triste por estar indo embora, mas a verdade é que nunca me senti tão viva como nas últimas vinte e quatro horas.

Quando me levanto, Henry está ao telefone com cara de poucos amigos, furioso com sabe Deus o que a pessoa do outro lado está falando.

Passo por ele e vou para o quarto, começando a fazer minha mochila. Recordo-me de como me sentia exausta, física e emocionalmente quando acordei no carro de Henry ontem e percebi que ele tinha me trazido para a sua casa. E por um momento fiquei realmente com medo de ele ser um daqueles

caras que fazia coisas em troca de favores sexuais.

Não que fosse um sacrifício para qualquer mulher fazer alguma sacanagem com Henry Cavendish. Mas eu tinha algum princípio e não deixaria homem nenhum me usar.

Já bastam os anos que perdi com o embuste do Jack.

Não. Agora eu sou uma mulher com um objetivo.

Sem contar que estou aqui com a intenção de conquistar o homem com quem sempre sonhei me casar. E não posso me distrair com fantasias com outros caras. Mesmo que o cara seja lindo de morrer. E gentil. E com olhos acinzentados que pareciam me devorar quando pensava que eu não estava olhando.

Sim, eu já havia flagrado Henry lançando alguns olhares nada ortodoxos para minha bunda. Ou meu decote. E ainda não sabia dizer se estava atraído por mim, ou se era só um reflexo natural de um cara com uma garota por perto.

Porém não é algo com o qual deva me preocupar. Pois em poucas horas partirei e não o verei mais.

Essa ideia de não o ver nunca mais me deixa um tanto triste.

— Ei, bonita, quem é você? — Levanto a cabeça e um cara moreno, com cabelo raspado e cavanhaque, vestindo um short tão curto que aparece a polpa da sua bunda e uma blusa igualmente apertada está me encarando enquanto segura um espanador.

— Oi?

— Oi, sou Miguel — ele fala com sotaque espanhol, entrando no quarto, me medindo de cima a baixo. — Limpo a casa para o Henry.

— Ah, sim, entendi. Eu sou Sophia.

— Hum, isso é novo.

— O quê? Uma garota na casa do Henry?

— Uma que dorme no quarto de hóspedes sim. — Ele pisca. — Vai dizer que não aproveitou de todo aquele parquinho, *chica*?

Fico vermelha e Miguel solta uma gargalhada espalhafatosa.

— Querida, infelizmente ele não gosta de garotos latinos, porque se me desse chance! — Miguel se abana com o espanador.

— Ele não gosta de garotos latinos ou não gosta de garotos?

— Ao que parece não gosta de garotos. Não que eu não tenha tentado. E você, o que faz aqui dormindo no quarto de hóspedes?

— Longa história...

— Me ajude a arrumar a cama e me conte.

E enquanto ajudo Miguel não só a arrumar a cama como a passar o aspirador no quarto, conto a ele toda minha história.

Assim, tudo mesmo. Jack e seu egoísmo sexual, meus avós, a fazenda de morangos e meu sonho de casar com Harry.

Ele não ri ou me olha como se eu fosse insana como as outras pessoas.

E descubro que adoro Miguel.

— Certo, parece que está tudo limpinho por aqui. Vamos descer e ver onde está nosso garoto gostoso.

— Adoro seu sotaque, de onde é? — indago curiosa enquanto descemos as escadas.

— Porto Rico.

— Que incrível! Minha avó é brasileira.

— Sério? Por isso é uma garota legal. As latinas são as melhores.

— Quem é latina? — Henry indaga quando entramos na sala.

— Sua garota — Miguel pisca pra mim e eu o fuzilo com o olhar. Assim como Henry.

— Sophia não é minha garota!

— Ah sim, ela é a garota do Harry.

— Não ainda — resmungo.

— Parece que já estão bem íntimos. — Henry olha de mim para Miguel.

— Eu ajudei a limpar o quarto.

— Isso é serviço dele. Miguel, você não tem vergonha?

Miguel dá de ombros ligando o aspirador na sala.

Henry abre a cortina e espia lá fora.

— Miguel, acho que a polícia acabou de estacionar aqui em frente.

— Merda! — Miguel desliga o aspirador e sai correndo, desaparecendo pela cozinha, enquanto Henry ri.

— O que foi isso?

— Miguel é ilegal. Faço essa pegadinha com ele sempre e ele ainda cai.

— Credo, Henry, que maldade.

— Ele cai na real, assim que se esconde no armário, não se preocupe.

Ele volta a olhar o celular com expressão preocupada.

— Não parece feliz.

— Estava até agora no telefone com Poppy. Ela viajou com Ravi para a Escócia! Só volta daqui duas semanas.

— Ficou sem assistente? — Uma ideia começa a brilhar na minha mente.

— Sim, estou tentando achar alguém em uma agência...

— Eu posso ficar e te ajudar — sugiro.

— Você? Depois do que aprontou hoje?

— Não vou mais fazer isso! Prometo!

— Não tem que voltar a sua cidade?

— Não tenho. E são apenas quinze dias, não é?

Ele fica me encarando pensativo.

E só por via das dúvidas, abro um sorriso.

— Por favor, Henry...

— Não acredito que estou dizendo isso, mas ok. É temporário. E vou te pagar claro.

— Com certeza vai me pagar! Não faço trabalho escravo! — rebato séria, mas por dentro estou pulando e virando estrela!

Eu vou ficar em Londres!

O universo voltou a colaborar comigo!

Eu tenho um emprego e uma casa para morar!

E quinze dias para dar o pontapé inicial na realização de meus objetivos.

Duas semanas passam rápido demais, sem que eu consiga chegar nem perto de arranjar um jeito de me aproximar de Harry de novo.

E Henry parece claramente querer ficar longe de mim também.

De manhã, não aceitava as panquecas que eu fazia e resmungando (ele era um tanto mal-humorado pela manhã), apenas tomava café preto e explicava as sessões que faríamos no dia.

As sessões eram algo realmente muito legal de fazer e comecei a entender por que Henry achava tão gratificante aquele trabalho que parecia sem importância ou glamour. As pessoas amavam Londres e sempre estavam muito felizes e animadas de poder registrar seus momentos em uma cidade tão incrível através das lentes de um profissional. E eram pessoas de todo lugar do mundo. Rússia, Espanha, Canadá, Argentina até Brasil. E Henry ficou realmente impressionado quando me viu arriscando meu português com alguns turistas brasileiros.

— Minha avó é brasileira — expliquei, quando almoçávamos entre uma sessão e outra em um restaurante chinês. — Ela veio pra Inglaterra na década de setenta, fugindo do golpe militar no Brasil. E conheceu o vovô. Eles casaram e foram morar em Weybridge, onde compraram uma fazenda de plantação de morangos. É o negócio da minha família. Meu pai cuida da fazenda hoje em dia. Ele a transformou em uma fazenda do tipo “colha você mesmo”, sabe? As crianças adoram e temos muitos visitantes no verão.

— Que interessante, e sua mãe?

— Minha mãe morreu em uma complicação no parto quando nasci.

— Sinto muito, Sophia. — Ele pareceu consternado e eu dei de ombros.

— Eu nem a conheci, meus avós e meu pai são incríveis. Então, está tudo bem — minto como sempre faço. — E sua família? — Aproveitei para perguntar, porque eu não sabia nada sobre Henry.

Mas ele apenas chamou o garçom e pagou nossa conta, dizendo que estávamos atrasados para a próxima sessão.

E assim era Henry, nas poucas vezes em que conseguia realmente ter uma conversa, ele saía pela tangente quando o assunto era falar sobre si mesmo.

O que eu sabia era que ele morava em Notting Hill há dois anos. E quem contou foi Miguel, que aparecia duas vezes por semana para limpar e tínhamos as melhores conversas enquanto me ensinava espanhol e a dançar salsa. Nem ele sabia muita coisa sobre Henry.

Ele era um verdadeiro enigma. E não posso negar que estava cada vez mais interessada em desvendá-lo, mesmo sem saber se deveria. A questão é que eu me pegava ansiando que ele não desaparecesse em seu escritório no fundo da casa para tratar suas fotos ou sumisse à noite indo a algum *pub* e voltando apenas quando eu dormia. Às vezes eu tinha vontade de pedir que me levasse junto, mas me faltava coragem. Quer dizer, talvez esse não fosse o verdadeiro motivo. A verdade é que, se deixasse minha vontade de ficar perto de Henry vencer, estaria bem encrencada.

E me convencia que era melhor assim, cada um na sua.

Passava meu tempo livre navegando pelos sites de fofoca para saber dos passos de Harry e da tal noiva usurpadora e evitando as ligações do meu pai, que não estava nada satisfeito com minha mudança.

— Pai, eu estou trabalhando! — digo naquele fim de tarde quando atendo o celular na cozinha de Henry e meu pai mais um vez insiste que devo voltar para casa.

— Sei, com esse tal fotógrafo! Ainda não sei se acredito nessa história.

— Por que não acreditaria? É verdade! Estou bem aqui e devo voltar pra casa logo.

Sim, os quinze dias que Poppy dissera que ficaria fora tinham se esgotado e eu esperava ser dispensada por Henry a qualquer momento. E estava tentando achar um jeito de convencê-lo a me deixar ficar.

Só não sabia ainda como.

— Sua avó também está preocupada!

— Diz pra ela ficar tranquila!

— Ela disse que te deserda se não voltar para o Natal.

— Vocês falam como eu estivesse muito longe e não a duas horas de casa!

— Eu sei que é por causa do Jack que resolveu viajar...

— Ah, pai, o Jack não tem nada a ver com isso!

— Ele tem vindo aqui, diz que quer voltar com você.

— De maneira nenhuma voltarei com Jack! Eu tenho outros planos... —

Tarde demais descubro que falei mais do que devia.

— Outros planos? Que conversa é essa? Sophia, você está namorando?

— Não! Quer dizer, talvez esteja...

— Com quem? É o tal fotógrafo? Sabia que tinha alguma coisa nessa história...

Não consigo evitar ficar vermelha quando meu pai sugere que estou romanticamente envolvida com Henry.

— Não, pai, não estou com o Henry!

— Mas está na casa dele, isso não é certo, Sophia.

— Para de agir como se eu fosse uma menina de quinze anos! Sou adulta. Na minha idade você já era pai!

— Eram outros tempos...

Solto um risada. Meu pai era o mais superprotetor do mundo. Ou tentava ser.

Eu devia tê-lo ouvido quando tentou me dissuadir da ideia de namorar Jack. Mas papai havia afugentado todos os meus paqueras e Jack foi o único, por ser nosso vizinho, que conseguiu se aproximar o suficiente. E acho que eu tinha era medo de nunca namorar ninguém, como era a vontade do meu pai, certamente.

— Pai, preciso desligar...

— Quando volta pra casa? Sua avó está perguntando.

— Eu ligo amanhã, ok? — desconverso. — Eu te amo!

Desligo e aproveito para entrar na internet, para ver as novidades e sinto o chão fugir sob meus pés quando leio a notícia.

“O casamento do Príncipe Harry e a atriz Meghan Markle tem data marcada: 19 de maio de 2018.”

Não. Não pode ser!

Leio de novo, agora a nota inteira que ainda anuncia que o casamento vai ser na Capela de Saint George, no Castelo de Windsor.

— Mas que merda! — grito, sentando e apoiando os cotovelos na mesa, seguro minha cabeça entre as mãos, em choque.

— Sophia? O que houve? — Escuto a voz de Henry, mas não me mexo, continuo lendo e relendo a nota, tentando não chorar.

Henry se inclina para ver o que estou lendo.

— Ah sim, parece que os pombinhos escolheram o grande dia.

Levanto a cabeça o encarando com raiva.

— Eu duvido que esse casamento vá mesmo acontecer! — sibilo.

— Ah não? — Ele ri, abrindo a geladeira pegando uma cerveja, se encostando na pia. — Vai me dizer que continua com essa sua obsessão maluca? Achei que agora que até já marcaram a data você se conformaria.

Certo. Ele está rindo de mim. Mas não vou atacá-lo com chutes nem fazê-lo engolir aquela garrafa de cerveja. Não. Eu posso manter o controle.

— Pode rir de mim, não me importo! — resmungo, irritada e me levanto disposta a ser eu a me afastar desta vez, para conter meus instintos assassinos. E olha que sou uma pessoa bem calma, que não tem coragem de matar uma formiga. Porém estou irritada, e nem tanto com Henry, e sim comigo mesma.

Estou em Londres há quinze dias e não fiz nada!

Nada!

— Ei, quer ir a um a *pub* comigo?

Eu me volto, surpresa pelo convite.

— Está me chamando para sair? — Levanto a sobrancelha. Sem conseguir evitar um arrepio de expectativa.

Ai nossa.

Pare com isso, Sophia!

Ele dá de ombros.

— Não parece de bom humor, acho que precisa se distrair.

— É, acho que tem razão. Vou só pegar meu casaco.

Subo correndo para o quarto, o famigerado casamento real já esquecido e não só pego meu casaco, como troco de blusa também (uma mais decotada, afinal, era um *pub*, e não porque queria impressionar Henry ou algo assim). E faço uma maquiagem.

Quando desço, Henry está impaciente me esperando.

— Desculpe-me por te fazer esperar.

Ele fica me encarando.

— O que foi?

— Está maquiada?

— Qual o problema? Por que tenho que sair horrorosa? — Abro a porta.

— Você nunca é horrorosa, Sophia. — Ele me segue quando saímos na rua escura.

Eu o encaro com um sorriso brincando nos meus lábios, enquanto descemos a Portobello Road.

— Me acha bonita então?

— Você sabe que tem esse sorriso... — Parece estar buscando as palavras.

— Sorriso?... — Meu sorriso se abre ainda mais.

— Adorável — murmura e seu olhar captura o meu. Porra, incrível.
Sinto dificuldade de respirar.

Henry desvia o rosto primeiro e finalmente respiro, um tanto assustada com todo o calor que irradiou da minha barriga enquanto ele me encarava e que se espalhou por todo meu corpo.

Ah droga!

Entramos no *pub* movimentado e Henry me guiou até o balcão.

— Toma o quê? Cerveja?

— Prefiro uma *sider*.

— Ah, é uma garota de bebidas doces. — Ele sorri.

— Eu sou doce, não sabia? — Pisco.

Ele franze o olhar, incerto, e eu desvio os meus.

Inferno, eu estava flertando com Henry?

— Ei, bonitão? — Uma loira surge por trás do balcão e Henry sorri para ela. E na hora percebo que aquela moça o conhece. E ele a conhece. Biblicamente para ser mais exata. E me assusto com o fato de que não gosto nada disso.

— Robyn, uma cerveja e uma *sider* para a Sophia.

A moça nota minha presença e seu sorriso congela um pouco.

— Oi, não te conheço.

— Nunca vim aqui — respondo. — Mas pelo visto Henry vem sempre?

— Freguês assíduo. — Robyn coloca minha cidra no balcão e vai servir a *pint* de Henry.

— Posso imaginar a assiduidade — comento com ironia, quando Robyn se afasta para servir outro cliente.

— Por que esta sendo irônica? — Henry indaga.

— Ela é sua namorada? — Não consigo evitar a pergunta e Henry ri.

— Não.

— Mas você dorme com ela.

Não é uma pergunta.

— Está me interrogando? — Ele parece um tanto sem graça.

— Claro que não. Pode dormir com todas as garotas desse *pub*, não me interessa. Aliás, acho que vou circular e conhecer gente nova! — E antes que possa me impedir, já me afastei.

Não demora para um grupo de rapazes de terno e gravata me abordar e por um tempo me divirto jogando conversa fora com eles e com quem mais aparece por perto. Até que um cara alto, com cabelos cor de cobre se aproxima do grupo.

— Nunca te vi aqui. — Ele me mede e eu sorrio. É bem bonito e já estou

um tanto alta a ponto de considerar dar uns beijos para descontraír.

— Não sou daqui.

— Sou Simon Bennett e você é?

— Ei, seu cretino, o que faz aqui? — Henry surge antes que eu possa responder e fico surpresa ao ver que ele conhece o tal Simon.

— Ei, seu merda, achei que já tivesse saído com a Robyn, acabou o turno dela não?

— Vejo que já conheceu a Sophia. — Henry se coloca ao meu lado, ignorando o comentário de Simon, que franze a testa.

— Vocês se conhecem?

— Eu trabalho para ele! — respondo. — Sophia Davis, muito prazer.

Simon olha de mim para Henry e sei que ele está avaliando se o “trabalho para ele” é só isso mesmo.

— E é só isso — completo.

— Sei... — Ele não parece muito seguro.

— Diz pra ele, Henry!

— Não, não precisam me provar nada não. Sua assistente não era a Poppy?

— Ainda é, mas ela teve que viajar e Sophia a está substituindo.

— Então não rola nada mesmo?

— Por que está tão interessado? Quer ficar com a Sophia? Esse cara não vale nada, Sophia, ele pega garotas nos *pubs* e depois finge que nem as conhece. É um viciado em trabalho, filho da puta!

Simon não parece se importar com as palavras depreciativas de Henry.

— Então, interessada? — Ele sorri pra mim.

— Não, obrigada. — Simon é bem gato, mas é amigo de Henry. E além do mais, eu não estou atraída por ele.

— Por que não? Tem namorado?

— Não mais.

Henry levanta a sobrancelha, interessado no assunto.

— O que aconteceu? — Simon indaga.

— Ele era um babaca. E não quero falar sobre isso.

— Sim, Sophia está em outra já. — Henry me provoca.

— Cala a boca!

— Como é mesmo o nome dele? Harry?

Aff que idiota!

Mas não ia me acovardar com sua brincadeira.

— Sim, é esse o nome dele. E ele é maravilhoso!

— Maravilhoso? Como sabe? Quando transar com ele pode ter alguma

surpresa.

— Ah, duvido muito!

— Ei, que papo maluco é esse? — Simon nos interrompe.

— Henry é um idiota e ao que parece está com ciúme do... Harry.

— Ciúme? Eu só acho que você é louca por querer um cara que nem conhece!

— Vai se foder, Henry!

— Ei — Simon nos interrompe —, tem certeza que não existe nada entre vocês?

— Não!

Eu e Henry falamos ao mesmo tempo e Simon ri.

— Certo. Acabei de ver uma garota bem interessante. Vou ver se consigo salvar minha noite. Divirtam-se. — Ele dá dois passos e para. — Encontrei Lexi esses dias no The Ivy e ela estava bem brava com você, Henry.

— Lexi sempre está irritada comigo. — Henry deixa a *pint* vazia no balcão. — E acho que já deu por hoje. Vamos?

— Vamos.

Eu o acompanho para fora do *pub* e seguimos rua acima devagar.

— Quem é Lexi?

— Minha irmã.

— Ah. Nunca fala da sua família. Achei que nem tinha uma.

Ele ri.

— Não é meu assunto preferido.

— Você não se dá bem com eles? — arrisco.

— Não sei se é bem esse o problema. Digamos que temos algumas divergências de opiniões... Então você tinha um namorado? — Ele desvia a atenção para mim.

— O nome dele é Jack e ficamos juntos desde que eu tinha dezessete. E durou seis anos.

— Uau.

— Terminamos dias antes de você me encontrar naquela festa.

— Por quê? Espera... terminou com o tal Jack por causa do... Harry?

— Jack era um babaca. E esse foi só um dos motivos. — Desconverso, porém desconfio que Henry saiba muito bem meus outros motivos.

Estremeço quando um vento mais forte me faz encolher de frio e uma chuva fina começa a cair.

— Uau, está frio pra caramba e tinha que chover justo agora?

— Venha aqui.

Henry me puxa para que eu me abrigue em seu casaco, que é

impermeável. E não hesito em me abraçar a sua cintura enfiando a cabeça em seu peito.

Hum, ele cheira muito bem.

— Melhor agora? — murmura contra meu cabelo.

— Ah, o que seria de mim sem meu cavalheiro andante Henry Cavendish me salvando das intempéries do tempo? — Brinco com voz de donzela de contos de fadas e Henry ri.

Seu peito estremece junto ao meu.

— Quase um príncipe?

Eu rolo os olhos e o empurro.

— Não sabe brincar!

Ele continua rindo e me puxa de volta, eu paro quando escuto um miado próximo.

— Ouviu isso?

— O quê?

— Um miado.

Desvencilho-me de Henry e caminho até onde ouvi o miado e encontro um gato todo encolhido.

— Wow, olha Henry, é um gatinho! — Eu o pego.

— Deixe esse gato aí, Sophia!

— Não, ele pode estar perdido.

— Deve ser um gato de rua!

— Não parece, ele está limpinho. Olha que pelo bonito.

O gatinho esfrega sua pelagem cinza em mim e meu coração derrete.

— Temos que levá-lo para casa!

— Nem pensar!

— Não seja chato! Ele vai com a gente, não é gatinho? — Eu o abraço e continuo a subir a rua e Henry me segue nem um pouco feliz.

Quando chegamos em casa, sirvo leite ao gato e Henry fica espiando com um olhar horrorizado.

— Qual o seu problema? — Sento no chão enquanto acaricio o pelo do gato, já totalmente apaixonada.

— Não gosto de gatos.

— Como assim? Quem não gosta de gatos? Você não tem coração?

— Se é bem cuidado como diz deve ter um dono procurando por ele! Devia largá-lo na rua.

— Agora? Não! — Levanto-me, levando o gato junto. — Bem, podemos procurar o dono dele... Mas se não tiver...

— Nem pense em ficar com ele!

— Por que não? Olha como é lindo! — Esfrego meu rosto em seu pelo macio e Henry revira os olhos, quando o gato pula do meu colo e volta ao leite no pires.

— Melhor irmos dormir. Amanhã temos uma sessão cedo em Kensington — ele resmunga saindo da cozinha.

Kensington, sério?

Ai meu Deus. Kensington é a residência oficial do Harry.

É o sinal que estive esperando todos esses dias!

— Obrigada, universo! — sorrio, animada.

Amanhã eu darei um jeito de entrar na casa do Harry.

Vai dar certo. Estou sentindo.

Capítulo 5

Sophia

Cantarolo Adele na manhã seguinte enquanto preparo o café e Miguel entra na cozinha.

— Tem alguém muito feliz hoje, hein? — Ele me cutuca e não posso deixar de concordar. Desde que acordei estou muito animada. — Posso saber qual o motivo de tanta alegria? Vai dizer que é esse gatinho aqui? — Ele segura o gato cinza que eu e Henry encontramos ontem e senta à mesa.

Sirvo duas canecas de café e o acompanho.

— Na verdade estou feliz, porque hoje vou dar um passo enorme em direção aos meus sonhos.

— Ah... O que vai aprontar dessa vez?

— Hoje vamos fotografar em Kensington!

— E daí? Vai tentar correr para dentro do palácio como fez em Buckingham? Ainda fico rindo sozinho ao imaginar a cena!

— Não, aquilo foi impulsivo. Agi sem pensar. Desta vez passei boa parte da noite estudando o local e tentando descobrir um jeito de chegar ao apartamento do Harry.

— E conseguiu?

— Sim, e é um plano perfeito! — Pisco me inclinando para frente para contar a Miguel, mas Henry entra na cozinha e me calo.

Não só porque ele desistiria de me levar junto se soubesse de minhas reais intenções, mas também porque ele está usando apenas uma calça de pijama que se equilibra precariamente em seus quadris estreitos e não consigo desgrudar os olhos de seu torso perfeito.

— Uau! — Miguel suspira, também atraído pela perfeição diante de nós.

E quando Henry se vira em nossa direção, desvio os olhos, vermelha.

— Sophia, desligue essa música, ninguém merece acordar essa hora da manhã com isso... — Henry resmunga enquanto se serve de café.

— Você é tão chato de manhã! — Levanto-me e desligo a música.

— Mas tão gostoso — Miguel cantarola baixinho ao passar por mim.

— Prefiro o Harry — desdenho, retirando o gato de seu colo.

— Ah, sério? Estava vidrada no peito do chefe assim como eu, sua safada!

— Cala a boca! — Relanceio o olhar para Henry receando que tenha ouvido, mas ele está com o olhar preso no celular, todo mal-humorado ainda.

O gato pula do meu colo e vai se esfregar em sua perna.

— Gato esperto — Miguel ri enquanto Henry dá um pulo, assustado.

— A porra desse gato ainda está aqui?

— Onde mais estaria? — Pego o gatinho, acariciando seu pelo.

— Tem que se livrar dele!

— Por quê? Ele é tão lindo!

— Se vamos ficar com ele, precisamos de um nome — Miguel sugere.

— Sim! — Meu rosto se ilumina.

— Acho que devia chamá-lo de Harry.

Caio na gargalhada.

— Não!

— Por que não? Fica se esfregando nesse gato como se quisesse se esfregar no seu queridinho.

— Para, Miguel!

— Foi só uma ideia! O que acha, Henry?

Henry nos lança um olhar exasperado.

— Ele não precisa de um nome, porque Sophia vai se livrar dele ainda hoje!

— Não vou! Ele é nosso hóspede até encontrarmos seu dono! E tem razão, temos que lhe dar um nome. Acho que Harry pode servir por enquanto...

— acaricio seus pelos. — Ei, Harry, tão lindo...

— Desisto! — Henry revira os olhos, indignado, voltando sua atenção ao celular.

— Você acha que o Harry é bem dotado? — Miguel pergunta.

— Miguel! — Fico vermelha, porque Henry ainda está ali e levanta a sobrancelha, mesmo com os olhos presos no celular, denunciando que ouviu a pergunta de Miguel.

— Ah, vai dizer que nunca pensou nisso? Acha que ele é bom de cama? Porque, querida, se ele não for, nem vale a pena todo o sacrifício! E você, o que acha, Henry? Acha que nossa garota vai se dar bem com o príncipe real entre os lençóis?

— Por que acha que eu tenho que responder a isso? — Henry se indigna e Miguel ri, porque com certeza seu intuito era provocar.

Alguém bate na porta e Henry se afasta para atender e encaro Miguel.

— Pare de provocar!

— Adoro quando ele fica nervoso, já reparou como fica sexy? — Miguel suspira.

— Ei, Miguel — Henry volta para cozinha com o rosto alarmado —, se esconda, *cara*, acho que é a imigração.

Miguel pula da cadeira, como um desenho animado, correndo e pulando a janela sem olhar para trás, deixando Henry gargalhando.

— Você devia ter vergonha de fazer esse tipo de brincadeira! — Passo por ele e lhe dou um tapa na cabeça.

— Ei, você me bateu? — Ele puxa meu braço e ruborizo, só então me dando conta do meu gesto.

Eu costumava fazer isso direto com Jack e até mesmo com seu irmão, pois tinha liberdade para tanto, mas com Henry era algo bem diferente e eu o encaro sem graça.

— É, acho que sim, desculpe-me! — Toco seu peito, com o intuito de empurrá-lo para que me solte, mas meus dedos encontram seu peito morno, duro e muito convidativo e permanecem ali, como se fosse um ótimo lugar para descansar.

E de repente estamos assim, com Henry ainda segurando meu pulso e minhas mãos pousadas em sua pele. Levanto a cabeça, seu olhar captura o meu e uma onda de desejo inunda meus sentidos, fazendo meu pulso acelerar e todo o ar a nossa volta tornar-se rarefeito. Henry arrasta aqueles olhos incríveis para minha boca e eu derreto. Assim, fácil e inesperado estou louca para que Henry me beije. Muito. E intensamente.

— *Cara*, acho que quebrei meu tornozelo quando pulei a janela. — A voz de Miguel nos alerta de sua presença, Henry me solta e sai da cozinha sem falar nada.

E eu fico ali, ainda meio em choque, enquanto Miguel entra mancando.

Uau! Henry ia mesmo me beijar?

Será?

A coisa toda durou apenas alguns segundos, mas naqueles breves momentos em que apenas a ideia do beijo pairou entre mim e Henry, senti mais excitação do que em todas as vezes que Jack me beijou.

— Ei, o que foi? Vai me contar seu plano? — Miguel estala os dedos na minha frente e eu pisco, desorientada.

Sim. O plano. Kensington e Harry.

É no que preciso me concentrar.

E deixar de lado toda a distração que Henry representa.

Porque era apenas isso. Uma distração.

E tenho que manter o foco no meu objetivo.

Estou um tanto nervosa quando chegamos ao jardim de Kensington. Hoje

iremos fotografar um casal de namorados argentinos que estão na Inglaterra pela primeira vez e ficam empolgados com tudo. Como sempre, Henry tem a maior paciência para guiá-los e tirar o melhor do momento. Enquanto estamos fotografando em um dos jardins, relanceio o olhar para o palácio, ansiosa. Eu tinha pesquisado muito durante a noite e aprendido como funcionava o palácio, que era residência de quinze membros da realeza, incluindo William, Kate e seus filhos, e Harry. Além deles, outros membros da família real ocupavam os apartamentos do palácio e justamente um desses membros me daria a oportunidade perfeita para entrar na parte do palácio não aberta ao público hoje.

Só espero que dê certo.

Henry continua seu trabalho alheio a tudo a sua volta, como costumava fazer e dou alguns passos para trás e me viro, afastando-me do jardim sem avisá-lo. Se eu tivesse sorte ele continuaria distraído por algum tempo antes de dar por minha falta. E até lá espero já estar dentro do palácio.

Apresso meus passos pela alameda, passando pelos turistas e entro no café. Acho o banheiro, me tranco lá e tiro meu casaco, revelando por baixo uma roupa branca que saí cedo para comprar. Estudo minha imagem no espelho. Será que pareço uma massagista?

— Claro que sim! — respondo, enquanto prendo o cabelo.

Passeando pela internet ontem, li uma matéria sobre o Duque de Albany, um parente da rainha que vivia com sua esposa em um dos apartamentos. O duque era um homem de sessenta anos, que gostava de equitação e participava de competições até que sofreu um acidente, que o tirou do páreo e atualmente precisava fazer inúmeras sessões de fisioterapia sendo conhecido por viver procurando tratamentos alternativos. Até aí nada que pudesse me ajudar, porém em uma entrevista a uma revista sobre equitação o duque citou o nome de uma massagista russa, chamada Irina Ivanov, que, aparentemente, era famosa por tratar lesões no quadril a quem ele demonstrava grande interesse em conhecer, embora sua esposa, a duquesa, não estivesse muito interessada em deixar seu confortável lar para ir encontrar uma massagista russa.

— Olá, sou Irina Ivanov — recito para o espelho usando um forte sotaque russo, carregado no R, e sorrio empolgada.

Satisfeita, ajeito a bolsa no ombro e saio do banheiro, caminhando resoluta para a parte do palácio não aberta ao público. Paro nos portões e um dos guardas me encara inexpressivo. Certamente está pronto para me enxotar. Com alguma sorte, ele não o fará.

— Boa tarde, sou Irina Ivanov, vim encontrar o Duque de Albany.

Olho através do homem, tentando enxergar alguma coisa. Mas não há nenhum movimento no jardim.

— Não temos nenhuma informação de visitas para o duque hoje.

— Acho que o senhor deveria verificar! Ele está ansioso para me conhecer e ficaria muito irritado se minha presença não fosse informada. — Capricho nos r do sotaque.

— Desculpe, mas não tenho autorização para perturbar o duque...

Droga, que cara chato!

Olho para os lados, pensando o que mais posso dizer para convencê-lo quando, de repente, noto uma movimentação no jardim e reconheço o Duque de Albany com sua barba branca. Isso!

— Duque! — grito, para a consternação do guarda. — Duque de Albany, por favor!

O senhor vira o rosto em minha direção franzindo a testa confuso.

— Meu nome é Irina Ivanov, vim da Rússia apenas para conhecê-lo, mas esse guarda está dificultando as coisas!

Por um momento, espero o duque se situar, rezando para que ele não vire as costas e desapareça, mas vejo seus olhos se iluminarem.

— Oh que surpresa agradável! Você é realmente Irina Ivanov? Parecia mais velha na foto...

— Todos dizem isso...

— Vamos, deixe a senhorita passar, Carl! — O velho homem pede impaciente.

— Mas senhor... — O pobre rapaz parece hesitante.

— Ande logo! — O duque insiste e o guarda abre o portão.

E assim, estou dentro.

Estou em Kensington!

— Desculpe-me por não entrar em contato formalmente. Estava de passagem por Londres, para um... simpósio de massagistas — minto, enquanto tento não surtar e sair pulando e gritando “Harry, meu amor, estou aqui!”. — Li sobre seu problema no quadril e sobre a vontade de me conhecer, e não podia deixar de atender um pedido da realeza inglesa...

— Fez muito bem! Li maravilhas a respeito de seus métodos! Dizem que tem mãos mágicas!

— Sim, minhas mãos são realmente mágicas — sorrio sem falsa modéstia. Humildade para que se era tudo mentira?

Só precisava enrolar o duque tempo suficiente para pedir para ir ao toalete e desaparecer em direção a Nottingham Cottage, a residência do príncipe. Harry morava ali desde 2013 e, pelo o que dizem, a noiva usurpadora mudou-se para cá depois do anúncio de noivado, o que não é o suficiente para me intimidar. Agora é guerra!

— Formidável! — O duque sorri satisfeito. — Me acompanhe, Senhorita Ivanov.

Eu me preparo para seguir o duque, mas paraliso ao ver Henry se aproximando por trás dos portões com a expressão horrorizada!

Ai merda! Ele vai me entregar!

Pensando rápido, sorrio em sua direção.

— Ah, aí está, meu assistente!

— Mas que porra... — Henry esbraveja e eu o corto.

— Duque, esse é meu assistente, Dimitri... Fedorov! Ah, desculpe pelo linguajar de... Dimitri. Ele não fala bem o inglês, confunde as palavras. Ele acha que porra significa bonito.

— Você pirou?

Eu rio e olho para o duque.

— Você pirou acho que para ele quer dizer “muito prazer”.

— Ah, o inglês pode ser difícil mesmo — o duque afirma. — Carl, deixe o assistente da Senhorita Irina Ivanov entrar.

— Dimitri, estou aqui numa missão muito importante, acho que entende não? — digo entredentes. — Sei que quer ir embora, mas eu não vou. Se quiser voltar para... o hotel, fique à vontade. Eu permanecerei aqui e espero que não me atrapalhe — completo o aviso com um sorriso frio.

E espero que Henry não tente me impedir. Ele hesita, provavelmente se dando conta de que, se me entregar, serei presa. Para dizer o mínimo

— Bem, senhorita... Irina — ele sibila —, acho que devido às circunstâncias é melhor que eu permaneça com você. Talvez precise ajudá-la, caso se meta em alguma confusão.

Viro-me para o duque enquanto o guarda abre o portão.

— Ele quis dizer com se meter em confusão “ajuda com a massagem”.

— Ah sim. Por favor, acompanhem-me.

O duque segue na frente e Henry aproveita para segurar meu braço.

— Que merda pensa que está fazendo? — cochicha.

— Sabe muito bem.

— Enlouqueceu de vez? E quem diabos é Irina Ivanov?

— Uma massagista russa famosa que o duque queria encontrar!

— Está pensando que vai encontrar o Harry aqui?

— Claro que vou! Ele mora aqui!

— Sophia, temos que sair daqui agora...

Eu puxo meu braço.

— Nem tente me impedir! Eu falei que podia ir embora!

— Por aqui. — O duque abre as portas francesas para uma sala elegante,

com móveis clássicos, cortinas e tapetes claros.

— Que bela sala, senhor — elogio.

— Minha esposa decorou. — Ele segue pelo corredor, e a sala fica para trás, até abrir a porta de um aposento enorme que parece um jardim de inverno e onde tem até uma maca de massagem armada. — Chegamos, montei esse espaço para que pudesse receber os tratamentos. Acha adequado?

— Hum, certamente. Muito bom! Se parece muito com meu espaço na... Cracóvia — invento.

— Cracóvia?

— É a cidade onde moro.

Henry revira os olhos, mas permanece em silêncio.

— Fiquem à vontade. Pedirei aos criados para servirem um chá, enquanto me preparo.

Preparar-se?

E o homem se afasta para dentro da casa. Eu encaro Henry.

— O que ele quis dizer?

— Diga você, que é a massagista profissional!

— Não seja engraçadinho! Se não for me ajudar, melhor sumir!

— Te ajudar? Enlouqueceu?

— Está fazendo o que aqui então?

Uma empregada entra trazendo uma bandeja com chá e coloca em uma mesa de canto.

Eu a encaro sorrindo.

— Pode me dizer onde é o banheiro?

— A próxima porta no corredor à direita.

A mulher se afasta e Henry me encara.

— O que pretende fazer?

— Eu vou conversar um pouco com o duque e depois pedir para ir ao banheiro, então vou aproveitar para sair e ir para Nottingham Cottage.

— E você acha que vai dar certo?

— Vai dar!

— Quer saber, já chega! Não vou deixar você se meter em uma enrascada pior. Vamos embora agora.

— Não!

— Ok, você escolheu. Assim que o duque voltar vou contar exatamente quem você é e acabar com essa loucura.

— Nem ouse! Quer que eu seja presa? É o que quer?

— Porra, Sophia! — Recua e nesse exato momento o duque volta à sala e está usando um roupão.

— Bom, estou pronto para conhecer suas mãos mágicas, minha cara!

Henry abre a boca e eu decido agir.

— Na verdade, prefiro fazer o primeiro atendimento sozinha — Viro-me para Henry —, Dimitri, se puder me esperar lá fora.

— Ah sim, se é como funciona — o duque concorda —, Dimitri aguarde na sala de estar.

Henry hesita por um momento, me lançando um olhar ameaçador.

— Não vou a lugar nenhum, entendeu? Se sair você irá junto — ameaça antes de sair.

Sorrio para o duque que acompanha a saída de “Dimitri” aturdido.

— Ele quis dizer “Espero que faça sua mágica com o duque, Irina”.

— Ah, eu também espero! — E sem aviso o duque tira a roupa, ficando pelado na minha frente.

Misericórdia!

E agora?

— Achei que fôssemos conversar sobre seus problemas, duque — Desvio o olhar, chocada.

— Melhor já começarmos com a massagem! Assim já vai sentindo onde preciso de maior atenção! — O homem sobe na maca, de bruços. — Dói mais no quadril e no cóccix.

Meu Deus, vou ter que pôr a mão na bunda do duque?!

— Ouvi dizer que a senhorita utiliza um óleo especial?

— *Da... Sim...* — Abro minha bolsa. — Claro, meu óleo especial... — Pego meu hidratante para as mãos. Vai ter que servir. — Hum, feche os olhos, por favor, duque. E relaxe.

O homem faz o que pedi e me aproximo, tentando não olhar para o corpo avantajado sobre a maca.

Ah minha nossa.

Espiro o creme na mão e toco as costas do homem, massageando, enquanto olho para todos os lados, menos para o que estou fazendo.

— Acho que já pode ir para a área que te falei...

Ai Jesus!

Desço a mão e justamente quando toco o traseiro gordinho do duque uma mulher loira elegante surge na porta.

— O que está acontecendo aqui?

Ai merda, é a duquesa!

A mulher entra na sala e dou um passo para trás, com as mãos para o alto como se a própria polícia tivesse me abordando.

— George, pode me explicar isso?

O duque senta na maca olhando para a esposa.

— Felícia, essa é a massagista russa de que falei, a famosa Irina Ivanov.

— Está louco? Irina Ivanov tem cinquenta anos de idade e é loira! Você está mentindo para mim de novo, George? Achei que já tivéssemos passado dessa fase...

Ai meu Deus, tenho que dar o fora daqui.

— Não seja insana, Felícia! A Senhorita Ivanov estava utilizando suas técnicas...

— Ah, faça-me o favor! Eu mesma falei com Irina Ivanov ao telefone e ela me disse que nunca viria à Inglaterra para nos atender... Quem é você, mocinha?

E agora?

— Acho que está havendo algum engano, meu nome é Irina Ivanov, a senhora deve estar se confundindo... — balbucio.

— A mim não engana, não sei o que esse velhote te prometeu, mas vai sair daqui agora! Chame os seguranças! — Ela grita para a empregada que entrou na sala alertada pelos gritos.

— *Da*, estou saindo agora. — Pego minha bolsa e, ignorando a discussão do casal que continua na sala, saio quase correndo.

Henry me encontra no corredor.

— Temos que dar o fora daqui...

— Sabia que ia dar merda! — Ele me acompanha em direção à saída. — O que aconteceu? Ouvi gritos...

— A duquesa sabe que não sou Irina Ivanov. E mandou chamar os seguranças!

Eu ainda paro no jardim.

— E se eu fosse a Nottingham Cottage...

— Nem pensar! — Ele puxa minha mão e o mesmo guarda que nos deixou entrar ainda está por lá.

— Já terminaram?

— Sim, temos que ir agora — Henry diz calmamente.

Olho para trás, lamentando ter que ir antes de ao menos tentar encontrar Harry, mas Henry me puxa portão afora e andamos apressados até estarmos no Hyde Park.

— Puta que Pariu! — Ele explode e eu mordo os lábios.

— Estava dando certo...

— Dando certo? De onde tira essas ideias malucas?

— Eu tinha que tentar, você sabe que preciso...

— Sei que precisa cair na real! — Ele continua andando, nervoso, e eu o

sigio até que chegamos ao estacionamento.

Entramos no carro em silêncio e Henry continua furioso. Quando chegamos em casa, ele me encara exasperado.

— Achei que tivesse desistido dessas maluquices.

— Por quê? Não vou desistir!

— Não percebe o quanto isso é insano?

— Henry, nunca quis tanto algo que, mesmo todo mundo dizendo que é impossível, você deseja tanto, do fundo do seu coração, que faz tudo para tornar possível?

— Você acredita mesmo que isso que quer é possível?

— É enquanto eu acreditar! — digo com fervor. — Sei que você pensa que eu sou louca, mas não me importo. Eu acredito! E não vou deixar ninguém me dizer que não é possível!

— Sophia, hoje você se colocou numa situação que poderia ter acabado muito mal.

— Eu sei. Mas pelo menos estou tentando. E tenho que correr riscos. Não me importo. Só não posso desistir.

Henry joga as mãos para cima.

— Desisto.

— Vai me mandar embora? — sussurro com medo.

— Você sabia que teria que ir quando Poppy voltasse.

Sacudo a cabeça concordando, com vontade de chorar.

Não quero ir. Não quero voltar para minha casa, para minha vida sem graça e sem perspectiva.

Não quando eu sei que nasci para mais.

Para algo real e extraordinário.

Tenho que dar um jeito de ficar.

Se bem que, depois da confusão de hoje, duvido que Henry me queira por perto.

Vou para a cozinha, sento-me à mesa, me sentindo miserável. De repente, ouço passos e Henry joga dois ingressos na minha frente, reconheço o nome. Adele.

Levanto a cabeça, aturdida, encarando-o.

— Eu comprei para você.

Abro a boca sem saber o que dizer em choque.

Eu tinha comentado com Miguel a semana inteira que gostaria de ir nesse show, mas as entradas haviam esgotado, além do mais, eu não tinha grana para tanto.

— Você conseguiu esses ingressos... para mim? — sussurro.

Ele dá de ombros.

— Achei que quisesse ir e... É uma forma de agradecer por ter me ajudado esses dias sem Poppy. Não é nada.

— É muito! — Sinto meu coração saltando no peito. Feliz não só por saber que tinha aqueles ingressos, também porque Henry se dera ao trabalho de consegui-los. — Obrigada. Você... vai comigo?

— Achei que fosse com Miguel.

— Sei que não é sua cantora preferida, mas eu gostaria de ir com você. Por favor? — sorrio.

Henry respira fundo.

— Porra, Sophia, como você consegue fazer isso? — reclama, antes de sacudir a cabeça afirmativamente e sair da sala resmungando. — Esteja pronta às cinco!

Capítulo 6

Henry

Hoje, pela primeira vez em toda minha vida, comecei acreditar que minha mãe tinha razão afinal quando dizia que eu devia sofrer de algum grau de insanidade mental.

Porque o que explicaria o fato de ter colocado sob meu teto uma doida varrida que acreditava piamente que irá se casar com o Príncipe Harry e, como se não bastasse, ainda tentou invadir uma residência real, não uma, mas duas vezes? E pior, em vez de arrastá-la direto para um manicômio mais próximo, eu tinha colaborado com suas sandices, deixando que me chamasse de Dimitri “sei lá o que for”. E o que eu tinha feito depois de tirá-la de uma enrascada (de novo)? Tinha jogado suas roupas porta afora com uma sumária demissão? Não! Eu tinha a convidado para um show!

Um show da Adele, Jesus Cristo!

Agora, a escuto cantarolando enquanto desce as escadas e me lança aquele sorriso que só podia ser obra de algum anjo caído. É, daqueles que a Bíblia dizia que tentava os homens por aí. Certo, eu nunca tinha lido a Bíblia, mas acho que era isso que tia Claire queria dizer quando sussurrava no meu ouvido durante toda minha adolescência coisas do tipo “Cuidado com as tentações, Henry, o tihoso se esconde atrás de um lindo sorriso para levá-lo para a perdição.”. Sim, tia Claire tinha se convertido a algum tipo de religião ou seita ou sabe lá como chamava, depois que tio Martin a abandonara por uma mulher com a metade de sua idade, a deixando sozinha com meu primo Hugh e uma dívida enorme, o que a fez se mudar para nossa casa. E não sei por que estou escutando a voz horripilante de tia Claire agora, como se tivesse ali na sala, com seu perfume Chanel nº5 e seus dentes brancos demais e cabelos cheios de laque “Cuidado, Henry. Cuidado com a tentação.”.

— Cala boca, tia Claire — murmuro sacudindo a cabeça e Sophia me encara confusa.

— Falou comigo?

— Não. — Pego meu casaco. — Vamos?

Evito o seu sorriso animado quando abro a porta e ela passa por mim. Graças a Deus usando um casaco comprido, o que evita que meus olhos cobiçosos se sintam tentados a dar uma olhadinha no que não devia.

— Estou tão animada! — Seguimos pela rua, em direção ao metrô, e eu cruzo os braços, me perguntando de novo o que diabos havia de errado comigo.

Minha mãe tinha mesmo razão?

Ainda me lembrava de suas palavras proferidas com raiva quando deixei minha casa há dois anos “Isso é insano, Henry! Não pode estar falando sério! Ir para Londres e trabalhar com essa porcaria de fotografia? Com certeza precisamos consultar o Dr. Lewis! Isso não pode ser normal! Eu sabia que a doença da sua tia-avó Martha poderia ter consequências nas gerações futuras...”.

Até hoje eu achava que minha mãe estava apenas brava por eu ter me negado a assumir os planos que ela tinha feito para mim. Mas devido aos últimos acontecimentos envolvendo Sophia Davis talvez devesse dar razão a ela.

— Você está estranho — Sophia comenta. — Ainda está bravo comigo? — Sua voz tem um tom culposos que me deixa com o estômago apertado. E seu olhar é como daqueles cachorrinhos perdidos.

Merda. Mil vezes merda.

— Não.

E é verdade. Não sei como ela fez isso, mas já não estou mais bravo.

— Tem certeza?

— É impossível ficar bravo com você por muito tempo — confesso com um sorriso relutante.

Ela parece satisfeita com a resposta.

Claro que ficaria.

Imagino se ela consegue, contrariando todas as expectativas, fisgar o príncipe que tanto quer. Como qualquer pessoa com um pinga de bom senso, acredito na impossibilidade de tal intento. Mas agora, sou levado a crer que Sophia tem mesmo meios de conquistar seu propósito. Sério, se ela sorrir para Harry deste jeito, ele vai cair feito um patinho. Como eu estou caindo agora. Levando-a para um show em Wembley, de uma cantora que nem curto e que, devo frisar, foi difícil pra caramba conseguir os ingressos.

— Acha mesmo possível? — Vejo-me perguntando.

— O quê?

— Conquistar o seu príncipe.

— Não é o meu príncipe. Ainda! — Ela ri. — Mas eu acredito sim, por que não? Tudo é possível.

— Sério? Tudo?

— Bem, quase tudo! Mas este objetivo, em particular, é totalmente possível! Veja a Kate. Ela tinha o pôster do William na parede! E hoje eles são casados e têm filhos! Ela é uma princesa.

— Duquesa. — Eu a corrijo. — Você sabe que não pode ser princesa se

casar com o Harry, né? Não tem sangue real. O máximo que vai conseguir é algum título de duquesa, como a própria Kate.

— Mas eu seria chamada de princesa, porque seria casada com o príncipe! E fala sério, não seria tão ruim assim ser uma duquesa! Além do mais, a rainha pode alterar essas regras por meio de uma carta patente!

Levanto a sobrancelha, curioso. Claro que eu sei disso. Mas me admira que Sophia saiba também.

— Parece bem informada.

— Claro que estou! Eu disse, Henry, eu sei o que estou fazendo! Estou preparada! A rainha pode conferir o título de princesa a mim, se quiser, por exemplo! Assim como fez com o marido, Príncipe Philip! E agora com Charlotte, a filha da Kate e do William. Ou seja, eu posso sim, ser uma princesa.

— Ela para em frente a uma das muitas lojas de Portobello Road. — Olha que lindo! — Admira os inúmeros *fascinator*s e chapéus expostos e apanha um deles, o colocando sobre os cabelos. É um *fascinator* rosa com o véu cobrindo seus olhos. — E aí, fiquei bem?

— Parece bem pretensiosa.

— Mas pareço uma princesa?

— Acho que para princesa precisaria de uma tiara, não?

— Ok, pareço uma duquesa, então?

— Sim, uma duquesa bem pretensiosa e metida e besta, satisfeita? Agora para com isso e vamos embora. Ainda temos que pegar o metrô. — Tinha optado por ir de metrô até Wembley, o estádio onde aconteceria o show.

— Acho que vou comprar, sempre quis ter um! — Ela tira o *fascinator* da cabeça e espia o preço, arregalando os olhos — Credo, custa mais de cem libras! — Recoloca-o no lugar, desistindo de seu adorno real.

Seguimos em frente e entramos no metrô, um tanto cheio naquele horário e ficamos de pé, enquanto prosseguimos.

— Então, consegui te convencer que vou conquistar o Harry? — ela pergunta.

— Não tem que me convencer, Sophia.

— Mas eu quero! Sei que é difícil de acreditar, mas... É só algo que eu sempre sonhei. Desde criança.

— Por que o Harry?

— Por que a gente ama alguém? Não tem que ter um sentindo.

— Espera, está querendo dizer que ama Harry?

— Claro que sim! Por que acha que estou aqui?

— Por que é maluca?

— Eu podia ficar brava por me chamar de maluca, mas não vou. Hoje

você tem pontos comigo por me trazer ao show!

— Certo. Então deixa eu entender. Você o ama, mas nem o conhece?

— Como não conheço? Eu sei tudo sobre ele! Agora só preciso que ele me conheça e aí, vai se apaixonar por mim.

— Fácil assim?

— Sim, porque é o destino!

— Então, você já imaginou o que vai conversar com ele quando se conhecerem? — Dou corda para sua insanidade, me perguntando até onde ela iria.

— A gente tem muito em comum. Não seria difícil achar um assunto — diz com presunção.

— O que, por exemplo?

— Ele perdeu a mãe. E eu não tenho mãe.

— Pelo o que eu entendi sua mãe morreu quando nasceu. A mãe do Harry morreu quando ele era mais velho.

— E daí? Você não entende, claro, como é difícil crescer sem mãe.

— Foi difícil pra você? — indago curioso. Sophia parecia muito contente consigo mesma e satisfeita em seu mundo de faz de conta, onde acreditava que era possível casar com um príncipe real. Mas de repente vejo pesar seu olhar. E de novo sinto aquele aperto no estômago. Uma vontade de tirar aquele pesar dali.

— Eu fingia que não era, mas era. Não queria magoar minha avó, ela... foi tudo pra mim. Mas a verdade é que nunca fui como as outras crianças. Mas você não entende...

— Meu pai morreu. — Me vejo confessando. E nem sei por que. Talvez para ela saber que eu entendia sim o que era perder alguém que se ama.

— Quando? — Ela me fita surpresa.

— Faz alguns meses. — Desvio o olhar, porque não quero que ela veja que isso me machuca ainda. — Vamos descer na próxima estação. — Mudo deliberadamente de assunto.

— Sinto muito — ela sussurra e segura minha mão.

Eu não a solto.

Nem ela faz alguma menção de se afastar. E seguimos assim, até estarmos dentro do estádio, esperando para o show começar.

— Não acredito que estamos aqui! — Pula entusiasmada, quando as luzes se apagam. Há uma grande imagem de Adele no centro do palco, com os olhos fechados, e os mesmos se abrem de repente. O público ovaciona e então escutamos sua voz cantando os primeiros acordes de *Hello*. E a imagem sobe, revelando a própria Adele no centro do palco.

Mas não olho para Adele, e sim para Sophia. Seu rosto iluminado. As lágrimas que caem por sua face. E apenas a observo, fascinado, sem conseguir desviar minha atenção, enquanto ela canta, música após música, dançando a minha frente, sorrindo e seduzindo, mesmo sem querer, porque é isso que ela faz. Atrai todos os olhares para si, todas as atenções para sua adorável figura. E sem que eu sequer perceba, estou deslumbrado. Cativado. E quando Adele canta sobre a chuva e o fogo, deixo de lutar contra aquela doce loucura. E desta vez é minha mão que procura a sua, meus dedos que se entrelaçam nos seus e ela sorri para mim. Aquele sorriso que está se tornando minha kriptonita.

Porra. Estou fodido. É o ultimo pensamento coerente que passa pela minha mente antes que eu abaixe a cabeça e capture seus lábios nos meus.

Sophia

Henry está me beijando!

Por um instante permaneço inerte, em choque, enquanto a voz de Adele é suplantada pela voz na minha cabeça que grita em espanto “Como assim ele está me beijando? Isso está mesmo acontecendo?”.

Então, braços fortes me rodeiam, me levam para perto, me apertam e me marcam. E deixo de pensar. Cerro minhas pálpebras e me entrego ao momento.

Entrego-me às sensações inesperadas, mas muito bem-vindas, que os lábios de Henry causam em mim. E, oh Meu Deus, elas estão por toda parte. Começam na boca que devora a minha devagar e persuasivamente, fazendo um gemido suave escapar da minha garganta e se espalha como fogo em brasa por minha pele, esquentando tudo por onde passa. E me vejo levantando os braços para que minhas mãos espalmem em sua nuca, garantindo que ele vai continuar ali, fazendo exatamente aquilo. E é a vez dele soltar um gemido, rouco e delicioso, que causa um rebuliço dentro de mim, enquanto suas mãos em minhas costas me apertam mais forte e a língua se junta a minha, me arrepiando inteira.

E simples assim, eu e Henry estamos nos atracando sob os fogos de artifícios que anunciam o fim do show. E o começo de algo extraordinário.

Oh. Oh.

Não. Não.

Como se vindo de muito longe escuto alguém gritando dentro de mim. É a mesma voz que ouvi quando decidi que Jack não ia mais continuar dominando minha vida sexual com sua performance de merda e muito menos eu ia permanecer na cidade para que ele pudesse me convencer do contrário. Porque eu merecia muito mais.

Eu merecia um príncipe.

E agora, cá estou eu, muitos passos à frente no caminho de conseguir realizar meus objetivos, mas deixando que meu corpo tome as rédeas da situação e derreta por um cara que me chama de maluca.

E que não era um príncipe.

“Mas ele beija tão bem, e o jeito que me abraça, a mão deslizando vagorosamente por minhas costas, pousando em meus quadris e apertando enquanto a outra se embrenha em meu cabelo, e me inclina para que seu beijo se torne ainda mais profundo, mais intenso, fazendo um calor insidioso percorrer minha pele e se instalar em um pulsar ansioso em meu íntimo...”

Não!

Henry para de me beijar e me encara ofegante. Sua expressão é um misto de atordoamento e excitação que me deixa ainda mais fraca e com vontade de mandar a razão à merda.

Mas não posso.

Não posso me desviar do meu caminho.

Henry não é o cara certo pra mim.

Não é.

Não importa que meu coração esteja batendo de um jeito totalmente novo e desconhecido. E que meu corpo esteja pulsando em lugares estratégicos e meus lábios já com saudades dos seus.

Não!

Dou um passo atrás, me livrando de sua mão e do seu fascínio.

— O show acabou! — murmuro, pegando o celular do bolso e fuçando em qualquer coisa, apenas para não ter que olhar pra ele.

— Sim, acabou... — Henry concorda, com uma voz esquisita que não quero nem saber o que significa.

Ele deve estar pensando o mesmo que eu.

Que aquele beijo foi totalmente esquisito e fora de propósito.

— Então vamos! — Viro-me seguindo as pessoas que se amontoam para se retirar do estádio.

A saída está muito lenta, e uma caminhada que levaria cinco minutos acaba levando uma hora. Enquanto prosseguimos lentamente seguindo o fluxo, consigo voltar a pensar racionalmente.

Ok, não foi nada.

Ou melhor, foi só um beijo. Um beijo bom pra cacete, mas apenas isso.

O que será que está passando pela cabeça de Henry? Ainda não consigo olhar direito para ele quando entramos no metrô. Em parte, porque estou envergonhada, mas, sobretudo, porque estou com medo de vislumbrar de novo aquele olhar cheio de tesão que vi surgir em meio ao atordoamento quando me fitou após o beijo. Porque não sei se tenho tanta força assim para resistir. Claro que não sou nenhuma menina suscetível a qualquer cara com olhar pidão, mas sou uma que passou seis anos com um embuste que olhava com mais tesão para uma *pint* de cerveja do que para mim.

Pronto. É isso! Descobri porque estou toda derretida por Henry! É só carência! Mais tranquila, respiro aliviada quando saímos do metrô e caminhamos em silêncio em direção a sua casa.

E quando chegamos lá, de novo me vejo apreensiva.

E merda, estou excitada também, porque de repente me pergunto se Henry vai me agarrar de novo e talvez ele me carregue para seu quarto e aí...

Não!

Que porra, Sophia, foco!

— Boa noite — Dou meia-volta, pronta para fugir, mas Henry me chama.

— Ei, Sophia.

Ai não. Por favor, não me agarre porque a verdade é que sou muito fraca e suscetível sim, droga!

Volto-me devagar.

— Não vamos falar sobre o beijo? — indaga com calma.

Certo. Com isso eu posso lidar.

— Ah sim, aquele beijo... — Adoto uma postura calma também. — O que tem pra falar? Foi só um beijo.

— Só um beijo? — Sua voz continua calma, mas algo rasteja por trás do tom neutro, que agora me parece fúria.

— Sim, Henry. Somente um beijo. Aliás, um ótimo beijo. — Sorrio despreocupada. — Mas você certamente não pensou que significou alguma coisa pra mim, né? Pois se é isso, não fique preocupado. Acho que só nos deixamos levar pelo momento. Adele tem dessas coisas, é muito emocional. Enfim, não se preocupe, foi algo que devemos esquecer e de maneira alguma eu espero qualquer coisa de você por isso. E claro, você sabe que estou aqui porque quero conquistar outro cara. É isso.

Henry solta o ar, e agora começo a ficar com medo porque percebo que a fúria está começando a transparecer em sua face.

— É isso?

— Ok, vamos ficar repetindo a mesma coisa a noite inteira? Olha, estou cansada, com os pés doendo e com sono, ok? Boa noite, Henry!

Desta vez eu corro literalmente até meu quarto.

E tranco a porta.

Na manhã seguinte, rastejo até a cozinha como um zumbi. Demorei pra caramba pra dormir e a culpa é inteira de Henry!

Eu não conseguia parar de olhar para a porta e imaginar mil coisas envolvendo Henry abrindo a porta a pontapés e invadindo meu quarto, assim, com fúria e tudo e me convencendo a fazer coisas que seriam deliciosas, mas totalmente inapropriadas.

Mil vezes merda!

Bocejando, arrasto meus pés descalços, ainda vestindo apenas uma camiseta de dormir, afinal, é muito cedo para Henry aparecer ou qualquer ser humano. Abro o armário e acho um cereal.

Harry, o gato, mia e se esfrega na minha perna, muito ciente que estou

abrindo a geladeira e que é leite o pote na minha mão.

— Ok, Harry, vamos te alimentar! — Pego um pires e despejo leite e o bichano se aproxima muito satisfeito.

E quando levanto o olhar Henry está na porta da cozinha me fitando fixamente.

Seu cabelo é uma linda bagunça e ele veste apenas uma calça de pijama que se equilibra precariamente em seu quadril estreito.

E no momento em que nossos olhares se encontram, sinto todo o ar sendo sugado a minha volta. Uma tensão quente e eletrizante paira no ar enquanto, sem falar absolutamente nada, Henry avança em minha direção.

Devagar. Mas cheio de intenção. E mesmo antes de ele chegar perto o suficiente, percebo que são as piores intenções. Oh Deus...

E não encontro o não dentro de mim, quando me puxa sem nenhuma cerimônia e encosta seus lábios nos meus em um beijo que faz tudo o mais desaparecer.

Capítulo 7

Sophia

E só uma pergunta ronda minha mente: por que eu tinha o parado ontem mesmo?

Já não consigo me recordar nem meu nome quanto mais os motivos que tenho para deixar a boca de Henry longe da minha.

Por que... Oh minha nossa, acho que nunca fui beijada assim antes. Com tamanha... precisão. Acho que é essa a palavra. Não há urgência, ou pressa. É como se ele tivesse todo o tempo do mundo para abrir meus lábios com sua língua, que toca a minha com uma delicadeza, enquanto as mãos se apossam da minha cintura e sem nem ao menos eu saber quando ou como, estou sentada na bancada com Henry no meio das minhas pernas com seus beijos molhados enchendo minha boca e fazendo minha cabeça rodar e meu corpo derreter lentamente. É uma persuasão doce e lenta e eu aprecio cada momento, passando meus braços em volta de seu pescoço e infiltrando as mãos nos cabelos bagunçados. Depois dos beijos brutos e apressados de Jack, que pareciam que iam arrancar minhas amídalas, os beijos elaborados de Henry são como um bálsamo.

E estou totalmente entregue àquela doce persuasão que nem me importo quando sinto suas mãos descendo por minhas costas e pousando em meus quadris, que ele ergue, fazendo com que passe as pernas em volta de sua cintura, enquanto me leva pela cozinha escada acima.

Oh caramba. Ele está me levando para o quarto. Essa compreensão passa rápido pela minha mente enlevada e a partir daí não consigo pensar em mais nada a não ser que Henry vai me levar para cama.

E que eu quero muito isso.

Muito mesmo.

Acho que quero desde o dia em que cheguei naquela casa.

E esse pensamento só faz com que uma onda de excitação percorra meu corpo, e eu o beijo com mais vontade, me agarrando a seus ombros com urgência e com um gemido rouco, Henry deixa a lentidão sensual para trás e me joga na cama, pairando em cima de mim, enquanto os lábios deixam os meus para fazerem uma trilha quente até meu pescoço e é minha vez de gemer alto, enterrando as unhas em seus ombros.

— Porra, isso deveria ter acontecido ontem! — rosna contra minha pele, e eu só posso concordar e gemer ainda mais quando ele abre minhas pernas sem a menor cerimônia para se imiscuir no meio delas, se esfregando em mim de forma nada educada, me deixando sentir o quanto ele está excitado.

Começo a respirar por arquejos enquanto um pulsar úmido e urgente se instala onde Henry está se esfregando.

Put a Merda.

Eu vou pegar fogo e entrar em combustão instantânea se ele não tirar minha roupa agora.

E como se ouvindo meus pensamentos, ele se ajoelha na minha frente e tira minha blusa, me devorando com os olhos em fogo antes de abaixar a cabeça e prender um mamilo entre os dentes.

— Ah, por favor — murmuro incoerente, quando sua mão desce para o meio das minhas pernas e me acaricia perversamente por cima da calcinha e ele desce com beijos úmidos por minha barriga.

Ah sim... Jogo a cabeça para trás, totalmente entregue e à espera, sentindo meu estômago sendo sugado e meu ventre estremecendo de expectativa e...

— Porra, que merda é essa?

Abro os olhos quando escuto Henry gritar e ele está do outro lado do quarto, encostado no armário e encarando algo em mim como se tivesse visto o próprio diabo.

Mas o que...

— O que foi?

— Que diabos é essa tatuagem com meu nome... — Aponta horrorizado e então eu me lembro.

Quando terminei com Jack e decidi vir para Londres, eu tinha feito aquela tatuagem na virilha. Era um coraçãozinho e o nome Henry dentro dela.

Enrubesco ao perceber que Henry não tinha entendido.

— Não é seu nome! É o de Harry! Deve saber que Harry é apelido e o nome verdadeiro dele é Henry, não? — explico.

Henry ainda parece que acabou de tomar o maior susto de sua vida.

— Está me dizendo que fez uma tatuagem para o Harry, na sua... na sua... Puta que pariu!

— Bem, não podia ser para você! Realmente não teria o menor sentido! — Não posso deixar de responder com ironia, porque ele está me irritando agora com aquela expressão de terror como se eu fosse louca.

— Que droga, Sophia! — Ele passa os dedos pelos cabelos, ainda ofegante. — Que susto, porra!

— Bem, acho que talvez eu devesse ter avisado, não sei qual o protocolo para essas coisas... — digo devagar me perguntando se o lance entre nós ainda ia rolar.

E agora, quando não estou mais com as mãos e a boca de Henry sobre mim, começo a ver as coisas mais claramente e perceber que talvez o fato de Henry ter parado quando viu a tatuagem seja um sinal.

— Melhor se vestir — ele diz por fim, sem me encarar.

Acho que por sua cabeça está passando a mesma coisa que na minha.

Pego a camiseta e passo por minha cabeça.

— Acho que... acho que teria sido um erro — digo. E sei que não só estou me explicando para Henry, e sim tentando convencer a mim mesma.

— Acho que concordo com você — ele responde por fim e sai do quarto.

Encolho os joelhos junto ao corpo, lutando contra a vontade de chamá-lo de volta. Mas a verdade é que Henry não gosta de mim. Ele apenas sente tesão por mim.

E não quero mais apenas suscitar esse tipo de sentimento. Eu quero mais.

Passei anos demais com Jack, me contentando com um cara que queria apenas transar comigo — e muito mal por sinal — para me contentar com qualquer coisa de novo.

Eu tinha um propósito.

E tinha que me lembrar disto enquanto estivesse ali.

Henry não devia ser uma distração. Por mais lindo e sexy que fosse.

Arrasto-me até o canto da cama e pego minha pasta e a abro. Harry sorri para mim em uma das fotos e eu sorrio de volta. Ele era a personificação de tudo o que eu sonhava para mim. Uma vida diferente. Uma vida de princesa.

Com Harry eu deixaria de ser apenas uma garota comum e sem futuro. Eu seria da realeza. Seria adorada. Invejada. E certamente seria amada.

E que se danem todos que acham que eu sou louca por desejar algo quase impossível.

Eu estava disposta a qualquer coisa.

Evito Henry pelo resto do dia, permanecendo no meu quarto, tentando achar uma maneira de convencê-lo de que eu podia ficar ali. Afinal, Poppy ia retornar a qualquer momento e Henry me mandaria embora. Ainda mais agora.

Quando desço à noite para comer e alimentar Harry, o gato, ainda não há sinal de Henry em nenhum lugar. Sento na sala e ligo a TV, aproveitando para fazer a unha.

Henry aparece exatamente quando estou pintando a unha do pé sem muito sucesso e me encara meio ressabiado.

— Oi.

— Oi... — Mordo os lábios, incerta sobre o que dizer.

Ele me surpreende e senta no sofá ao lado.

— Quero conversar com você.

— Sobre o que aconteceu hoje de manhã — arrisco, voltando a atenção à unha, mas só consigo manchar meu dedo de vermelho.

— Também... e que porra está fazendo? — aponta para meu trabalho mal feito. — Vai pintar o pé inteiro?

— Eu odeio pintar a unha do pé! — bufo, passando o removedor para limpar a sujeira.

— Me dá isso. — Ele arranca o esmalte da minha mão. — Põe seu pé aqui.

— Sério? — Eu o encaro, incrédula.

— Anda logo!

Puxa minha perna até que meu pé pouse em seu colo. E assisto, perplexa, Henry pintar minha unha com a destreza de uma manicure.

— Como assim sabe fazer isso tão bem?

— Minha irmã me obrigava a pintar a unha dela.

Eu não consigo conter o riso.

— Eu gostaria de conhecer sua irmã.

— Ela é um pé no saco — resmunga, terminando de pintar as outras unhas.

— E o que queria conversar comigo? Se for sobre de manhã, aquilo não foi nada. Não queria que ficasse nenhum clima ruim.

— Eu também não gostaria — ele diz, ainda com a atenção no seu trabalho em minhas unhas. — E não é só sobre isso que quero falar.

— Vai me dizer que eu tenho que ir embora?

— Não. — Ele termina e eu tiro o pé, pousando o outro. — Poppy decidiu ficar o resto do ano com o inútil do namorado e eu queria te pedir para ficar até o Natal, é possível?

Sinto meu coração se enchendo de alegria com suas palavras e esboço um sorriso empolgado.

— Claro que sim!

Ele me estuda com um olhar desconfiado.

— Mas precisa me prometer que desta vez é sério, que não vai aprontar nada. Eu já perdi a paciência com suas doideiras.

— Não vou aprontar nada, prometo — rebato rápido.

— Porque eu te mando embora na mesma hora. Você e esse gato intrometido. — Aponta para Harry que subiu no sofá ao meu lado e eu acaricio

seu pelo.

— Nós vamos nos comportar, não é Harry?

Volto minha atenção para a TV e está passando no telejornal uma matéria sobre a noiva de Harry. Meghan. Não consigo deixar de fazer uma careta de ranço.

É bom ela ir aproveitando enquanto pode. Porque só o que vai conseguir é o status de noiva e não de esposa.

Esse já tinha dona.

Todavia, eu não podia negar que ela era bonita. Linda, na verdade.

— Pronto. — Henry anuncia o fim do trabalho, mas não retiro minhas pernas do seu colo.

— Você acha ela bonita?

Henry segue meu olhar para a TV.

— Sim.

Não gosto da sua resposta.

— Por isso que ele escolheu ela? Por que é bonita?

— Talvez ela tenha tudo o que ele precisa. Talvez ele tenha encontrado nela as características de uma companheira para compartilhar os privilégios e obrigações que o sobrenome dele impõe.

— Uau. Isso é forte — murmuro com sua resposta elaborada e inesperada.

— Acha que tem isso? O que ele precisa? — Ele acaricia minha perna distraidamente.

— Por que não teria?

— É a realeza. Deve ser um saco.

— O que sabe disso?

— Eu imagino. Um monte de protocolo e gente metida a besta que acha que título é mais importante do que a vida real.

— E o que é a vida real? A vida real é uma merda!

— Uau, não achei que fosse tão cínica!

— Mas é verdade!

— Por isso quer tanto entrar para a realeza?

— Acha que é pouco?

— Achei que fosse porque tem sonhos eróticos com o Príncipe Harry. — Ele sorri e eu chuto seu peito e tiro minhas pernas de cima da dele.

— Cala a boca.

— Você tem?

— Não é da sua conta! — Recolho minhas coisas e estico a mão. — Devolva meu esmalte.

— Não, até que me conte sobre seus sonhos eróticos.

— Ah! — Avanço sobre ele para arrancar o esmalte e Henry ri, indo para trás e não me importo, continuo avançando, até que ele investe sobre mim e me prende no chão me encarando com um sorriso malicioso.

— Me solta, seu idiota!

— Vamos Sophia, o que sonha que ele faça com você?

Ele acaricia meu pulso e então o clima muda, quando me dou conta da posição que estamos. O quão vulnerável estou a seu ataque e o que é pior: o quanto que estou querendo que ele continue o que parou de manhã.

E por um momento apenas espero com a respiração presa na garganta. Mas Henry me solta e se afasta.

— Desculpa. Foi só uma brincadeira.

— Claro. — Levanto-me, pego minhas coisas e engolindo a decepção me afasto, mas Henry me chama antes que suba as escadas.

— Sophia. Você tem razão, teria sido um erro.

Ok, ele precisava concordar assim sem reclamar?

— E daí?

— E daí que vamos ser amigos, ok?

— Então somos amigos? — murmuro, sentindo meu coração aquecer, porque eu gosto de Henry.

Ele é tão legal comigo e não quero que fique bravo ou que me mande embora.

— Sim, Sophia. — Ele sorri e sorrio de volta.

— Então boa noite.

— Boa noite.

Subo para meu quarto, sentindo que tudo está voltando a entrar nos eixos.

Eu e Henry somos amigos e isso é ótimo.

Mas naquela noite, quando sou assombrada por certos sonhos eróticos, não é o Príncipe Harry que está neles.

E sim, Henry.

Capítulo 8

Sophia

— Isso não vai dar certo! — insisto com Miguel, enquanto coloco mais um enfeite na árvore de Natal.

Ele sorri com deboche, me passando outro enfeite.

— Você está com recalque, querida, admita! Meghan Markle é linda e Harry está apaixonado.

— Está mesmo? Duvido! — Arranco o enfeite de sua mão o fazendo rir. — Eles têm um relacionamento à distância pelo amor de Deus! Como pode saber se conhecem um ao outro de verdade? E sabe que ele a levou a Botsuana? Ele já levou três namoradas a Botsuana! Eu ia ficar muito brava se um cara me levasse no mesmo lugar que as ex! Ia me sentir mais uma!

— Bem, ao que parece Meghan não se importou com a falta de criatividade do príncipe!

— Ele não é assim! A culpa deve ser dela que não o inspira o suficiente!

— E por isso acha que você seria uma opção melhor.

— Óbvio que sim! — Coloco o último enfeite e dou um passo atrás admirando meu trabalho.

Hoje é véspera de Natal e Henry e eu estivemos muito ocupados nos últimos dias com muitos ensaios, com a quantidade de turista que estava na cidade para aproveitar as festas de fim de ano. E somente ontem me dei conta de que não tínhamos uma árvore de Natal.

Quando expressei essa minha preocupação com Henry, ele perguntara se eu não ia para casa passar o Natal com a minha família. Mas a verdade é que eu vinha tendo conversas cada vez mais tensas com meu pai que insistia para que eu voltasse de vez para casa, já que o prazo de quinze dias que dei antes tinha se encerrado há tempos. E da última vez que nos falamos, eu fiquei tão brava com sua insistência em questionar quais os verdadeiros motivos da minha estadia em Londres sendo tão evasiva que disse que não ia para casa no Natal.

— Não vou pra casa — respondi a Henry.

— Por que não? É Natal.

— E você vai pra sua casa? — Devolvi a pergunta e como eu previra, dado o hábito estranho de Henry de desconversar cada vez que alguém tocava no assunto família, ele apenas resmungara um “Não”. — Então, eu também não

vou. Isso quer dizer que vamos precisar de uma árvore de Natal!

Ele revirou os olhos, impaciente, mas não me importei.

Não é Natal se não tiver uma árvore de Natal!

— Fizemos um bom trabalho, Miguel. — Bato minha mão na de Miguel e ele se levanta ao mesmo tempo que Henry entra em casa.

Como sempre acontecia eu não posso evitar um suspiro, deslumbrada com sua perfeição. É impressão minha ou Henry fica cada vez mais bonito a cada semana que passa? Porque depois da noite que decidimos em um acordo tácito que seríamos apenas amigos, eu vinha me esforçando muito para ignorar a vontade que tinha de me esfregar nele um tantinho de novo. Afinal, que mal haveria? Ninguém precisava ficar sabendo. Tenho certeza que eu só precisaria de um pouquinho de persuasão para convencê-lo. No fim eu sempre acabava deixando a sensatez dominar o meu desejo. Mas isso não queria dizer que eu não pensasse muito no assunto. Ou fantasiasse sobre. Ainda mais quando Henry surgia assim com os cabelos bagunçados pelo vento, retirando o casaco e ficando apenas com aquele cardigã apertado em seu peito largo...

— Está babando, querida? — Miguel me cutuca e eu o fuzilo com o olhar.

— Caramba arranjou mesmo uma árvore! O que é você? Um elfo de Natal? — Henry exclama admirado quando vê a árvore.

— Tenho muitos talentos escondidos! — Eu me gabo.

— Eu estou indo embora! — Miguel anuncia, colocando o casaco.

— Por que não fica com a gente?

— Henry disse que vai jantar com amigos em Wimbledon.

Encaro Henry, que está olhando a correspondência no aparador.

— É sério? Vou ficar sozinha aqui?

— Devia ter ido para casa da sua família. Ainda dá tempo.

— Eu não quero!

Meu pai tinha me ligado hoje cedo e feito mais algumas ameaças e só me deixado mais brava.

— Vocês são muito estranhos. Eu daria tudo para estar com a minha família hoje e vocês não estão porque não querem! — Miguel comenta e toco sua mão, sentindo pena.

Miguel estava na Europa há dois anos e nunca mais tinha visto sua família que ficara em Porto Rico.

Pensando assim eu começava mesmo a me sentir culpada de estar evitando meu pai. E por quê?

Porque eu sabia que bastaria ele olhar pra mim com aquele olhar de que sabia tudo o que se passava na minha cabeça e eu abriria a boca para contar

todos os meus planos. E ele enlouqueceria.

Não. Melhor ficar ali enquanto Henry não me mandasse embora.

— Então fica com a gente!

— Querida, eu tenho um namorado esperando por mim. Pelo menos eu vou transar. Aqui não tenho essa opção.

Ele me beija e acena antes de sair e não consigo deixar de pensar que é realmente uma pena que ninguém vai transar aqui...

— Vai mesmo me deixar sozinha no Natal? — questiono Henry novamente após a saída de Miguel.

— Pode vir comigo se quiser.

— Tem certeza?

— Sim, estou te convidando para vir comigo, satisfeita?

Eu sorrio, animada.

— Se insiste! — Estou saindo da sala, mas paro ao notar o pacote que ele colocou em cima do aparador. — O que é isso?

— Ah... — Ele o pega, como se só agora tivesse lembrado. — É um presente. — Estende para mim. — Para você.

Abro a boca, chocada.

— Comprou um presente para mim?

— Não é uma entendida em Natal? Acho que é isso que as pessoas costumam fazer, trocar presentes.

Pego o pacote, ainda surpresa.

— Sei que as pessoas trocam presente, mas não achei que eu e você iríamos trocar presente. Oh não, não te comprei nada!

— Não se preocupe com isso.

Abro o pacote, ansiosa, e me deparo com o *fascinator* que tinha experimentado na loja dias atrás.

— Você lembrou! — Sinto meu coração derreter com aquele gesto.

— Ficou muito bem em você. Poderá usar na sua primeira aparição oficial como realeza! — diz com sarcasmo, fazendo com que o momento anterior no qual eu o achava fofo desaparecesse.

— Ok, vai brincando, não me importo! — Saio da sala e o deixo rindo para trás.

Quando estamos saindo de casa horas depois, a vizinha acena para nós do seu jardim. Aceno de volta, e penso que se ficasse mais ali, gostaria de conhecê-la.

— Você conhece a senhorinha que mora na casa vizinha? — pergunto a Henry quando entramos no carro.

— A Senhora Crawford? Vagamente.

— Vagamente? Faz quando tempo que mora aqui?

— Uns dois anos.

— Bastante tempo, onde morava antes?

— O que isto te interessa? — ele diz impaciente.

Henry detestava falar de si mesmo e eu sabia muito pouca coisa sobre ele.

Então decido me calar.

— Quem são esses seus amigos? — pergunto quando Henry para o carro em frente a uma bonita casa de dois andares em Wimbledon.

— Peggy e John Morgan. Fiz um ensaio para eles quando me mudei para Londres. Foi para o aniversário da filha deles. Eles têm dois filhos, Bella, de cinco anos, e Peter, que é apenas um bebê. E acabamos ficando amigos. Eu não tinha... muitos amigos... normais, por assim dizer quando... enfim, vamos entrar.

Tenho vontade de perguntar mais, porém como sempre, Henry já está mudando de assunto.

Ainda é um total mistério o que ele fazia antes de decidir ser fotógrafo, o que ele já tinha deixado escapar que fora mais ou menos há dois anos. E ao que parecia sua família não aceitava, ou algo assim.

Mas por quê?

— Oh, eles têm filhos! Deveríamos ter trazido presentes!

— Claro que eu trouxe. — Ele pega uma sacola no banco de trás saindo do carro e eu o acompanho.

Uma moça loira abre a porta.

— Henry, bem-vindo... — Seu olhar desvia para mim. — E trouxe companhia. — Ela encara Henry com uma expressão curiosa.

— Peggy, essa é Sophia Davis, ela trabalha para mim.

— Ah, achei que fosse alguma namorada.

— Não!

— Não!

Eu e Henry respondemos ao mesmo tempo.

— Sophia já tem um... compromisso, ou algo assim, não? — Ele levanta a sobrancelha para me irritar e tenho vontade de lhe dar um soco, mas me contenho e sorrio.

— Não é nada oficial ainda, Henry, deve saber!

— Mas e aquela tatuagem?

Ah, filho da mãe! Coro como se Peggy pudesse ver minha tatuagem através das roupas.

— Tatuagem? Quem fez tatuagem? — Um homem moreno de óculos sai

da cozinha segurando um bebê loiro rechonchudo.

— Oi, você deve ser John. — Eu me adianto, estendendo a mão. — Sou Sophia Davis, trabalho com Henry. E este é Peter, suponho. — Sorrio para o bebê.

— Oi, muito prazer, Sophia. — John olha para Henry curioso também.
— Bem-vinda a nossa casa.

— Sim, tirem os casacos e venham para a sala! — Peggy nos chama.

Retiramos nosso casaco enquanto o casal se adianta a nossa frente.

— Para de fazer piada idiota! — sussurro e Henry ri.

— É piada seu noivado?

— Cala a boca!

Entramos na cozinha espaçosa que recende a especiarias e John está colocando o bebê em um carrinho enquanto Peggy dá os últimos toques em algo no forno.

— Hum, está cheirando bem — Henry elogia.

— John sirva vinho para Henry e Sophia — Peggy instrui o marido.

— Sabe muito bem que prefiro cerveja, Peggy — Henry reclama e John ri pegando uma cerveja na geladeira.

— Ela sabe sim, mas gosta de fingir que você é civilizado. E você, Sophia?

— Eu prefiro o vinho.

Ele serve uma taça para mim.

De repente uma garotinha loira entra correndo na cozinha.

— Tio Henry! — Ela pula no colo de Henry, enlaçando os bracinhos em seu pescoço.

— Ei, Bella.

— Trouxe presente para mim? — Crava os olhinhos ansiosos em Henry, que a põe no chão.

— Sim, mas acho que seus pais vão preferir que você abra depois do jantar.

— Com certeza. — Peggy e John fazem coro.

— Ah. — A menina bate os pezinhos no chão e sua atenção se volta para mim. — E quem é você?

— Eu sou Sophia. — Sorrio para a criança. — E adorei seu sapato. — Bella usa pequenas sapatilhas rosa com lantejoula.

Ela fica me encarando como se estivesse avaliando se gosta de mim ou não.

— Você sabe brincar de princesa? — indaga muito séria e Henry engasga com a cerveja, no afã de conter uma risada, sem muito sucesso.

— Acho que é a brincadeira preferida da Sophia, Bella! — Henry responde e eu tento não revirar os olhos de sua provocação.

— De verdade? — Os olhos de Bella brilham animados agora.

— Claro que sim — respondo sorrindo —, adoraria brincar com você.

Bella pula animada.

— Oba, vou buscar minhas coisas... — E sai correndo da cozinha.

— John, pelo amor de Deus, vá impedi-la de trazer toda aquela bagunça para cá.

John corre para fazer o que a esposa pediu e encaro Henry.

— Todas as meninas querem ser princesa. Viu?

— Aposto que nenhuma acha que vai casar com Harry e está disposta a tudo por isso... — ele cochicha com ironia.

E estou pronta para cochichar alguma resposta irritada, quando o celular dele toca e ele pega o aparelho do bolso, ficando sério quando vê o nome no monitor.

— Eu preciso atender, com licença...

E sai da cozinha com pressa, mas ainda escuto um “Oi, Lexi”.

Peggy, que estava ocupada com o fogão, se vira para mim com um olhar simpático.

— Achei que a assistente de Henry fosse a Poppy.

— Ela ainda é. Estou apenas a substituindo temporariamente.

— E você é de Londres?

— Sou de Weybridge.

— Já estive lá com a Bella no verão passado, fomos a uma fazenda de morangos.

— Ah sim, é a fazenda da minha família.

— Sério? Que interessante. E você mora há muito tempo em Londres?

— Não, mais ou menos um mês.

— E como conheceu Henry? — Ela beberica seu vinho e percebo que está muito curiosa sobre minha relação com Henry.

— A gente se conheceu em uma festa — respondo evasiva —, estava chovendo. Ele me deu uma carona e acabei passando a noite na sua casa...

Peggy levanta a sobrancelha com malícia com essa última informação e eu coro.

— Não desse jeito!

— Não falei nada. Mas não teria nenhum problema se fosse “daquele jeito” — Ela ri. — Quer dizer, ele disse algo sobre ser comprometida, agora lembrei.

— Eu sou... mais ou menos.

— Como assim?

— É complicado, mas, enfim, Poppy viajou com o namorado e eu acabei ficando para substituí-la.

— E está morando com o Henry?

Percebo que ela ainda acha tudo muito suspeito.

— Eu não tinha onde ficar em Londres e Henry foi legal me hospedando.

— Desculpa minha curiosidade, mas somos amigos de Henry há algum tempo e ele nunca trouxe nenhuma mulher aqui.

— Mas vocês conhecem a Poppy...

— Porque ela estava em um ensaio fotográfico que fizemos quando Peter nasceu. Mas nenhuma garota o acompanhou em todo este tempo.

— Isso não quer dizer que ele não tenha um monte de namorada — jogo verde propositalmente. Henry é um poço de mistério e talvez Peggy seja a pessoa certa para me contar alguns deles.

— Claro que ele deve sair com garotas. Mas nenhuma é sério.

— Por que não? Henry é muito fechado, não acha?

Ela enche sua taça e a minha também.

— Ele já passou muitas coisas, principalmente ultimamente...

— Que coisas? — Eu me inclino, curiosa.

Peggy me encara como se avaliando se podia me contar.

— Sophia, o que sabe sobre Henry?

— Nada praticamente! Deve saber que ele é todo misterioso! Sei que é fotógrafo há apenas dois anos, que não fala de sua família. Às vezes cita a irmã, Lexi e é só. Não faço ideia, porque parece que ele não se dá bem com a família ou o que ele fazia antes. Ah, e sei que o pai dele morreu há alguns meses.

— Sim, o pai dele morreu. E isso o deixou muito mal...

— É por isso que ele não fala com a família direito?

— Não, foi bem antes disso.

— É por que ele é fotógrafo? Fiquei com a impressão que é por isso... mas não faz muito sentido.

— Henry não gosta de falar sobre o assunto, então acho que não sou eu quem deve falar.

Ah Droga! Ela estava bem falante e achei que finalmente fosse saber mais sobre Henry, mas não ajudou muito.

— E você parece bem interessada no assunto...

— É só curiosidade.

— Sei... — Óbvio que Peggy não está convencida da minha resposta. — Mas olha, Henry é muito mais do que ele gosta de mostrar, Sophia.

— Acho que já percebi, não entendo por que. Ou o que ele tanto esconde.

— Como eu disse, só cabe ao Henry falar sobre isso. Mas ele tem passado por muitas coisas, coisas que ele não gostaria de passar. E acho que muito em breve toda essa vida longe de tudo, da família e... enfim, vai ter que acabar.

— Por quê?

— Por causa da morte do pai dele. Ele está tentando ficar longe, mas de certas coisas não se pode fugir. Ainda mais quando são obrigações de família.

— É, acho que disso eu entendo um pouco... — murmuro, pensando nas cobranças de meu pai.

E da minha culpa.

— Bem, acho que o jantar já está pronto! — Peggy encerra a conversa quando John e Henry retornam à cozinha com a pequena Bella.

Peggy e John são um casal simpático e o é jantar muito agradável.

Quando terminamos, eu e Henry nos oferecemos para cuidar da louça, mas Peggy é enfática em dizer que não precisa, pois ela e John já têm um esquema.

— Se puderem cuidar de Peter — Ela pega o bebê sonolento do carrinho e passa para Henry que o ajeita nos braços com surpreendente destreza, enquanto saímos da cozinha para a sala.

— Você parece saber direitinho como fazer isso — comento quando nos sentamos no sofá.

— Eu o vi nascer e estou sempre por perto — ele responde, ajeitando o bebê sonolento no peito.

E caramba, tem alguma coisa muito atraente em um homem com um bebê. Quase posso sentir meu útero se contorcendo ao imaginar o quanto Henry poderia ser um pai maravilhoso.

Pensar nisto me faz lembrar das palavras enigmáticas de Peggy sobre certas obrigações familiares que estariam aguardando Henry.

E chego a abrir a boca para questioná-lo, mas Bella entra correndo na sala segurando duas tiaras.

— Olha, Sophia, vou te emprestar minha tiara de princesa! — Ela sobe no sofá e coloca sobre meu cabelo.

— Agora somos duas princesas.

— Com certeza! Só falta nossos príncipes!

— Isso! Tio Henry pode ser nosso príncipe!

Henry bufa.

— Qual o problema de vocês, pelo amor de Deus? — Ele se levanta com Peter adormecido em seu colo. — Vou colocá-lo no berço.

— Por que o tio Henry ficou bravo? — Bella pergunta inocente.

— Por que os meninos às vezes são bobos, Bella. É melhor já ir aprendendo...

Henry volta para a sala alguns minutos depois e estou no chão colorindo um livro de ilustração de — adivinhe? De princesa! — com Bella.

Ele liga a TV e imediatamente meus olhos são atraídos para as imagens quando escuto o apresentador citar o nome de Harry.

E lá está ele. Lindo em seu terno caro, sorrindo para crianças, enquanto faz alguma caridade.

Suspiro. Pelo jeito não é só Henry que fica fofo com crianças por perto.

— Vai mesmo ficar suspirando desse jeito? — Henry resmunga, pegando o controle remoto e se preparando para trocar de canal.

— Não tira, estou assistindo!

— Está sendo ridícula!

— Ai Henry, como você está chato! — Levanto-me e sento ao seu lado, roubando o controle e voltado ao noticiário que fala sobre a família real.

— Às vezes acho que você não está falando sério quando diz que ama esse cara que nem conhece!

— Por que não posso amar?

— Certo. Me diga os motivos. Além dos sonhos eróticos, claro...

— Para com isso, olha a criança! — reclamo, mas Bella continua entretida com seu desenho e não presta atenção no que estamos dizendo. — E quer saber, por que tenho que ficar me justificando com você? Não acredita em mim! Acha que estou sendo maluca quando digo que quero conquistá-lo, que acredito que fui feita para estar lá, do seu lado. — Aponto para a imagem na TV que mostra a família real acenando do balcão de Buckingham. — E nem é tão esquisito assim! Saiba que muitas meninas sonham com a mesma coisa. A diferença é que estou dando um passo à frente e correndo atrás para transformar meu sonho em realidade!

— Então quer mesmo estar lá? Entre eles? Por quê?

— Henry, nunca quis desesperadamente ser outra pessoa? Ter uma vida diferente daquilo que todo mundo diz que é o certo para você? Saber que tem algo incrível te esperando? É assim que me sinto! Não posso desistir. Não sem tentar. Senão ficarei o resto da minha vida perguntado como seria.

Ele fica me encarando, digerindo minhas palavras cheias de paixão. E quero muito que Henry acredite em mim.

Eu não sei quando foi que sua opinião se tornou importante. Mas o fato é que agora é assim que é.

— Ok — ele diz por fim. — Eu entendo sim seu desejo de ser outra

pessoa, e de fazer algo para alcançar seus sonhos. Às vezes a gente simplesmente não se sente feliz onde está.

— Foi assim que você sentiu?

— Do que está falando?

Antes que eu possa responder, Peggy e John voltam para a sala.

— Acho que Bella pode abrir os presentes agora.

A menina dá um pulo de alegria e assim a conversa entre mim e Henry está encerrada.

Ainda ficamos mais algum tempo com os Morgan, até que nos despedimos com Bella já sonolenta quando lhe devolvo a tiara.

Seguimos em silêncio por uma boa parte do caminho e a conversa com Peggy volta a minha mente.

— Por que nunca fala sobre sua família? — Encaro Henry na escuridão do carro.

Ele não responde de pronto e já estou desistindo de uma resposta quando ele fala.

— Não tem nada interessante para se dizer.

— Você parece esconder alguma coisa... — Quero contar o que Peggy me disse, mas me calo. Não quero que ele pense que eu e Peggy estávamos fofocando.

— Por que acha isso? — Ele parece achar divertida minha desconfiança.

— Porque se não fala nada é o que eu vou pensar.

— Por que esta tão interessada? — Ele me encara quando para no sinal vermelho.

Sim, por quê?

Eu não deveria. E sabia disso.

Muito provavelmente meus dias ali com Henry estavam contados.

E pensar nisso me deixava triste.

— Porque parece que não gosta de mim o suficiente para contar.

Ele volta a atenção para a direção, quando o sinal abre.

— E eu tenho que gostar de você?

— Você disse que éramos amigos — Eu me defendo, e é bom que o carro esteja escuro para que não me veja vermelha. — E amigos contam as coisas um para o outro.

— Então me conta por que não foi passar o Natal com sua família. — Vira o questionário para mim.

— Ok, se quer saber, é porque meu pai sempre foi muito protetor comigo. E provavelmente é porque minha mãe morreu, sabe? E acho que... como

tudo o que eu tenho começado a questionar nos últimos tempos, passei a questionar isso também.

— Não sei se entendi bem...

— É que nunca saí de casa. Sempre fui a boa filha, que cresceu na fazenda e permaneceu por lá, ajudando nos negócios da família. Eu nunca... questionei ou pensei que estava perdendo meu tempo.

— E onde seu precioso Harry se encaixa aí?

— Harry era só um sonho. E aí eu me dei conta que meu namorado era um escroto e que Harry ia se casar e foi como uma revelação! Eu precisava sair de casa, vir pra Londres e correr atrás dos meus sonhos, por mais impossível que ele parecesse.

— E seu pai sabe?

Desvio o olhar para a janela, percebendo que já estamos na rua de Henry.

— Não. Se eu contar ele vai achar que sou louca e me arrastar de volta para casa e... Puta merda! — Arregalo os olhos quando Henry estaciona o carro em frente a sua casa e vejo parados no portão ninguém menos que meu pai e meus avós.

Capítulo 9

Sophia

— Que diabo eles estão fazendo aqui?

— Quem são? — Henry segue meu olhar.

— Minha família! — Saio do carro e meu pai é o primeiro a me ver.

— Finalmente apareceu, onde se meteu? Te liguei a noite inteira, Sophia!

— Eu não fazia ideia que iam aparecer aqui! — defendo-me.

— Oliver, não grita com a menina! — Vovô me abraça e por um momento esqueço o transtorno que é ter minha família ali de surpresa e me permito matar a saudade.

— Larga ela, Will! — Vovó me abraça também e de repente é como estar em casa de novo. Não deixa de ser reconfortante.

— E o senhor deve ser o tal fotógrafo — papai resmunga e largo vovô para ver Henry estudando meus familiares, curioso.

Imagino o que ele está vendo. Minha família é um tanto peculiar. Meus avós ainda se vestem como os *hippies* que foram um dia. Vovó Marina com seus longos cabelos, agora prateados, uma saia rodada colorida e um poncho. E vovô com calça de franja e uma jaqueta de couro que deve ter pelo menos uns quarenta anos, assim como sua enorme barba agora branca. Meu pai faz o tipo bem comum. Aliás, meus avós fizeram tudo para que o filho fosse parecido com eles, mas papai sempre foi diferente, mais calado e com gostos simples. Na verdade eu não sei se ele foi sempre desse jeito, ou se ficou assim depois da morte da minha mãe.

— Sim, esse é Henry Cavendish, meu... chefe — Não sei por que coro quando digo isso. — Henry, este é meu pai, Oliver. E esses são meus avós, Marina e Will.

— Então é você quem acolheu nossa menina! — Vovó se adianta, abraçando Henry e vovô faz o mesmo. Claro que meu pai apenas continua sério, encarando Henry com cara de poucos amigos.

— Ainda não entendi o que vieram fazer aqui!

— Acho melhor conversarmos lá dentro, Sophia. Está frio aqui fora. — Henry se adianta e abre a porta.

Meus avós seguem na frente elogiando o pequeno jardim em frente à casa de Henry e eu fito meu pai.

— Aposto que isso foi ideia sua!

— Você estava muito esquisita e precisava vir ver com meus próprios olhos o que anda aprontando.

Droga. Eu sabia que não ia conseguir esconder meus planos do meu pai por muito tempo.

— E tinha que vir na véspera de Natal? E trazer vovó e vovô?

— Nós que insistimos para vir, querida — vovô explica, quando já estamos aquecidos na sala.

— Pois não deveriam ter vindo! Ainda mais sem avisar!

— Por que não? Está escondendo alguma coisa? — Papai mede Henry de novo.

— Pai, para com isso! Realmente não tinha a menor necessidade de vir de Weybridge até aqui para me vigiar!

— Sophia, acho que não precisar discutir com seu pai. — Henry toca meu braço, me repreendendo. — Afinal é Natal.

— O rapaz disse tudo! — Vovó abre uma grande bolsa de palha. — E nós viemos trazer torta de morango que é tradição na noite de Natal para nossa família!

— Ok, já que viram que não fui sequestrada ou estou em uma casa de prostituição russa ou algo assim, podemos comer a torta e vocês irão embora em seguida!

— Não precisam ir hoje, está tarde — Henry diz solícito e eu o repreendo com o olhar.

— Henry, não precisa...

— Não seja boba. Sua família não vai dirigir essa hora da noite de volta a Weybridge. Podem ficar hospedados aqui e irem embora amanhã.

— Pronto! Tudo combinado então! — Vovô sorri satisfeito.

Vovó vai para cozinha e começa a mexer em tudo, como se fosse dona do lugar e vovô a segue, perguntando a Henry se tem vinho.

— Henry não gosta de vinho! — respondo. — Mas tem cerveja. De monte!

— Você tem algum problema com bebida, rapaz? — Papai, que estava calado até então, resolve se intrometer.

— Pai!

— Não senhor, apenas gosto de cerveja como todo mundo.

— O meu pai também gosta de cerveja, Henry! — rebato, jogando uma lata para papai, que a pega meio a contragosto enquanto vovó serve a torta.

— Desculpa minha família estar invadindo sua casa assim — sussurro para Henry.

— Não se preocupe. E eu gosto de torta de morango. — Ele pisca e eu sorrio mais aliviada por Henry estar levando toda aquela invasão numa boa.

Sentamos à mesa para comer a torta e Henry elogia minha avó.

— É uma receita de família.

— Ela quer dizer que ela inventou quando vovô comprou a fazenda — esclareço.

— E você, Henry, não está passando as festas com a família?

Como não poderia deixar de ser, Henry desconversa.

— Minha família não é de Londres.

— É de onde? — vovó insiste.

— Uma pequena cidade perto da Escócia. — Sua resposta é evasiva.

— Olha só o que temos aqui! — Vovô pega o gato que entra miando na cozinha.

— Que bonitinho, você tem um gato, Henry?

— Não é meu gato, é de Sophia — Henry resmunga. — Ela o encontrou na rua e trouxe para casa.

— Ah, isso é a cara da Sophia! — Vovó comenta. — Ela sempre teve um fraco por animaizinhos perdidos. Quando era criança vivia levando um para casa.

— Sophia sempre foi uma criança peculiar — vovô endossa. — Lembra, querida, como era apaixonada pelo Príncipe Harry?

Henry levanta a cabeça, interessado.

— Graças a Deus isso ficou no passado — papai diz com alívio e Henry me encara levantando a sobancelha.

— Tem certeza, senhor?

— Pelo menos numa coisa o inútil do Jack serviu. Para tirar esses sonhos bobos da cabeça da Sophia.

— É, parece que esse Jack devia ser um cara muito interessante. — Henry toma um gole de cerveja ainda com o olhar preso em mim.

— Ela era um idiota! Agora vamos mudar de assunto! Já terminaram? — Levanto-me e coloco as tigelas vazias sobre a pia.

— Acho que estou cansada. — Vovó boceja.

— Claro, devem estar mesmo — Henry diz — Vou mostrar os quartos. A senhora pode ficar no quarto com Sophia e seu marido, e o Senhor Davis podem ficar no meu quarto.

Henry se afasta com meus avós e papai se aproxima.

— Está brava comigo?

— Pai, o Henry é meu chefe! E vocês me colocam numa situação constrangedora.

— Ele é só seu chefe mesmo?

— É sim. — Desvio o olhar para a louça que começo a lavar.

— Não estou convencido disso.

— Mas é verdade.

— E o Jack? Acabou mesmo?

Encaro meu pai.

— O Jack era um idiota. Sempre foi e eu demorei a perceber que queria algo melhor. Que eu mereço algo melhor.

— O que quer dizer?

Desvio o rosto de novo.

— Sophia, eu sei que está aprontando alguma coisa. E você vai ter que me dizer.

— Ok, pai. Amanhã eu te conto, ok? Agora vai dormir. Está tarde.

Ele beija minha testa.

— Estava com saudade de você, querida.

— Eu também. — Sorrio enternecida.

Papai se afasta e assim que termino de lavar a louça subo e encontro vovó no quarto.

— Gostei muito desse seu Henry — vovó comenta enquanto visto meu pijama.

— Não é meu Henry!

— Ah, talvez ainda não.

— Ele é só meu chefe.

— Só isso?

— E meu amigo. Agora vamos dormir. — Vou para o banheiro e quando termino de escovar os dentes, em vez de voltar ao quarto, desço as escadas devagar. Quero agradecer a Henry por ter sido tão legal com minha família.

Escuto a TV ligada na sala semiescura e fico curiosa. O que será que ele está assistindo? Paro um pouco e escuto um gemido.

Oh meu Deus, ele está vendo um pornô? E se tiver?

— Sophia, vai ficar me espiando aí? — Ele me nota e não tenho alternativa a não ser descer as escadas.

— Não queria te atrapalhar e... — Meus olhos se arregalam surpresos quando prendo minha atenção na TV — isso é *Dirty Dancing*?

Olho para Henry, que está deitado na sua cama improvisada no sofá.

— Sim, e sai da minha frente, está me atrapalhando.

Eu me afasto enquanto Patrick Swayze beija Jennifer Gray na tela.

— Você gosta tanto assim deste filme?

— Qual o problema? — Henry senta no sofá e a coberta desce para sua

cintura. Desvio o olhar do seu peito desnudo com algum custo.

— É que é difícil ver um cara que gosta desse tipo de filme.

— Este tipo de filme? *Dirty Dancing* é um clássico!

Solto um risada e ele me encara irritado.

— Agora, ou vá dormir ou sente e assista.

Hesito por um momento, mas sento ao seu lado no sofá.

— Eu acho que nunca vi esse filme inteiro.

— Então vamos voltar do começo. — Ele pega o controle e volta o filme.

E depois me cede um pedaço da coberta.

— Eu não... — Tento me esquivar não muito à vontade com aquela intimidade, porém Henry me interrompe.

— Shiu. Curte o filme.

— Ok... — Gente, ele leva mesmo isso a sério!

Obrigo-me a prestar atenção no filme, mesmo sendo um pouquinho difícil conter as batidas apressadas do meu coração por estar tão perto de Henry. Debaixo de uma coberta.

— Você é um cara peculiar também, Henry — comento quando o casal está performando na clássica dança final. — Nunca ia imaginar que curte um filme assim.

— Por que não? Por que sou um cara? — Ele finalmente desvia o olhar da tela e me encara divertido.

— Também.

— Meu pai amava este filme. — Ele volta a atenção para a tela.

— Sério?

— Foi o filme que ele levou minha mãe para assistir no primeiro encontro. E foi quando ele se apaixonou por ela.

— E quando sua mãe se apaixonou por ele também, presumo.

— Talvez. — Ele dá de ombros. — Quando era criança, meu pai colocava sempre para assistirmos juntos. E eu olhava Patrick Swayze e queria ser como ele.

Desta vez nós dois rimos juntos.

— É um bom modelo, devo dizer. Mas você dança assim também?

— Claro que não.

— Ah, nem essa cena final?

Na tela Baby corre em direção ao personagem de Patrick Swayze que a segura no ar, acima da cabeça.

— Provavelmente eu quebraria o pescoço dela se tentasse.

— Eu acho que consegue. — Jogo a coberta para o lado e me levanto. — Vem, vamos tentar.

— Você pirou?

— Não tem coragem? — provoco, puxando-o e ignorando sua expressão exasperada.

— Você tem coragem?

— Já devia ter sacado que sou muito corajosa, Henry! — Pisco e me afasto. — Não tenho medo de me arriscar e a pergunta é... — Eu me posiciono — você tem?

— Você é louca e se quebrar o pescoço quero que diga na delegacia quando me prenderem que foi ideia sua! — Ele se posiciona também.

— Se eu quebrar o pescoço, estarei morta e virei puxar seu pé à noite.

— Eu tenho medo de fantasma, então, por favor, não faça isso.

— Então só me segure e não me deixe cair.

Corro para Henry e ele segura minha cintura, me impulsionando para cima com incrível facilidade. Mas se desequilibra no processo, caindo para trás. Caio em cima dele e no minuto seguinte estamos gargalhando sobre o tapete.

— Acho que quebrou minhas costas, sua maluca! — ele reclama e levanto a cabeça para encará-lo.

— Quem mandou concordar tão rápido com minhas loucuras, Henry?

— E desde quando eu consigo dizer não para você? — Ele retira meu cabelo do rosto e então o clima muda. Enchendo-se de eletricidade.

E me dou conta de que estou deitada em cima dele, com nossas pernas emboladas e minhas mãos em seu peito desnudo. Um calor inesperado me faz tremer e meu coração acelera de forma alarmante quando sinto as mãos de Henry descendo por minhas costas.

— Por que não consegue dizer não para mim? — murmuro, muito ciente do seu corpo perfeito embaixo do meu.

— Você tem um jeito irresistível de fazer as maiores bobagens parecerem fascinantes. — Seus olhos se prendem nos meus lábios.

Ele quer me beijar, percebo com um arrepio. E essa constatação me faz arrepiar de expectativa. Por que eu quero beijá-lo também. E mais.

Muito mais.

— Por exemplo?...

— Sua boca...

Toca meus lábios, que se abrem automaticamente, formigando. Noto os olhos dele escurecerem, de desejo, e começo a arfar.

— Estou começando a achar que é uma ótima ideia beijá-la agora. Lenta e intensamente... até perdermos o ar.

Solto um gemido baixinho e me inclino mais até que meus lábios estejam quase tocando os seus. Sinto seu gosto em minha língua.

— Não sei se fui eu quem te deu essa ideia...

— Foda-se — ele rosna e me beija.

E como tinha prometido, é lento e intenso e faz um fogaréu incendiar meu ventre. Eu o beijo de volta com a mesma intensidade, adorando quando Henry me vira sobre o tapete, vindo para cima de mim com mãos e lábios e nada posso fazer a não ser abrir minhas pernas para recebê-lo ali, maldizendo as roupas que nos separa. Mesmo assim, sinto sua ereção me pressionando e ergo meus quadris para me esfregar nele sem nenhum pudor, fazendo Henry gemer, quando os lábios se desprendem dos meus para percorrem meu rosto num caminho de fogo até meu pescoço.

— Porra, Sophia, eu não consigo parar... — Sua mão se infiltra embaixo da blusa do meu pijama e toca um seio, apertando, enquanto ele morde meu pescoço e se move entre minhas pernas com impaciência.

Oh Deus...

Henry levanta a cabeça, ofegante e me encara com desejo.

— E aí?

— Não sei se seria ruim se... não parasse — sussurro, tentando, com muita dificuldade, lembrar por que aquilo não era certo. Quando parecia a coisa mais certa do mundo. E porque não quero pensar, puxo seus cabelos para que ele me beije de novo e agora nossos lábios se movem juntos com sofreguidão.

Mas Henry para o beijo e me fita de novo.

— Essa coisa entre nós está esperando para acontecer desde o dia que caiu daquele muro, Sophia, sabe disso?

— Sei?

— Eu quero te foder com força, desde aquele dia e... estou de saco cheio de fingir o contrário.

Wow.

Meu rosto esquenta. Assim como meu corpo, que começa a pulsar e a mera sugestão das palavras de Henry.

— Mas eu não quero... — Ele parece procurar as palavras — eu não posso... Merda, talvez isso não seja uma boa ideia afinal.

Ele se afasta, deitando ao meu lado e respiro uma longa golfada de ar, olhando para as manchas do teto.

Que diabos está acontecendo?

Eu me sinto confusa como nunca me senti antes. Porque não sei quais os motivos de Henry hesitar, mas conheço os meus.

Só que de repente tudo parece tão sem importância.

Porque apenas consigo lamentar que não vai rolar.

Que Henry não vai me foder com força, como tinha sugerido.

E sinto um vazio que não estava preparada para sentir.

— Seria tão ruim assim se... — Começo a dizer baixinho e me viro para ele, apoiando a cabeça na mão para poder fitá-lo.

Henry não diz nada por um momento e quando vira para mim, há um brilho em seu olhar que faz meu peito apertar.

— Seria incrível, Sophia.

Abro um sorriso. Porque sei que ele tem razão.

E de repente eu sei o que fazer.

— Eu não sei quais são seus motivos. Ou porque tem algo que se esforça tanto para esconder. Mas eu gosto de você mesmo assim, Henry Cavendish. Com seus mistérios e seu senso de humor duvidável. E até sua mania de me chamar de louca. Porque você se tornou — Quero dizer “importante”, mas algo me faz me calar — meu melhor amigo. E me dou conta agora que acho que nunca tive um amigo de verdade.

— E o que isso tem a ver com o fato de que eu quero foder você?

— Se você me deixar terminar! — Rio impaciente. — O que quero dizer é que não vou ficar aqui para sempre e se tem um lado meu que lamenta, tenho ciência que é assim que tem que ser. Que talvez o destino tenha te colocado em meu caminho, porque eu precisava de você. Eu tenho um sonho a realizar e fiquei tempo demais sendo omissa comigo mesma, sem sair do lugar. Sem ter coragem de tomar as rédeas da minha própria felicidade. E sei que parece absurdo, mas eu apenas cumpri o chamado do meu coração.

— Agora vai me dizer que está se guardando para seu amado Harry?

— Cala a boca, porra, e me deixa terminar! — Coloco minha mão sobre seus lábios. — Eu quero dizer que o que temos é essa noite. E nós dois queremos a mesma coisa. E do mesmo jeito que eu acho que foi o destino que me fez cair aos seus pés naquela festa, também era para chegarmos até aqui. E quero sim, que você me foda. Talvez não com força.

Henry retira a minha mão de sua boca.

— Eu nunca esperei tanto para uma garota dizer que queria transar comigo.

— Acho que fiquei preocupada em te convencer.

— Sabe que não precisaria muito.

— Eu só quero que saiba que em breve eu irei embora e... não quero ficar pensando em como teria sido. Se seria mesmo incrível como diz.

— Está duvidando? — Ele acaricia minha mão e a leva aos lábios, depositando um beijo em meu pulso que volta a acelerar.

— Não — sussurro e é a mais pura verdade.

E para minha surpresa, Henry se levanta e me puxa junto.

— Aonde vamos? — Deixo que segure minha mão e me leve para uma porta entre a cozinha e a sala, abrindo-a e acendendo uma luz, que ilumina uma escada. — O que é isso?

— O porão. Desça e me espere lá embaixo — diz simplesmente, afastando-se.

— Aonde vai?

— Buscar um preservativo. — Pisca e desaparece pelo corredor.

Desço os degraus e me deparo com um quarto todo arrumado.

Que diabos?...

Henry surge atrás de mim e beija minha nuca, arrepiando-me.

— Por favor, não diz que o grande segredo que esconde é que é um psicopata que prende todas suas vítimas no porão para fodê-las com força quando bem quiser.

Ele solta um risada rouca e me puxa para perto, deslizando os lábios até meu ouvido.

— Não, não sou um sequestrador de garotas que sonham em ser da realeza. — Suas mãos retiram minha blusa.

— Você tem um quarto aqui embaixo? Por que não veio dormir aqui em vez de ficar no sofá?

— Não curto muito porões. — Ele se abaixa e retira a calça do meu pijama.

— Você tem medo de porão? — Abaixo a cabeça para fitá-lo e ele ri contra minha barriga, antes de depositar beijos mornos por minha pele.

Fecho os olhos, arrepiando.

— Eu falei, tenho medo de fantasma. — Levanta-se e me empurra gentilmente até que eu esteja sobre os lençóis.

Mordo os lábios, voltando a sentir o desejo se enroscar dentro de mim, quando ele tira a própria calça, sem parar de me encarar e... Puta merda.

Ele já era lindo vestido. Nu, ele é perfeito.

— Falou sério sobre o fato de não gostar com força? — Ele desliza um preservativo por sua ereção incrível. E só aquela imagem faz meu ventre se contorcer de ansiedade, um desejo úmido pulsando onde estou morrendo para ele estar.

— Tenho a impressão que vou gostar do jeito que você fizer, Henry. — Opto pela sinceridade. Neste momento estou tão a fim dele que aceitaria qualquer coisa que sugerisse.

Este pensamento faz uma lembrança nada agradável de Jack surgir na minha mente. De como eu aceitava as transas ruins e às vezes até meio desrespeitosas dele.

— O que foi? — Algo na minha expressão deixa Henry alerta. — Estou brincando, Sophia. Eu não sou bruto nem nada disso.

— Eu sei, só... meu ex-namorado não era o que se podia chamar de amante atencioso. Na verdade algumas vezes ele chegava a me foder enquanto assistia pornô no celular.

— Que filho da puta. — Henry parece mesmo furioso.

Mas de repente não quero falar sobre Jack e suas foderias mais ou menos.

— Olha, não quero falar do meu ex. Então... Vamos deixar rolar. — Sorrio e tiro minha calcinha, puxando-o para mim.

E ele vem, com os olhos brilhando de tesão de novo, os lábios devorando os meus com vontade, me fazendo suspirar e gemer, entregue. Minhas mãos ansiosas deslizando pelos músculos suaves de suas costas, quando ele se posiciona no meio das minhas pernas me fazendo tremer de ansiedade.

— Abre os olhos, Sophia — Pede e eu obedeço.

— Desta vez, eu vou te foder devagar.

Ele me penetra lentamente, e eu prendo a respiração, cerrando os olhos, enquanto o sinto inteiro dentro de mim. É perfeito. É... incrível como ele disse que seria.

— Mas ainda essa noite...

Beija meu rosto, minha têmpora, meus olhos fechados, se movendo sem pressa.

— Vou te foder com força, entendeu?

Apenas aceno positivamente e escuto sua risada rouca, que só faz com que eu me arrepie mais ainda, um prazer incandescente se enrosca em meu íntimo, enquanto Henry faz amor comigo, lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo para estar assim, se movendo dentro de mim. Até que as sensações se tornam poderosas demais para serem represadas e me agarro em seus braços, erguendo meus quadris sensualmente.

Abro os olhos e o encontro me encarando com desejo.

— Com força — peço num soluço e ele sorri e morde meu lábio, aumentando o ritmo e a intensidade de suas investidas.

Meus gemidos se transformam em gritos que são engolidos por sua boca voraz, enquanto me desmancho em um clímax perfeito. E em seguida escuto seu gemido rouco em meu ouvido, quando ele goza dentro de mim.

— Porra, isso foi incrível — sussurra ofegante, quando larga o corpo em cima de mim.

E eu sorrio, ainda grudada em seu corpo suado, me sentindo...

Incrível.

Capítulo 10

Sophia

Acordo na manhã seguinte com Harry pulando em cima de mim.

Sim, o gato, que decidiu fazer uma massagem não autorizada nas minhas costas nuas, enquanto ronronava preguiçosamente.

Por um momento sinto-me confusa por estar em um quarto diferente, até os segundos atordoantes passarem e minha mente ser invadida por todas as imagens sacanas da madrugada. E, oh meu Deus.

Eu tinha mesmo transado com Henry?

Sento-me na cama, e o movimento brusco faz Harry ser jogado no chão, onde sai rolando como uma bola de pelo cinza até parar de pé e me encarar rosnando ameaçadoramente. Mas não estou preocupada com Harry, e sim caçando Henry pelo quarto. Só que não tem nem sinal dele por lugar nenhum. Estou sozinha.

Harry pula na cama de novo, se esfregando em mim e eu o pego, culpada.

— Desculpa, querido.

Por que Henry não está aqui? Lá fora já é dia e não faço ideia de que horas seja, mas acredito que não seja tão tarde. Será que ele tinha dormido comigo, ou se esgueirado de volta para o sofá no meio da noite?

Eu não me lembro de muita coisa depois do orgasmo maravilhoso. Acho que nunca tinha sentido nada tão explosivo. E agora eu só me pergunto como é que me contentei tanto tempo com um cara como Jack, sendo que existia homens como Henry por aí.

Mas... O que ia acontecer agora? Bem, provavelmente nada.

Eu tenho que lembrar que ontem prometi que seria apenas uma noite.

E é assim que vai ser.

Com um suspiro, jogo as cobertas para o lado e me visto, me perguntando se há alguma chance de voltar para o quarto e minha avó ainda está dormindo.

Porém a sorte não está comigo, pois quando passo pela sala escuto a voz de meus avós na cozinha.

Droga!

Subo correndo as escadas na ponta dos pés e entro no banheiro. Tomo um

banho rápido e me visto para descer e enfrentar minha família.

E Henry. E me sinto estranhamente tímida.

Era isso que dava ser mal comida durante seis anos. Agora, depois da minha primeira transa espetacular estou me sentindo como uma adolescente recém-desvirginada.

— Para de ser idiota! Foi só sexo! Sexo do bom. Mas só — sussurro para mim mesma.

Desço para a cozinha e vovó está mexendo nas panelas de Henry como se fosse dona da casa.

— Bom dia, querida! — Vovô sorri sentado à mesa, assim como meu pai. E cadê Henry?

— A dorminhoca acordou! — vovó nota minha presença. — Sente para tomar seu café! Temos que pegar a estrada!

— Vocês têm que pegar a estrada, não eu! — Sento-me e sirvo uma xícara de chá.

— Você sim! Sua avó já separou as suas coisas, já que estava dormindo — papai refuta sério.

— Eu estava dormindo no porão — respondo rápido ficando vermelha.

— Ah sim, Henry disse! — vovó responde. — Ele nos contou antes de sair que você preferiu dormir no quarto do porão. Pobre rapaz, disse que ele quem deveria ter dormido lá, em vez de naquele sofá desconfortável.

Certo, então Henry havia voltado para o sofá em algum momento.

— E onde ele se meteu? — Arrisco perguntar.

— Apareceu uma moça loira na porta e ele saiu com ela.

Moça loira?

— Que moça loira? — questiono desconfiada.

— Não sabemos, querida, pareceu que ele não queria que a víssemos.

— Será que é a Robyn? — murmuro para mim mesma. Sentindo uma pontada de ciúme nada adequada.

Henry não tem nenhum compromisso comigo e pode encontrar quem ele quiser. Mesmo a loira do *pub*. Mas o que será que ela significava pra ele? Estava claro para mim que eles tinham algum rolo, porém seria só sexo? Ou algo mais sério?

E por que eu estava me preocupando com isso?

— Então, assim que acabar de comer esteja pronta para ir embora — meu pai diz, me tirando do devaneio sobre Henry e meu ciúme fora de propósito.

— Eu não vou.

— Sophia, não seja teimosa. Não faço ideia do que está aprontando, mas... — Ele para de falar quando Henry entra pela porta.

Meu rosto esquenta quando seu olhar encontra o meu. E não posso evitar o anseio bobo que sinto no peito e a vontade de sorrir pra ele. E talvez me levantar e enganchar meus braços em volta do seu pescoço e...

Henry desvia o olhar.

Incomodado?

Aborrecido?

Comigo?

— Henry, que bom que voltou! Ainda não tomou café! Assei uns pães! — vovó fala animada enquanto tento conter minha decepção.

Mas o que eu esperava?

Que Henry se aproximasse e me puxasse pelos cabelos, me beijando de jeito? Hum, não seria uma má ideia...

Embora nada adequada, já que meu pai e meus avós estão no recinto.

— Obrigada, Sra. Davis, mas prefiro café — ele diz, se servindo de café.

— Quem era a moça loira bonita que te distraiu, Henry? — vovó questiona. — Uma namorada?

Henry hesita para responder.

— Era Robyn? — arrisco e ele me encara com uma expressão “de onde tirou isso?” que me deixa quase aliviada, mas de repente ele assente.

— Sim, Robyn.

Ah, aquela vadia!

Enfio meu rosto na xícara de chá, com vontade de gritar.

— Quem é Robyn? — Vovó continua curiosa.

— A namorada do Henry — resmungo, sem fitá-lo.

— Ah, tem uma namorada? Quanto tempo estão juntos?

— Não é minha namorada — Henry responde irritado. — Sophia está enganada.

— Hum, achei que dormisse com ela. — Encara-o com frieza. — Vai dizer que saiu pra dar uma rapidinha agora de manhã?

— Por que isso seria da sua conta? — ele responde no mesmo tom.

E isso dói.

Droga.

Não era para doer.

— Sophia, não seja impertinente! — vovó chama minha atenção.

Meu avô está rindo, como se tudo fosse muito engraçado e é típico dele.

Já papai me avalia desconfiado.

— Sim, Sophia, por que seria da sua conta?

— Não é! Henry pode dormir com Londres inteira. Não me interessa!

— É mesmo? — Henry levanta uma sobrancelha.

Ele está bravo comigo e eu não sei por que.

Eu que deveria estar brava!

Quer dizer, nem deveria.

— É mesmo! — confirmo, sustentando seu olhar. — Não me interessa! E, aliás, nem sei por que estamos falando disso, vamos mudar de assunto...

— Claro, vamos parar de falar de mim e falar de você. Como vai sua caçada ao príncipe?

Empalideço. Como ele tem coragem?...

— Caçada ao príncipe? Do que está falando? — Vovó olha de mim para Henry confusa.

— Ah, Sophia não contou que mudou para Londres, porque acha que vai se casar com o Príncipe Harry?

Meus avós e até papai começam a rir.

Ah graças a Deus eles estão achando que é uma piada.

— Não é brincadeira! É sério! — Henry continua.

— Cala a boca! — grito e minha família para de rir, confusa.

— Inclusive, ela já contou como nos conhecemos? — Henry não está disposto a parar.

— Já chega, Henry!

— Que conversa é essa, Sophia? — Papai já não ri.

— Conheci Sophia pulando o muro para entrar em uma festa real. O segurança quis expulsá-la e eu ajudei.

— Isso é verdade? — Meu pai me encara aturdido.

E sei que não posso mais mentir.

— Sim é. Mas eu precisava entrar! O Harry estava lá!

— Espera, o que está falando?

— Que Sophia acha que vai casar com o Príncipe Harry e que inclusive já invadiu dois palácios para tentar conhecê-lo! — Henry enfatiza e quero matá-lo nesse momento.

Com requintes de crueldade!

— Por que está fazendo isso comigo? Você sabia que eu não queria que minha família fosse envolvida!

— Acho que já chega dessa loucura, Sophia — ele diz sério e sai da cozinha.

— É verdade? — vovó indaga, aturdida. — Achei que fosse coisa de criança...

— Sinto muito, mas é verdade sim. — Levanto o queixo. Não vou ter vergonha. Essa é minha família e eles vão me entender. — Eu sempre sonhei em me casar com o Harry e quando ele marcou o casamento, percebi que era minha

última chance de tentar realizar meu sonho. E o que o Henry contou é verdade. Quero ser da realeza e quero fazer isso casando com o Harry. E acho que vou conseguir.

Um silêncio perplexo segue minhas palavras.

Enquanto torço para que entendam.

— Você pirou? — meu pai esbraveja por fim.

Ok, ele não entendeu muito bem...

Talvez vovó?...

— Oh meu Deus, Oliver. Deveria ter deixado você me convencer a colocá-la naquele colégio interno de freiras!

— Vovó!

— Querida, eu achei que fosse apenas uma brincadeira de criança! Mas vejo que está falando sério e... — Vovô toca minha mão e olha para meu pai. — Talvez o colégio de freiras não adiantasse. Acho que seria melhor aquele colégio militar...

— Talvez seja genético — Vovó coloca a mão no coração, alarmada. — Sua tia-avó Bridgit era insana, a irmã do seu avô, coitadinha...

— Eu não sou insana!

— Não, claro que não — vovô me abraça —, sua avó está sendo dramática, ela nunca gostou de Bridgit.

— Papai, não acha que sou louca, não é? — encaro meu pai.

— Não. Acho que você está arranjando desculpas para não encarar a realidade!

— Como assim?

— Sabe muito bem! Mas a culpa é minha! Eu fui omissa, deixei aquele palerma do Jack ficar tempo demais com você e...

— Meu namoro com Jack não era problema seu!

— Mas achei que ele pudesse amadurecer. Que iam amadurecer juntos. Já via vocês dois na fazenda, tomando conta de tudo.

— Você nem me perguntou se eu queria ficar na fazenda, perguntou?

— Oh querida, você não quer? — Vovó me encara horrorizada. Até meu avô está alarmado.

Ah Deus, que confusão.

— Papai, mamãe, me deixem conversar a sós com a Sophia — papai pede.

Meus avós hesitam, mas saem da cozinha.

Meu pai me encara muito sério.

— Sophia, como pode achar que uma fantasia dessas vai se tornar realidade?

— Se eu ficar enfurnada na fazenda, perdendo meu tempo com homens como Jack, não, não vai virar realidade! Mas eu estou em Londres, estive a poucos passos do Harry, já estive dentro de Kensington. E eu sei que é possível!

— Está delirando e precisa parar com isso!

— Pai, me magoa que não acredite em mim. — Começo a chorar.

— Filha... — Ele toca meu rosto, seu tom agora é mais moderado. — Eu falo isso para o seu bem. Tem que parar com essas ideias malucas. A vida real é outra coisa.

— Talvez eu não queria essa vida real!

Ele me encara com pesar.

— Eu tive medo a vida inteira que fizesse isso — diz como se para si mesmo e eu não entendo.

Mas quero que ele me compreenda.

— Sei que parece absurdo, mas não é! Existe um mundo diferente esperando por mim, eu posso sentir! E quero ir atrás dele. Por favor, pai, não tente me impedir.

— Esses sonhos de realeza... é um conto de fadas.

— Pois que seja. Eu quero o meu conto de fadas.

— E Henry? Eu sei que ele é mais do que seu chefe.

Desvio o olhar.

— A gente é amigo, talvez... tenha rolado uma atração. — Opto por meias verdades. — Mas não é nada sério. E você mesmo viu, ele tem a tal Robyn!

— Olha, não quero que desista dos seus sonhos. Mas a vida nem sempre é como a gente imagina. Como seu pai, eu tenho que fazê-la entender!

— Eu queria que você me entendesse!

— Sophia, a fazenda está com grandes problemas financeiros.

— Como assim?

— Eu tenho tentado, há anos, fazer com que ela dê lucro suficiente, mas... temo que não consiga mais lutar. É grande a chance de que tenhamos que vendê-la.

— Não pode fazer isso! Vovô e vovó morreriam. É a vida deles!

— Eu sei. Por isso venho lutando, peguei muitos empréstimos. Mesmo assim, acho que chegamos próximos do fim.

— Por que não me contou?

De repente me sinto muito culpada.

Enquanto eu me preocupava com meus próprios sonhos egoístas, meu pai estava passando por toda aquela crise.

— Eu tentei consertar tudo sozinho.

— Mas não estava sozinho! Eu estava lá!

— Você foi embora, Sophia — ele diz com tristeza e sinto meu coração se dilacerando no peito.

Meu pai é tudo pra mim.

E está decepcionado comigo. Prestes a perder a fazenda da família.

E ele tem razão. Eu fui embora. Virei as costas a tudo o que me era familiar em busca de um sonho.

Um sonho que agora parecia tão mesquinho comparado a tudo o que minha família podia perder.

— Vovó e vovô sabem?

— Não ainda.

— Oh papai, eu sinto muito. — Eu o abraço.

— Esta tudo bem, filha.

— Não está! Eu não devia ter ido embora. E você podia ter me contado e juntos pensaríamos em alguma coisa!

— Não sei se ainda tem jeito.

— Tem sim! Não vamos desistir! — falo com convicção, porque de repente sei o que tenho que fazer.

Não vou deixar minha família perder tudo.

— Pai, eu vou voltar pra casa. Vou voltar com você. Vamos dar um jeito juntos de salvar a fazenda.

Meus avós ficam muito felizes quando conto que concordei em ir para casa.

— E essa história de caçar príncipe? — Vovó ainda está meio preocupada, enquanto arrumo minha mochila.

— Acho que tem razão, foi só... uma bobagem da minha cabeça — murmuro com vontade de chorar.

Vovó sai do quarto e paro de fingir que está tudo bem. Sento na cama e pego a pasta com os meus preciosos recortes e enquanto a folheio é como se um filme passasse diante dos meus olhos. Todos os anos que passei sonhando, planejando, almejando um futuro brilhante.

É duro admitir que tudo não passou de um sonho que por um momento eu achei que fosse possível. Que aquela existência sem graça que eu vivia era só um “por enquanto”, e que o “para sempre” seria com aquele cara e tudo o que ele representava.

— Sophia? — Levanto a cabeça e Henry está na porta do quarto, hesitante.

Enxugo o rosto rápido e me levanto, voltando a enfiar minhas coisas na

mochila.

— Não se preocupe, estou indo embora. Não terá mais que me aguentar aqui.

— Sophia. — Ele toca meu braço e me esquivo.

— Por que contou ao meu pai? Eu não entendo! Achei que fôssemos amigos! Mesmo depois... depois... — Nem quero pensar na noite que passamos juntos, porque pensar nisso me deixa mais triste ainda.

— Eu contei justamente porque sou seu amigo!

— Difícil acreditar! Qual foi o problema? Ficou com medo que eu exigisse algo de você depois que transamos?

— Existia alguma possibilidade de você querer? — Sua voz tem um tom estranho e eu desvio o olhar, me ocupando em fechar o zíper da minha mochila.

— Claro que não! — respondo com raiva. — E também nem estou com raiva de você ter saído com a Robyn! — minto.

— Sophia... — Ele toca meu braço de novo e o encaro com toda a frieza que consigo reunir. — Sinto muito. Sei que magoei você contando para sua família, mas... sabe que é melhor assim. Que estava se iludindo e se colocando em situações perigosas indo atrás de um sonho impossível.

— Não era problema seu! — Um nó se forma em minha garganta de novo, porque eu sei que no fundo ele tem razão.

— Era problema meu sim, porque de certa forma eu deixei que ficasse aqui e que alimentasse essas ideias absurdas! Eu tinha medo que se metesse em alguma encrenca e que eu não estivesse lá para tirá-la dela.

— E quem foi que te elegeu o meu protetor?

— É isso que os amigos fazem. Eles protegem uns aos outros.

— Amigos dão apoio para o outro realizar seus sonhos e não pisa neles!

— Sei que é difícil agora para você entender, mas talvez um dia entenda.

— Tem razão, difícil entender mesmo! Eu acho que você no fundo não gosta de mim. E estava querendo se livrar de mim! Talvez tenha achado um erro terrível transar comigo e agora não quer me ter por perto! Mas tudo bem, estou facilitando para você e indo embora.

Coloco a mochila nas costas e passo por ele, mas sua mão me alcança antes que eu saia do quarto, me obrigando a parar, quando puxa meu braço.

— Inferno, Sophia, não queria que fosse embora assim, com raiva de mim. Por favor. — Sua voz tem tanto pesar que me deixa com vontade de chorar de novo, porque quando levanto a cabeça e enfrento seus olhos, vejo tristeza neles. E percebo que estou furiosa com Henry sim, mas também estou furiosa comigo mesma e com a desolação que estou sentindo por deixá-lo.

A verdade é que eu tinha me apegado mais a Henry do que era permitido.

Saber que eu estava indo embora e nunca mais o veria, deixava uma dorzinha estranha apertando meu peito.

E me dou conta que também não quero ir embora com raiva.

— Também não quero ir embora assim. — Dou de ombros, fungando e ele ri. Ah Deus, ia sentir tanta falta daquela risada. Do seu sarcasmo.

Ia sentir falta dele.

— Me desculpa — ele pede, seus dedos acariciando meu braço. Me arrepia e faz lembranças inconvenientes dominarem minha mente. — Eu juro que só queria que caísse na real.

— Tudo bem. Acho que tem razão. Era um sonho bobo... Eu só queria... — Quero contar a ele meus motivos. Meus verdadeiros motivos. Mas não sei se ele entenderia. Talvez entendesse. Mas estou indo embora. — Enfim, agora não tem mais importância. Minha família precisa de mim.

— Como assim?

Hesito em lhe contar sobre nossos problemas financeiros, afinal não são da conta de Henry.

— Eu tenho que ajudar meu pai. — Não deixa de ser verdade.

— Eu achei que... queria mais do que ficar na fazenda. É isso mesmo que quer?

— Família é tudo, Henry. Sei que não curte muito a sua e não sei o que aconteceu, mas talvez devesse pensar nisso.

Vejo uma sombra passar por seus olhos e sei que tem alguma coisa, ou muitas, que Henry não quer contar sobre sua família.

E uma parte de mim quer saber o que é. Porém, sei que Henry não vai me contar. Por mais que ele diga que somos amigos, ele não quer dividir isso comigo.

— Sophia, desça, já estamos prontos. — Escuto a voz do meu pai vindo lá de fora e suspiro.

— Agora eu preciso ir.

Ele solta meu braço e me afasto, descendo as escadas. Meus olhos vagueiam pela casa de Henry pela última vez. Vou sentir saudade dali também.

Harry, o gato, se aproxima e se esfrega na minha perna.

— Harry, será que você vai querer ir embora comigo? — Eu o apanho, acariciando seu pelo.

— Deixe-o. — Henry diz e eu o encaro surpresa. — Eu ainda acho que ele tem um dono na vizinhança.

— Vai cuidar bem dele até achar o dono, né?

Ele bufa.

— Sim, eu vou.

— Promete?

— Prometo.

Beijo Harry e o coloco no chão. Ia sentir falta dele também.

— Obrigada por tudo. — Fito-o pela última vez.

E sem pensar, o abraço. Aspirando seu cheiro familiar pela última vez para guardá-lo na memória. Ele lança seus braços a minha volta também. Sinto seus lábios em meu cabelo antes de me afastar.

Ele me acompanha até a calçada, abrindo a porta traseira do carro para mim.

— Não era Robyn de manhã. Era minha irmã — ele diz de repente.

— Por que me deixou pensar que era? — questiono aturdida, mas vovó me puxa para dentro do carro e Henry fecha a porta, sem responder.

Papai arranca com o carro e olho para trás, para a imagem de Henry ficando pequena, enquanto nos afastamos pela Portobello Road.

Ele não respondeu.

Mas eu sei a resposta.

Ele queria que eu ficasse com raiva.

Que eu não quisesse... ficar.

Mas eu queria.

Paro de fugir da realidade. Embora haja uma parte de mim que esteja arrasada por desistir de Harry e meu sonho de criança, a outra sabe que eu e Henry juntos seria incrível.

Contra todas as possibilidades nós tínhamos sido incríveis ontem.

Só que Henry tem que lidar com sua própria vida.

E eu tenho que começar a enfrentar a minha.

Quatro meses depois

Caminho pela plantação e sorrio ao ver os primeiros pontos vermelhos, ainda pequenos, despontando na folhagem verde. Estamos em abril, começo da primavera, e em breve o verão voltará e tudo ali ficará vermelho, com morangos maduros por toda parte.

E a grana vai voltar a entrar no caixa. *Espero!* Penso com esperança.

Eu tinha ajudado meu pai naqueles meses de inverno a tentar colocar ordem na bagunça que estava nas finanças, mas não estava fácil. Conseguimos obter novos prazos em alguns bancos pelo menos, esperando que o verão trouxesse de novo os visitantes e, assim, pudéssemos começar a pagá-los. Mesmo assim, eu não sei se será o suficiente.

Levanto-me e pego o celular no bolso do jeans. Uma mensagem de Jack

pisca e eu tento não me irritar. Ele não cansa de correr atrás de mim?

Quando voltei, Jack não demorou a me procurar, dizendo que estava arrependido de tudo e queria voltar. E eu o tinha enxotado todas as vezes. Porém, Jack não parecia convencido que meu não era definitivo e continuava me rondando e mandando mensagens como essa de hoje em que me convidava a ir ao *pub* local, porque ia ter uma banda tocando.

Ok, eu estava enfurnada na fazenda todo esse tempo, e às vezes queria mesmo sair e desconstrair, mas não tinha mais amigos na cidade, pois em seis anos só andei com os amigos de Jack. Mas daí a sair com ele de novo já era demais.

Então digito mais um “para de me perturbar” como resposta e espero que ele pare de me assediar. E já estou fechando o celular quando decido dar uma passada no site da OK.

Sim, eu sei que deveria ter deixado este antigo hábito nada saudável de lado, mas era difícil se livrar de velhos vícios. E eu acompanhava com um misto de interesse e repulsa os preparativos para o mais novo casamento real que aconteceria em poucas semanas agora. E o que posso dizer? Ainda sentia uma dorzinha no peito em pensar que deveria ser eu. Poxa, sonhei tanto tempo, desejei tanto! Não é justo! Às vezes tinha vontade de fazer minhas malas e dar o fora de novo. Afinal, enquanto não se dissesse o sim, ainda haveria tempo. Mas aí aquela droga de racionalidade, que agora fazia companhia para minha fantasia, se apressava em gritar em meu ouvido que isso era só um sonho e que eu devia ficar ali cumprindo minha obrigação de ajudar minha família.

Todavia, quanto mais os dias correm e se aproximam do casamento, volto a sentir uma inquietação. Como se algo tivesse me chamando.

Como se eu devesse estar em outro lugar.

E o pior é que às vezes o lugar onde eu achava que deveria estar era em um sobradinho em Notting Hill. Com um certo fotógrafo misterioso e sarcástico.

E como toda vez que deixo meus pensamentos irem por esse caminho sinto uma dor no peito bem diferente daquela que me assola quando vejo Harry com sua noiva usurpadora.

A dor de ver Harry casando e não sendo comigo é como uma frustração, uma revolta de me ver privada de um futuro que considerava meu por direito.

A dor que sinto quando penso em Henry é como uma saudade de algo que ainda nem vivi.

— Ei, moça.

Levanto a cabeça e por um momento acho que estou sonhando quando vejo, há poucos metros de distância, um cara segurando uma câmera em frente ao rosto, mirando em mim.

Usando um jeans surrado, os cabelos em desalinho e a barba por fazer...

— Henry?...

Ele tira a câmera do rosto e sorri.

— Ei, Sophia.

Capítulo 11

Henry

— Tem certeza que sabe onde está indo?

Olho para o lado e Peggy parece apreensiva. Tento não ficar bravo com sua falta de confiança em meu senso de direção.

— Claro que eu sei.

Ela observa o banco de trás, onde as crianças dormem tranquilas em suas cadeirinhas.

— Eu ainda me sentiria mais segura com um GPS ou...

— Ou com seu marido, sei. — corto, saindo da estrada e virando à direita. Aponto para a placa de Weybridge. — Viu, eu te trouxe sã e salva e sem um GPS.

— Estou impressionada! Homens são tão babacas quando acham que sabem o caminho de tudo quando alguns não sabem nem onde fica o clitóris, o que dirá um endereço certo!

— Espero que seu marido saiba pelo menos o caminho do seu clitóris, porque ainda me lembro quando nos perdemos indo para York no verão passado.

— Mamãe, já chegamos? — Bella acorda no banco de trás.

— Estamos quase lá, querida! — Peggy acalma a filha e fixa a atenção em mim. — Você falou com a Sophia que viríamos?

Certo.

Sophia.

Lá vamos nós de novo. Desde que concordei em trazer Peggy e as crianças a Weybridge, vinha me perguntando se não estava cometendo um erro. Afinal, já faz quase quatro meses que Sophia partiu e ainda não consegui esquecer sua breve, porém intensa, passagem por minha vida.

Cara, eu devia ter percebido que a situação estava fugindo do controle quando a beijei no show. Mas apenas deixei meu fascínio me dominar naquele momento, mandando a cautela à merda. E fiquei bem irritado quando voltamos para casa, e ela me deu o fora, quando eu estava pronto para arrancar sua roupa. Foi a noite mais frustrante da minha vida, e acordei com o firme propósito de ignorar aquela atração insana e fora de lugar. Sophia podia ser adorável e ter um corpo que suscitava as mais perversas fantasias, mas era encrenca pura. E eu dizia isso a mim mesmo não só por causa de sua obsessão com um príncipe da

realiza que estava de casamento marcado, mas porque eu estava começando a ficar dependente de sua presença e parando pouco a pouco de me importar com sua loucura. Achava até que lhe concedia certo charme.

Mas lá estava ela na cozinha, usando apenas uma camiseta e me encarando com um olhar que dizia claramente que não foi só eu que tive uma noite frustrante.

E porra, eu era só um cara.

E de novo mandei a razão à merda e a agarrei. Para perceber que ela era mais doida do que imaginava quando vi a tatuagem com meu nome (quer dizer, o nome do príncipe do caralho) bem perto de onde eu devia estar fodendo.

Sério. Acho que foi o momento mais assustador da minha vida. Cheguei a ter pesadelos algumas noites.

Pelo menos depois pareceu que estávamos em sintonia, quando concordamos que ser apenas amigos era a solução ideal.

Certo? Errado!

O tesão continuava ali, à espreita, pronto para atacar. E na noite de Natal, perdemos a batalha. Eu queria dizer que me arrependia, mas não tem como se arrepender de uma noite daquelas. Sophia e eu éramos perfeitos juntos.

O problema foi que na manhã seguinte eu me dei conta de que havia uma parte de mim que não estava nem um pouco feliz com a possibilidade de nunca mais rolar nada entre nós. E outra que estava aliviada. Sophia tinha um lado obsessivo com algo que eu detestava com todas as forças.

Porém, para ela, era só um desejo. Ela não sabia onde estava se metendo. Se soubesse não ia querer embarcar nessa de livre e espontânea vontade.

Eu ainda estava tentando me livrar.

E quando Lexi apareceu e a levei para dar uma volta, para evitar as perguntas curiosas dos avós de Sophia que já estavam acordados, percebi que de algumas coisas não podemos fugir.

— O que está fazendo aqui? — Eu havia perguntado enquanto descíamos a rua.

— Mamãe está muito brava com você!

— E você não deveria estar em Durham?

— Eu fugi de madrugada e dirigi até aqui.

— Para vir atrás de mim me perturbar?

— Para dar feliz Natal para meu irmão mais velho, seu idiota! — Ela me dera um soco no peito, fazendo um bico emburrado. Típico de Lexi. Ela tinha dezoito anos, mas às vezes agia como se tivesse doze. Eu a amava mesmo assim, com toda a petulância e seu jeito mimado. Lexi era a única que fazia eu me arrepender de não ter ficado por perto. E como a garota ardilosa que era, usava

isso para me quebrar sempre que lhe convinha.

— Podia ter avisado que vinha. — Eu a puxei para um abraço.

— Está com visitas? Quem eram aqueles velhos esquisitos?

— Avós da minha assistente.

— Da Poppy?

— Não, tenho uma assistente substituindo a Poppy por um tempo, Sophia.

— Ah é? E eles estão fazendo o que na sua casa, no Natal?

— Ela esta morando lá em casa.

Lexi levantara a cabeça para me encarar muito curiosa.

— Tem certeza que é só uma assistente?

Porra, eu ficara vermelho. Malditamente vermelho como um garoto de doze anos pego olhando os peitos de uma garota.

— Ah, esse papo de assistente quase me pegou! — Lexi rira e eu a empurrara.

— Para de dizer merda. Sophia é só minha assistente.

— Tá bom! Vou fingir que acredito. Mas podíamos voltar e você me apresenta a sua Sophia.

— Não é minha Sophia!

— Sua assistente Sophia — ela corrigira com ironia.

— Não.

— Ela... sabe?

— Claro que não. Já falei, Sophia é só uma assistente substituta e em breve vai embora. Ela nem é da cidade.

— E por que os avós dela estão na sua casa se é tudo casual do jeito que quer fazer eu acreditar?

— Por que não cuida da sua vida? Sabia que veio aqui só pra me importunar!

— Na verdade, vim te convencer a ir passar o Réveillon com a gente.

— Em Durham? Não obrigado.

— Por favor, Henry, acha que já não está na hora de parar com essa rebeldia e voltar pra casa?

— Rebeldia? Por que esta falando esse texto da mamãe?

— Porque eu sinto sua falta! Não pode me deixar lá sozinha com eles! Hugh está ficando insuportável. E nem vou falar da tia Claire.

— Achei que fosse apaixonada pelo seu querido Hugh.

— Ah pelo amor de Deus, eu tinha treze anos, não vai esquecer isso? Graças a Deus já superei a paixão ridícula que eu tinha pelo nosso primo interesseiro! Sabe que ele está louco para que você dê o fora de vez, né? Assim

ele toma conta de tudo. É isso que quer?

Lexi sabia como pegar naqueles pontos que me irritavam.

— Já acabou? — perguntara friamente.

— Ok, fique aqui em Notting Hill com seus turistas, fotografias cafonas e sua assistente caipira para esquentar sua cama! Mas você sabe que isso não vai durar muito. O prazo está acabando e vai ter que voltar para suas obrigações. E quando isso acontecer, vai ver que nada disso aqui — Ela fizera um gesto abrangente — é real. E vai ter que deixar para trás. Como acordar de um sonho. Aproveite enquanto pode, irmão.

Ela se inclinara e me beijara, se afastando com seus saltos agulha batendo na calçada. Deixando-me sozinho com meus mais profundos medos.

E no caminho de volta para casa eu já sabia que tinha que pedir para Sophia ir embora. Lexi tinha razão. Eu estava ferrado e me envolver com alguém como Sophia só ia me complicar ainda mais. Sem contar que não seria justo envolve-la nessa bagunça que eu tinha me metido. Eu acusava Sophia de correr atrás de uma fantasia quando eu mesmo estava vivendo a minha.

Não planejei contar à família dela sobre seus planos mirabolantes, mas depois que contei, percebi que foi o melhor a fazer. Eu gostava de Sophia. O suficiente para querer que ela realizasse seus sonhos, mas aquele que ela almejava era só uma fantasia e, provavelmente, tinha mais coisas envolvidas além de um casamento com um príncipe. Eu entendia de inadequação. De não se sentir feliz em sua própria pele para reconhecer alguém que sofria do mesmo mal.

E quando fui procurá-la depois, e ela estava fazendo a mala muito brava comigo, eu quis dizer que entendia. Porque éramos muitos parecidos em nossa ânsia de querer ser outra pessoa. E do mesmo jeito que eu estava sendo obrigado a voltar à realidade, ela teria que voltar à dela. Por que no final tudo não passava disso, de sonhos.

Mas preferi deixar as coisas como estavam. Ela iria embora e em breve seríamos um para o outro apenas uma lembrança.

Eu torcia para que ela arranjasse sonhos possíveis para correr atrás.

E que não voltasse para aquele cretino do ex.

Na verdade, toda vez que cogitava que essa opção era bem possível de acontecer eu tinha vontade de quebrar alguma coisa. Afinal, ela ficou seis anos com o idiota, alguma coisa devia sentir.

E tentei dizer a mim mesmo que estava aliviado com sua partida. Nada mais de Adele com suas músicas depressivas de manhã. Ou de calcinhas de renda penduradas no banheiro. Ou de manobras para invadir palácios reais.

Poppy voltou, ainda tão inconstante como antes, com aquele namorado

embuste, e agora eu já entendia que era uma questão de tempo para ela sumir de vez ou eu ia sumir com ela, porque minha paciência estava bem curta.

— Credo, você não era assim tão grosso! — ela reclamara quando eu chamara sua atenção por estar no telefone como o Ravi em vez de me ajudar olhando as crianças do casal que eu fotografava.

— Estamos trabalhando, não dá pra largar esse namorado pelo menos enquanto trabalha?

— Você que devia arranjar uma namorada, esse seu mau humor deve ser falta de sexo!

Sim, isso eu concordava com ela, podia mesmo ser falta de sexo o fato de eu estar com o pavio curto. Não tinha nada a ver com o gato maldito chamado Harry e o fato de o dono não ter aparecido e todo dia de manhã eu acordar com o bichano imprestável me encarando como se tivesse ideias assassinas na cabeça.

Juro por Deus que às vezes enquanto miava eu ouvia um “Henryyyyyy”

Devia ter deixado Sophia levar o gato com ela, afinal.

Tentei voltar às minhas noitadas no *pub* e até trouxe Robyn para casa uma vez, mas estava tão bêbado que acabei dormindo antes mesmo de tirar a roupa. Ela não ficou nem um pouco contente e mandou um ir à merda e nunca mais procurá-la.

— Robyn, eu estava bêbado ontem dá um tempo...

— Não é só isso. Você está diferente! Sumiu e de repente apareceu do nada! E não pense que eu não notei que tinha alguma coisa com aquela garota que levou no *pub* antes do Natal.

— Sophia foi embora...

— Ah, entendi. Sophia foi embora e aí você vem atrás de mim. Vai se foder, Henry! Cansei de você!

E ela saiu pela porta e nunca mais voltou. E inclusive fingia que não me conhecia quando me via no *pub*.

— O que aconteceu com a Robyn? — Simon havia perguntando uma noite em que nos encontramos para beber e ela se recusou a me servir.

— Eu dei uma mancada.

— Que mancada?

— Eu a levei pra casa e adormeci.

Simon cuspira a bebida, de tanto rir.

— Não é engraçado.

— É sim. Por isso que não saio com a mesma mulher nunca. É só confusão. Tem que aprender a ser como eu, nada de compromisso.

— Eu não tinha um compromisso com a Robyn, a gente apenas ficava junto, se divertia quando estávamos a fim. Nem sei por que ela ficou ofendida

por causa da...

— Hum, tem outra?

— Não. Quer dizer, lembra da Sophia?

— Ah, a ruiva gostosa. Achei mesmo que tinha coisa ali.

— Não tinha nada. Quer dizer, teve alguma coisa, quase nada. Apenas... uma noite e ela foi embora. Não a vejo faz uns três meses.

— E por que parece miserável?

— Não estou miserável!

— Por isso a Robyn ficou brava, porque percebeu que está caído por essa Sophia.

— Não estou caído por Sophia, e sim, Robyn possivelmente ficou brava por pensar assim.

— Está vendo? Por isso que não tenho namorada. Só serve pra ficar cobrando atenção!

— *Cara*, você é muito frio!

— Não sou frio! Só tenho uma visão clara de como um relacionamento ia me atrapalhar e me mantenho longe desse tipo de problema. Estou focado na minha carreira e não quero distrações.

— Claro, a sua grande carreira — ironizei.

Era só nisso que Simon pensava.

— Sim, minha carreira! E quer saber? Estou prestes a conseguir o que sempre almejei da DBS.

— Espera, está dizendo que vai mesmo ser o maldito CEO?

— Eu disse que ia! — Ele rira, tomando um gole de cerveja. — Está vendo? Vale a pena abrir mão de relacionamentos!

— E sua família? Da última vez que encontrei sua mãe ela estava dizendo que queria tanto que você voltasse com a Lorna...

— Deus me livre! Lorna e eu terminamos na escola, mas minha família está obcecada que eu me case ou algo assim! Só porque Sean casou e Mila está de casamento marcado.

— Recebi o convite do casamento da Mila.

— Nem me fale. Eles estão loucos com esse casamento e piorou a campanha “case o Simon”.

— E como pretende se livrar disso?

— Andei pensando e se insistirem vou inventar que estou em um relacionamento.

— E acha que vão acreditar?

— Espero que sim. E agora me conta. Que fim levou a sua Sophia?

— Ah que inferno, não é minha Sophia!

Simon apenas rira, mas pelo menos ele saíra cedo do *pub* com uma garota chamada Kate e me deixara em paz.

Sério, fiquei bem de saco cheio daquele papo de sua Sophia, até Miguel parecia achar muito engraçado ficar lembrando o tempo inteiro como Sophia era divertida, como Sophia aprendia a dançar salsa tão rápido, como Sophia fazia as melhores panquecas... e daí por diante.

E para completar Poppy se demitiu há uma semana, resolvendo aceitar o pedido de casamento do namorado escroto, que exigiu que ela se demitisse.

E em um almoço com Peggy e John, ela disse que queria ir visitar Weybridge com Bella, mas que John estaria trabalhando no domingo.

— Bella não fala em outra coisa, desde que encontramos a foto do verão passado quando estivemos lá.

— Eu a levo — eu me vi dizendo.

— Sério? Seria incrível. Tem contato ainda com a Sophia? Será que ela está lá com a família dela?

— Eu não faço ideia, depois que ela foi embora não nos falamos mais — respondi casualmente. — Eu só quero ir para tirar umas boas fotos. Deve ser bonito lá.

E assim, chegamos a este momento.

O momento em que entramos na fazenda dos Davis.

A casa de Sophia.

E o que posso dizer? Estou ansioso para cacete para revê-la.

Que mal haveria? Só queria saber se ela estava bem. Se tinha mesmo desistido do seu sonho maluco com o Príncipe Harry e sua obsessão de entrar na realeza.

Estaciono o carro e Peggy tira as crianças do carro e coloca Peter no carrinho, indo para a recepção pegar as cestinhas para colher os morangos com as crianças e eu me afasto com minha câmera.

Os campos de morango ainda estão parcialmente vazios enquanto eu caminho por entre as plantações, curioso.

Então eu a vejo.

Ela está agachada e examina um morango, com aquele sorriso adorável que era minha kriptonita. Os cabelos estão presos num coque, mas alguns fios se soltaram e são levados pelo vento.

Não consigo impedir de meus olhos percorrerem sua figura perfeita, vestindo apenas um jeans justo desbotado e um suéter claro, quando ela se levanta.

Ela parece fazer parte da paisagem. Ergo minha câmera e clico, para eternizar aquele instante.

E continuo clicando, mesmo quando ela apanha o celular, e não parece feliz com o que vê.

— Ei moça — chamo-a e ela me encara surpresa.

— Henry?

Eu abaixo a câmera e sorrio.

— Oi Sophia.

Capítulo 12

Sophia

Henry está aqui?

Por um momento meu cérebro custa a processar que o cara que está caminhando em minha direção é Henry Cavendish. E, caramba, ele era tão lindo assim antes? Sinto meu coração batendo rápido e uma vontade louca de correr em sua direção. Tocá-lo e saber que não estou delirando.

Por que não fazia muito sentindo Henry estar aqui. E enquanto ele se aproxima, percebo que senti falta dele. Muita falta.

E que sua presença é como sentir o sol no rosto depois de um longo inverno. Esquenta meu corpo e minha alma.

E não contengo o sorriso feliz que se distende em meus lábios, quando ele finalmente está na minha frente.

Muito menos meus braços que se lançam em volta de seu pescoço, o abraçando forte e aspirando seu cheiro tão familiar para mim. Inundando meus sentidos de lembranças. Doces e quentes.

— Estou feliz em ver você também. — Ele ri, mas me abraça de volta.

— O que está fazendo aqui? — Afasto-me o encarando aturdida.

— Vim com Peggy e as crianças. Bella estava insistindo em visitar a fazenda de novo e John não poderia trazê-los, então me ofereci.

O sorriso se apaga um pouco em meu rosto. Então ele não veio por minha causa.

Bem, por que mesmo ele faria isso?

— Oh, Peggy e as crianças estão aqui também?

— Sim, foram na recepção pegar suas cestinhas.

— A safra ainda não está boa, deveriam ter vindo no verão.

— Bella não entende isso e estava enlouquecendo sua mãe.

— Entendo... e você é bem bonzinho, hein?

— Por que está sendo sarcástica?

— Nada, só... caramba, sabia que eu estava aqui e não escutei falar de você por todos esses meses, como se não lembrasse mais da minha existência e de repente aparece aqui do nada... — Saio andando por entre a plantação e Henry me acompanha.

— Está brava por me ver aqui? — Ele parece confuso. Ou está só sendo

irônico, não sei dizer.

— Não! Quer dizer, por um momento achei que tivesse vindo, sei lá, para me ver, quer dizer, para conversar comigo ou algo assim.

— E isso seria ruim?

— Acho que não. Afinal somos amigos, não? Só que amigos mantêm contato.

— Também não recebi nenhuma ligação sua, Sophia! Ou devíamos trocar cartas como na era vitoriana?

— Quando eu fui embora não pareceu que quisesse manter contato comigo. Por isso achei esquisito você aparecer aqui!

— Já falei que vim com a Peggy...

— Corta essa! Você sabia que eu estava aqui!

— Eu queria tirar umas fotos.

— Ah claro.

— O que quer dizer?

— Que deveria ser sincero e dizer que queria me ver. — Sustento seu olhar que está um pouco irado agora.

— Ok, queria te ver. Satisfeita?

Não consigo evitar um sorriso.

— Se queria me ver, podia ter vindo quando quisesse, não precisaria da desculpa da Peggy.

— Não achei que quisesse me ver também, se quer saber. Achei que... seguiríamos nossas vidas.

— Eu também achei. Mas a vida real é bem sem graça se quer saber.

— O que anda acontecendo para deixar você desanimada assim? Achei que era isso que quisesse, voltar para ajudar sua família.

— Não era bem querer. Eu precisava. Meu pai está cheio de dívidas, a fazenda não está indo bem.

— Sério? Por que não me disse?

— Não era da sua conta! E o que você poderia fazer? Era minha obrigação voltar e dar apoio a minha família — respondo e me lembro da misteriosa desavença que Henry tem com a família dele.

— É, acho que entendo... Então quer dizer que desistiu do Harry?

Hesito em responder. Agora estamos nos aproximando da sede, minha casa. Voltei, pois me sentia culpada pela situação da fazenda. Percebi que estava sendo egoísta partindo para perseguir um sonho quase impossível.

Mas eu tinha desistido?

Às vezes achava que sim. Que eu tinha me iludido e que minha vida sempre seria aquela, cercada pelas plantações de morango a perder de vista.

Talvez achasse um cara mais decente que Jack para me apaixonar, pelo menos um que não precisasse assistir vídeos pornôs para transar comigo. Quem sabe casasse, tivesse filhos e ficaria aqui, como meus avós. Como meu pai. E a vida seria apenas isso.

Mas havia uma pequena parte de mim, aquela que não queria desistir de sonhar. Que queria uma vida diferente. Uma vida extraordinária.

Uma vida de princesa.

Que não se contentaria com um cara comum, uma existência comum.

E nesses momentos, eu achava que não devia ter desistido tão fácil.

Porém, agora, eu não tinha muita escolha. Então dou de ombros e sorrio para Henry.

— Sim, você tinha razão. Era meio que impossível.

— Sério? — ele ainda insiste e eu o encaro impaciente.

— Não acredita?

— Você parecia bem obstinada.

— Às vezes a gente é obrigado a aceitar que nosso destino talvez seja bem diferente daqueles que almejamos em nossos sonhos.

— É, sei bem disso — ele murmura como se consigo mesmo.

Caminhamos em silêncio por um tempo até que avistamos Peggy e as crianças.

— Oi Sophia — Peggy me cumprimenta enquanto empurra o carrinho de Peter. Bella está animadíssima com sua cestinha cheia de morangos, mas seus olhinhos se arregalam surpresos ao me ver.

— Olha, é minha amiga princesa!

Henry sacode a cabeça, com deboche.

— Oi Bella, estou vendo que pegou muitos morangos.

— Sim, consegui pegar muitos! — Ela volta a sua missão de colher morangos.

— Ela adora tudo isso! Estava me enlouquecendo de tanto insistir em voltar.

— Falei para o Henry que deveriam voltar no verão.

— Nós voltaremos com certeza. Agora, me deixa ver o que a Bella está fazendo.

Ela se afasta e meu telefone toca. Vejo o número de Jack piscando na tela e resolvo atender para ver se me deixa em paz.

— O que quer? — resmungo, dando alguns passos para me afastar de Henry, que me observa.

— Ei, baby, você não respondeu se vai ao *pub* hoje...

— Eu respondi sua mensagem e disse que não!

— Sophia, por favor, a gente precisa conversar.

— Num *pub*? Não obrigada.

— Então onde? Não quer vir até minha casa? Minha mãe está trabalhando hoje...

A mãe de Jack era viúva e fazia trabalho voluntário no hospital local algumas noites.

— Jack, para de insistir! Eu não vou. E vê se para de me importunar!

Desligo e Henry me fita curioso e um tanto irritado.

— Esse cara ainda está atrás de você?

— Eu achei que ele tinha desistido, mas desde que cheguei ele insiste que temos que voltar ou algo do tipo.

— E você quer voltar com ele?

— Não, claro que não! Mas é difícil cortar laços com alguém que você conhece a vida inteira.

— Se conhecem a vida inteira?

— Desde criança. Jack é nosso vizinho e eu brincava com ele e seu irmão. Na adolescência começamos a namorar. E acabou durando tempo demais... Enfim, namoramos por seis anos. É tempo demais para acabar tudo de uma vez. Já passou por algo assim? — De repente eu me sinto curiosa para saber qual o histórico amoroso de Henry.

— Como assim?

— Já teve algum relacionamento que durou tanto tempo?

— Não seis anos.

— Ah, então teve muitas namoradas? Ou é aquele tipo de cara que não gosta de compromisso? — questiono me lembrando de Robyn. Não parecia que ele tinha algum compromisso com ela.

— Eu tive algumas namoradas... — responde evasivo.

— Mas alguma foi séria? — insisto.

— Eu fui noivo uma vez.

— Sério? Você ia casar?

Ele ri.

— Acho que noivados são para isso, não?

— E por que não casou?

— Não deu certo. — Sua resposta vaga não me convence.

— E quanto tempo ficaram juntos?

— Mais ou menos um ano.

— Uau. E faz quanto tempo que terminaram?

— Uns dois anos.

Exatamente o tempo que ele mora em Notting Hill. E o tempo que ele

rompeu com sua família, ou algo do tipo.

Será que tinha alguma coisa a ver com o término do noivado?

De repente me sinto muito curiosa sobre isso e já estou me preparando para questionar mais, quando vovó aparece.

— Henry, mas que surpresa! — Ela abraça Henry. — Por que não contou que o Henry vinha te visitar, querida?

— Ele não veio me visitar vovó. Veio trazer uma amiga e seus filhos.

— Ah, a moça loira com as duas crianças! São adoráveis.

— Sim são — Henry responde e vovó se vira pra mim.

— Sophia, seu pai está te chamando. Parece que tem algum problema no computador.

— Aff, papai tem que aprender e parar de me perturbar!

— Vá ajudar o pobrezinho, querida. Eu cuido do seu Henry.

— Que seu Henry, vovó? Pelo amor de Deus! — enrubesço.

— É modo de falar, querida. Agora vá ajudar seu pai. Vou levar Henry para tomar um café e comer um bolo de morango que acabei de assar.

Lançando um olhar de desculpa a Henry, corro para casa para ajudar meu pai no escritório e, como previ, ele detonou com a planilha de gastos da fazenda. E acabo ficando mais tempo do que queria o ajudando.

— Esse programa novo é um lixo!

— Não é um lixo, o senhor que não quer aprender a mexer direito! Agora vou ter que arrumar tudo, e o Henry está aí.

— Henry? O fotógrafo?

— Ele mesmo.

— Está fazendo o que aqui?

— Veio com uma amiga que tem filhos.

— Sei...

— Não faz essa cara de desconfiança. Somos amigos.

— Hum, ele mora lá em Londres, acho que não daria certo um relacionamento mesmo...

— Não que eu esteja interessada.

— Não precisa ficar agressiva. Uma hora vai ter que arranjar outro namorado. Um melhor que o Jack pelo menos.

— Aqui em Weybridge? Duvido que arranje algo que preste.

— Está sendo amarga. É muito nova para já estar desiludida. E tem ótimos rapazes na cidade.

— Então arranja um para você!

— Ei, não seja impertinente.

— Desculpa, é que esta conversa me irrita.

— Parece que tudo o que diz respeito à fazenda te irrita.
Respiro fundo, culpada, como sempre me sinto quando perdia a paciência com meu pai.
— Não é isso...
— Eu às vezes acho... bem, deixa pra lá.
— Certo. Terminei aqui. E vê se não detona tudo de novo.
— Convida o Henry para ficar e jantar.
— Duvido que ele possa ficar. Tem que levar a amiga e as crianças de volta a Londres.
— Pode convidá-lo para vir outro dia.
— Por quê?
— Acho que está muito sozinha aqui. Precisa de amigos.
Saio do escritório e vou à procura de Henry, mas encontro minha avó sozinha na cozinha.
— Cadê o Henry?
— Ele foi embora.
— Foi embora? Sem se despedir de mim?
— Aquela mocinha loira com as crianças apareceu e o menino não parava de chorar. E eles decidiram voltar.
— Podia ter se despedido — murmuro chateada.
— Ele não fez por mal. Por que não o convida para voltar mais vezes?
— Você também, vovó?
— Ele é um rapaz bem bonito...
— Para de querer bancar a casamenteira!
Saio da cozinha e de novo meu celular vibra.
Jack ainda insiste.
Num acesso de raiva, respondo que sim, eu vou ao *pub*.
Eu preciso sair desta fazenda. Preciso esquecer que estou decepcionada com Henry. Ainda não acredito que ele partiu e nem se deu ao trabalho de se despedir. E eu toda feliz porque ele tinha vindo e ainda confessou que queria me ver.
Achei que depois de Jack, eu estava mais esperta, mas parece que leva tempo para se livrar da mania de ser trouxa.

Jack aparece na minha porta naquela noite, pronto para me levar para o *pub*. Meu pai me observa aborrecido, mas o ignoro quando pego meu casaco e acompanho Jack até sua caminhonete. E não deveria me surpreender que a

primeira coisa que ele faz quando fecha a porta é avançar para cima de mim. Porém, posso estar disposta a deixar que ele me leve até um show, mas não vou permitir que ponha as mãos em mim de novo, então o empurro e viro o rosto, antes que sua boca alcance a minha.

— Ei, baby, o que foi? — ele ainda insiste e eu o empurro novamente.

— Não pense que aceitei sair com você para a gente voltar ou qualquer coisa assim!

Ele me encara sem entender e eu viro o rosto.

— Então dirige logo, que hoje eu preciso de um pouco de diversão.

— E a gente dar uma rapidinha antes de chegar ao *pub* não é diversão?

Rolo os olhos, já começando a me arrepender.

— Quando digo diversão, quero dizer música e uma boa dose de álcool. E é só.

— OK, vamos beber então. — Ele pisca com malícia, com certeza achando que quando eu estiver bêbada, poderá tentar me agarrar de novo.

Pois que vá sonhando!

Chegamos ao *pub* e Jack coloca os braços em volta dos meus ombros.

— Para de pôr a mão em mim! — eu o rechaço.

— Ei, calma, baby... O que quer beber? — indaga quando chegamos ao balcão.

— Eu posso pedir minhas próprias bebidas!

Alguns amigos dele se aproximam o cumprimentando e lançando olhares especulativos para minha presença.

— Voltaram?

— Não! — grito por cima da música e Jack ri, passando a mão na minha bunda. Desta vez eu respondo com um tapa. O que só faz ele rir mais.

— Estamos só tentando nos reconectar — ele explica, beijando meu rosto.

Seus amigos idiotas riem, nem um pouco incomodados com meu aborrecimento.

Meu Deus, onde eu estava com a cabeça? Isso aqui está longe de ser divertido!

Sem que consiga impedir, me vejo sendo arrastada por Jack e seus amigos para frente do palco, onde uma banda de rock está tocando.

Tento curtir a música, tomar minha cerveja em paz e impedir que Jack chegue perto demais, mas só consigo me irritar cada vez mais. Até que, cansada de ser molestada, me afasto e sento em uma mesa num canto.

A noite está uma merda e eu quero ir embora. Devia ter vindo com o carro do meu pai, já que a fazenda fica há uns vinte minutos do centro da cidade.

E estou pegando meu celular para passar a vergonha de pedir para meu pai me buscar quando tomo um susto ao ver Henry entrando no *pub*.

— Henry? — Pela segunda vez naquele dia estou perplexa.

Ele sorri e se aproxima sentando na minha frente.

— Oi.

— Oi? Só isso? O que diabos está fazendo aqui?

— Eu fui até sua casa e seu pai disse que tinha vindo para o *pub* com seu namorado. — Ele dá de ombros. Noto certa fúria em sua voz mesclada com incredulidade.

— Ex-namorado! — corrijo.

— E por que iria sair com seu ex-babaca?

— E por que mesmo você voltou? Foi embora à tarde sem nem se despedir de mim!

— Eu tinha que levar a Peggy e as crianças.

— Mas podia ter se despedido! Achei que... — Eu me calo, cruzando os braços, ainda aborrecida. Por causa dele eu tinha ido para aquele *pub* com meu ex-cretino e a noite estava sendo um fiasco.

— Eu sei. Peter estava chorando e Peggy estava com pressa. E eu já sabia que só ia levá-los e voltaria.

— Podia ter avisado, sabe?

De repente tomo o segundo susto do dia ao ver Simon se materializando ao meu lado, segurando duas *pint*.

— Ei, Sophia.

— De onde você saiu?

Ele ri e senta ao meu lado.

— Henry disse que ia curtir uma noite diferente hoje. Legal aqui... e essa banda até que não é tão ruim. Apesar de que o guitarrista é meio fraco...

— Simon toca guitarra — Henry explica.

Levanto a sobrancelha, admirada. Simon fazia toda a linha executivo certinho, é difícil imaginá-lo tocando guitarra.

— E piano — Simon completa. — E Henry também toca piano.

Desta vez estou realmente surpresa.

— Você toca piano? — Eu me viro para Henry.

— Por que o espanto? Minha mãe me obrigou a aprender desde criança. Achava um porre na verdade.

— Nós tínhamos uma banda — Simon diz.

— Você e Henry?

— Sim, e devo dizer, era bem melhor do que essa daí no palco.

— É sua cara se achar melhor que todo mundo — Henry critica e Simon

fica sério.

— Mas eu sou melhor! Quer que eu prove?

— Fique à vontade!

Simon toma sua cerveja e levanta da mesa.

— Esperem para escutar música de verdade.

E no minuto seguinte ele está indo até o guitarrista e conversando com ele. E não sei como, consegue que o cara lhe passe a guitarra.

E sim. Simon realmente toca melhor.

— Simon não se contém — Henry ri —, ele sempre foi assim. Sempre quer ser o melhor.

— Não consigo imaginar vocês numa banda!

— Foi uma coisa boba de adolescente.

Por um momento permanecemos em silêncio ouvindo a música. Simon, muito metido, começa a fazer um solo de guitarra complicado e eu volto a encarar Henry e seu olhar está fixo em mim.

— Por que voltou? — Não consigo evitar de perguntar, mas antes que Henry consiga responder, Jack se materializa do lado da nossa nessa.

— Ei baby...

Lá vamos nós.

— O que quer, Jack?

Seu olhar vai de mim para Henry.

— Quem é esse cara?

— Henry Cavendish — Henry responde. Parecia amigável, mas eu podia sentir a tensão emanando.

— Henry é meu amigo — completo.

— Nunca o vi por aqui... — Jack comenta desconfiado.

— Henry é de Londres. Assim como Simon, o cara tocando guitarra.

— É seu amigo também?

— Qual o problema? Eu tenho amigos! Agora vê se dá o fora!

— Você veio comigo e...

— Ei, *cara*, ela falou para dar o fora — Henry se levanta, agora claramente ameaçador.

Jack me encara.

— Vai mesmo ficar aqui com esse cara, baby?

— Para de me chamar de baby e eu vou ficar aqui sim! Não somos mais namorados e eu posso ficar com quem eu quiser!

— Você ouviu — Henry completa.

Jack ainda hesita, possivelmente cogitando se deve brigar com Henry por minha causa ou deixar pra lá.

Graças a Deus, Jack não é muito corajoso quando se trata de caras maiores que ele e então, com um olhar raivoso, se afasta para se juntar a seus amigos inúteis.

Respiro aliviada.

— Tudo bem? — Henry me estuda, preocupado, e eu forço um sorriso.

— Eu não devia ter vindo com ele. Foi um impulso idiota. E a noite estava sendo uma merda até você chegar, para falar a verdade.

— Por isso estava aqui no canto?

— Sim... patético, né?

De repente Henry estende a mão.

— Vamos curtir então.

— Henry, eu não...

Ele me puxa, ignorando meus protestos.

— Ninguém deixa baby em um canto — Pisca, usando a fala de *Dirty Dancing* e eu não consigo parar o riso, enquanto o acompanho para a pista.

Passamos por entre as pessoas até estarmos em frente ao palco. E por algum tempo eu me permito simplesmente me divertir, como tinha planejado antes de Jack estragar tudo. Deixo a música dominar meus movimentos, canto junto e aplaudo a performance de Simon que fica ainda mais metido quando nos vê. E estar com Henry ao meu lado, curtindo junto comigo, torna tudo mais incrível.

— Vou o banheiro — Henry diz em certo momento e se afasta.

E não demora para Jack surgir do meu lado.

— Quem é esse cara, Sophia?

— Jack, me deixa em paz!

— Não acho que ele seja só seu amigo...

— E se não for? — digo em desafio. Talvez seja bom que Jack ache que eu e Henry somos mais do que amigos. Quem sabe assim me deixa em paz.

— E aquele papo do príncipe? Sabia que era mentira! Você inventou, não foi? Já queria ir atrás desse cara em Londres...

— Ah cala a boca!

— Mas ele não vai te tratar como eu, Sophia.

— Espero mesmo que não! Henry nunca me trataria como você! Ele é mil vezes melhor!

— A gente ficou junto seis anos, não pode partir pra outra assim...

— Pois eu já parti!

— Não pode ser verdade! Está aqui há meses e este cara estava lá em Londres, ele nem deve ligar pra você...

— Chega, Jack! Se quer saber, nem é da sua conta se estou com Henry

ou não, então me esquece! — Dou meia-volta e me afasto.

Henry está se aproximando, olhando com cara de poucos amigos para mim e Jack.

Sem pensar, me aproximo e jogo meus braços em volta do seu pescoço e, ficando na ponta dos pés, o beijo.

Capítulo 13

Sophia

Sinceramente, acho que essa foi a melhor ideia do dia. Na verdade a melhor ideia que tive em muitos meses. Por um momento, quando Henry geme dentro da minha boca, num misto de surpresa e excitação, esqueço os motivos que me fizeram pular nele e me deixo levar pela perfeição que é ter sua boca na minha de novo. E seus braços me apertando. E seu corpo colado no meu.

Ah sim.

E nem sei quanto tempo passamos nos beijando e nos atracando no meio da pista ou encostados na parede... espera. Estamos na parede? Quando isso aconteceu? Não faço ideia, só suspiro e enterro meus dedos em seu cabelo, adorando ser prensada por Henry Cavendish contra a parede de um *pub*.

Até que, sem aviso, ele é afastado de mim e abro meus olhos, confusa, para ver que é Jack que está ali, gritando com Henry.

— Tira a mão da minha garota, *cara*! — Jack esbraveja, segurando a blusa de Henry que o empurra.

— E você tira a mão de mim!

— Seu filho da puta, estava agarrando minha...

— Jack, para com isso! — Finalmente encontro minha voz. — Não sou sua namorada!

— Fica quieta, Sophia, agora é entre mim e este babaca aqui...

E sem aviso Henry vira um soco na cara de Jack, que cai para trás.

E daí a confusão está armada. A galera abriu um buraco no meio da pista e alguns gritam excitados com a briga eminente enquanto outros fazem o coro do deixa-disso.

Henry está pronto para socar Jack de novo, mas eu toco seu braço, preocupada com o que tudo aquilo pode virar.

— Henry, chega...

— Sophia, esse cara está merecendo levar uma surra!

— Vem me bater, seu... — Jack está de pé de novo, partindo para cima de Henry, mas do nada surge uma mão e puxa Jack pela camisa e de novo ele é socado e cai para trás.

Boquiaberta, vejo que quem está batendo em Jack é Simon!

E de repente dois seguranças estão se aproximando e Henry puxa Simon.

— Chega cara, melhor a gente dar o fora.

Henry segura meu braço e corremos para fora do *pub*.

Entramos no carro e Henry sai cantando pneu. Ainda olho para trás para ver os seguranças saindo do *pub*.

— Mas que merda foi aquela? — murmuro aturdida e Simon está rindo no banco de trás.

— Fazia tempo que eu não socava alguém!

— Não é engraçado, Simon! — Encaro Henry. — Não acredito que bateu no Jack!

— Você queria que eu deixasse ele falar com você daquele jeito?

— O cara é um babaca, Sophia! — Simon resmunga. — Devia ter tirado algum dente dele.

— Não tinha que ter se intrometido! — Henry reclama.

— E deixar você se divertir sozinho?

— A briga não era sua!

— E acho que nem sua! — Eu me intrometo e ele me lança um olhar raivoso. — Sério, Jack é um babaca, mas é só. Eu sei lidar com ele.

— Ah claro, e por isso veio com ele hoje! Por acaso estraguei o grande retorno de vocês? Achei que depois de enfiar a língua na minha boca isso estava fora de questão.

— Não seja babaca também, Henry, não combina com você! Claro que não quero voltar com Jack! Só aceitei vir com ele, porque precisava sair um pouco da fazenda, me divertir! Mas sei agora que foi um erro, Jack está com dificuldade de entender que não quero mais nada com ele.

— Por isso me beijou? — pergunta devagar e sei que não vai gostar da minha resposta.

— Em parte sim — confesso. Porque não quero mentir pra Henry.

Nós somos amigos apesar de tudo.

— *Cara*, o que estamos fazendo aqui? — Simon nos interrompe e reparo que Henry estacionou em frente a minha casa.

— É a casa de Sophia — Henry responde e me encara. — Bem, acho que é isso. Está entregue.

— Não pode ir embora assim, estamos no meio de uma conversa!

— *Cara*, não queria interromper a linda DR de vocês, mas preciso fazer xixi. — Simon sai do carro e eu salto também.

— Não vai fazer xixi no meu quintal, Simon! Entra e usa o banheiro.

Henry sai do carro também, enquanto Simon se encaminha para minha casa, sem a menor cerimônia.

Henry e eu nos fitamos, meio hesitantes, ambos com os braços cruzados,

como um escudo. O que é um tanto ridículo.

— Tem mesmo que ir embora?

— O que quer, Sophia? A noite foi uma merda.

— Não foi de todo ruim. Estou feliz que esteja aqui. — Dou um chutinho na sua perna e ele sorri.

— Achei que estivesse brava porque quebrei a cara do seu ex-namorado.

— Na verdade acho que tem razão e ele mereceu.

— Talvez ele só goste de você e não queira perdê-la.

— Duvido. Eu era só... alguém que ele podia ter bem fácil.

— E você realmente não sente mais nada por ele?

— Nem sei se um dia senti. A gente se conhece a vida inteira e... pareceu algo certo por um tempo, até que... — Hesito em falar de Harry e dos meus sonhos.

— Até decidir ir atrás do seu sonho com o tal príncipe. — Henry não esconde o sarcasmo na voz.

— Sim, foi bem isso. Eu decidi que não queria mais ficar aqui e namorar um babaca como Jack.

— E onde seu sonho de realeza se encaixa nisso?

— Meu sonho era tudo.

— Era ou é?

— Eu não sei. Por um tempo realmente achei que era possível. Talvez eu tenha me iludido. Talvez Harry e toda a vida que sonhei em ter desde criança, seja apenas isso, um sonho.

— Não parece feliz quando fala assim.

— E o que é a felicidade? Eu sou feliz quando estou com minha avó, com minha família, mas sempre acho que falta algo. Como se aqui não fosse meu lugar.

— E acredita que sua felicidade está naquela vida, como uma princesa?

— Pode ser que sim. Mas se eu nunca viver isso, como vou saber?

— Parece justo.

— Você é feliz, Henry?

— Eu tento ser, a maior parte do tempo.

— Mesmo longe da sua família? — arrisco.

— Eu achei que minha felicidade estava bem longe deles e tudo o que representam.

— E estava?

— A liberdade tem seu preço.

— Então você não estava atrás da felicidade e sim da liberdade?

— Não é a mesma coisa?

— Diga-me você.

— Essa conversa tá ficando muito esquisita.

A gente ri e percebo que não quero que ele vá embora.

Não ainda.

— E não acha que o Simon está demorando a voltar? — De repente me lembro de Simon.

Sigo para casa e Henry me acompanha e quando entro na sala nos surpreendemos em ver Simon apagado no sofá.

— Que folgado!

— Vou acordá-lo para a gente ir.

— Não. Deixei ele aí. Podem... ficar aqui essa noite.

Henry se volta para mim, devagar, com uma pergunta muda no olhar e eu enrubesço. Meu coração se agita em expectativa.

— Vai dizer que tem mais um sofá para mim?

— Tem um lugar na minha cama... — sugiro com um sorriso.

— Está tentando me seduzir, Sophia?

— Nunca tentei seduzir ninguém.

— Está falando sério?

— Sério! Está dando certo?

— Achei que estivesse me seduzindo desde o dia em que caiu daquele muro.

— Não seja tão presunçoso. — Eu me viro subindo para meu quarto e Henry me segue.

Graças a Deus papai e meus avós dormiam cedo, assim, consigo me esgueirar com Henry para dentro do meu quarto e fecho a porta.

Nós nos fitamos na semiescuridão do quarto e sinto meu pulso acelerar de expectativa. Uma sensação doce e quente corre por meu sangue e faz tudo acordar e pulsar. Desejar.

Ele se aproxima devagar e desliza os dedos por meu rosto, é leve como pluma e faz sucessivos arrepios acordarem minha pele. Fecho os olhos e suspiro levantando o queixo à procura do seu beijo. Ele ri, antes de finalmente me beijar devagar e persuasivamente, me fazendo lembrar de como amo o jeito que ele me beija. Como é único e precioso.

— Você beija bem pra cacete, Henry! — murmuro quando ele deixa meus lábios para fazer uma trilha de beijos por meu pescoço. As mãos se infiltrando por baixo da minha blusa e subindo por minhas costas.

— Ah é? — Ele me beija nos lábios de novo.

— Sim... o melhor de todos.

Ele levanta a sobrelha com presunção e nem me importo.

Afasto-me e tiro a blusa e depois o sutiã, os olhos de Henry estão presos em meus movimentos, quando tiro meu jeans e por fim minha calcinha. Sua expressão de apreciação faz minha excitação aumentar mais ainda, quando me inclino para trás e deito sobre a cama.

— Você não vem?

— Porra, Sophia, se isso não é seduzir nem sei o que fará comigo quando decidir o contrário. — Ele tira a camiseta e vem para cima de mim. Solto uma risada, que ele engole com seus beijos, antes de ir descendo numa trilha de fogo por minha pele, me fazendo lembrar da primeira vez que estivemos exatamente assim e ele fugiu depois de ver a tatuagem.

Lembrar da tatuagem me faz abrir os olhos, meio tensa, mas Henry desta vez continua, e sem aviso mergulha a cabeça entre minhas pernas.

Arqueio as costas com um gemido longo de surpresa, sentido todo meu corpo se contorcer de prazer, enquanto Henry faz uma festa em mim com sua língua. Caramba... meus olhos rolam das órbitas e só consigo gemer cada vez mais alto, arqueando meus quadris em direção a seu ataque sensual, minhas mãos crispadas no lençol, à medida que as sensações vão crescendo num redemoinho dentro de mim, até explodir num orgasmo que, num átimo de consciência, me faz pegar um travesseiro da cama e botar contra meu rosto para então soltar um grito abafado.

Volto a realidade com Henry arrancando o travesseiro do meu rosto afogueado com um olhar divertido.

— O que foi isso?

— Fiquei com medo de gritar e meu pai ouvir — explico ofegante e Henry ri.

— Jack dormia aqui com você?

— Está louco? — Rolo por cima dele, beijando seu queixo. — Meu pai nunca ia deixar. E quer saber — Encaro-o — mesmo que ele ficasse aqui escondido, como estamos agora, Jack era tão ruim de cama que eu nunca ia precisar abafar qualquer som de êxtase saindo da minha boca.

Henry sorri devagar e desliza a mão por minhas costas, pousando cheio de intenção na minha bunda.

— Ele era tão ruim assim? Pelo amor de Deus não diz que nunca teve um orgasmo com ele — ele parece horrorizado.

— Não, eu até tinha. Às vezes. — Caramba, falar claramente sobre isso agora me faz ver como fui trouxa. — Nossa, eu era muito idiota! Como fiquei seis anos me contentando com aquele sexo merda?

— Tirou as palavras da minha boca.

— Talvez seja minha culpa. Talvez eu não seja sexy o suficiente ou...

— Ei, cala a boca! — Henry me gira e segura meu rosto, me prensando na cama. — Nunca mais fala isso! Sophia. Você é linda, sensual e divertida. Aquele Jack é um bosta e não merecia você.

— Acha mesmo?

— Qualquer homem seria um sortudo do cacete de ter você por seis anos. Ele foi um idiota de não ter aproveitado.

— Não está falando isso porque estou nua embaixo de você, não é?

Ele sorri e acaricia meu rosto.

— Eu falo porque é a mais pura verdade. Você é incrível, Sophia.

Suas palavras fazem meu coração derreter e uma emoção diferente de tudo o que já senti apertar meu estômago.

— Nunca deixe ninguém dizer que você é menos que isso. — Ele beija minha testa e de repente sinto que o clima mudou.

Há algo emocional no ar.

Algo que me deixa ansiosa e em paz ao mesmo tempo.

Ele se afasta e puxa uma coberta para cima de mim e me toco que ainda está de calça jeans.

— Ainda está vestido!

— E vou continuar assim.

— Achei que a gente ia transar?

Ele deita ao meu lado e parece pensar para falar.

— Não acho que deveríamos transar de novo.

— Por que não? Disse que eu era boa em seduzir. Estava mentindo?

— Não. Você é boa. Mas aqui — Ele toca minha testa —, aqui ainda é uma confusão.

— Não vai transar com a minha testa.

Ele ri.

— Entendeu o que eu quis dizer. Você passou tempo demais se contentando com um cara cretino para se envolver com outro.

— Espera, está se comparando ao Jack?

— Não. Mas não posso entrar em um relacionamento agora, Sophia.

Tento fingir que isso não me afeta.

Eu não queria um relacionamento com Henry, queria?

— Não estou pedindo para casar comigo, Henry. Só... achei que estivéssemos na mesma sintonia. Que queria o mesmo que eu.

— Se está falando de sexo. Eu quero. Claro que eu quero.

— Então...

— Sophia, eu gosto de você. Sabe o quanto eu a acho incrível. E nós fizemos isso antes e foi bom pra cacete. Mas justamente porque eu gosto de você

que não quero ultrapassar este limite. Não posso dar mais nada além de sexo. E você merece mais.

— Quem disse que eu quero mais?

— Até pouco tempo estava dizendo que queria casar com um príncipe.

Eu me afasto incomodada, porque Henry tinha razão.

Eu queria mesmo.

Queria conhecer Harry. Queria que ele se apaixonasse por mim.

Queria que me levasse para sua vida. A vida que eu achava que merecia.

Então porque agora eu estou... decepcionada?

Por que tem um nó fechando minha garganta?

— Sinto muito — ele diz por fim. — Quer que eu vá embora?

Quero?

— Não — Opto pela sinceridade.

— Quer se vestir?

— Acho que quero.

Ele pega minha camiseta no chão e passa pra mim.

Eu a visto e não resisto quando ele me puxa para perto. Deito minha cabeça em seu peito.

— Você diz que minha mente é uma confusão, mas tem muito mais confusão dentro de você, Henry.

Ele ri, seu peito sacode embaixo de mim e sinto seu beijo em meu cabelo.

— Não faz ideia, Sophia.

— Espero que encontre o que procura.

Eu estava sendo sincera. Henry era um cara maravilhoso.

Eu não entendia nada do que estava se passando em sua vida.

Do que ele estava fugindo, ou o que estava procurando.

Mas ele merecia ser feliz.

— Queria dizer o mesmo para você.

Eu o encaro, aturdida.

— Por que não diz?

— Porque ainda não sabe o que quer.

— E você sabe?

— Achei que sabia.

Ele apaga a luz do abajur.

— Agora dorme.

Deito a cabeça em seu peito de novo e adormeço, sentindo o som de seu coração contra meus ouvidos.

Acordo de manhã sozinha na cama e me pergunto se Henry foi embora.

Eu me arrumo e desço para encontrar Simon sentado à mesa da minha cozinha conversando com meu pai e meu avô.

— O nosso problema é que temos que fechar por boa parte do ano, pois não é a época de morango — papai explica.

— Pois deveriam investir em outras plantações, de acordo com a estação: frutas, legumes, flores... Vi que tem bastante espaço aqui. Por exemplo, podia investir em plantação abóbora. Seria um sucesso no *Halloween*.

— Nossa, Simon, é uma ideia bem legal — Eu me aproximo servindo café.

— Finalmente a dorminhoca acordou! — vovô comenta. — Seu amigo Simon aqui é muito inteligente! Está nos dando ótimas ideias de negócios!

— Sim, o rapaz aqui é bem inteligente! — papai endossa — Se bem que poderia ter pedido permissão para alojar seus amigos na nossa sala. Sua avó levou um susto quando acordou e viu os dois marmanjos jogados nos sofás.

Hum... Então Henry tinha se esgueirado para o sofá antes de amanhecer.

— Não foi algo que combinamos... E cadê meu outro amigo, o fotógrafo?

— Ele saiu com aquela câmera dele para tirar foto por aí — Simon diz e olha o celular. — E já deveria ter voltado, preciso estar em Londres antes do almoço. Vou ver se o encontro.

Simon sai da cozinha e vovô sai em seguida, dizendo que ia ajudar vovó com a limpeza do celeiro.

— Pai, desculpa por ter trazido o Simon e o Henry. Foi algo inesperado.

— Percebi... E o que aconteceu? Saiu daqui com Jack...

— Jack é um idiota e ficou o tempo inteiro insistindo que tínhamos que ficar juntos de novo. Aí o Henry e o Simon apareceram e estávamos nos divertindo, quando Jack resolveu ser babaca e acabou apanhando do Henry e do Simon. — Melhor não contar o motivo do fúria de Jack.

— Sério?

— Pois é. A gente teve que sair correndo, fugindo dos seguranças.

— Bem, se o Jack estava sendo insistente com você mereceu levar uns socos.

— Eu também acho. Enfim. — Sento à mesa na sua frente. — Parece que estava tendo uma boa conversa com Simon.

— Sim, estávamos. Ele é um rapaz bem inteligente.

— Gostei das ideias dele. São boas, mas onde arranjaríamos dinheiro?

— Filha, queria mesmo conversar com você.

— Sim?

— Eu consegui um novo empréstimo.

— Papai, de novo? A gente já deve dinheiro demais!

— Desta vez foi um dinheiro suficiente para pagar as dívidas antigas e ainda sobra o bastante para investir em novas formas de expandir os negócios.

— Como assim? Um banco não ia investir assim na gente!

— Não é um banco.

— Então quem? Pai, não se envolveu em encrenca, não é?

— Claro que não. Não seja boba. Apenas quero que fique tranquila porque temos o capital suficiente para fazer a fazenda finalmente crescer. Simon nos deu muitas ideias além das diferentes plantações. Podemos abrir uma loja de produtos para casa e jardim, um restaurante e é até um playground para as crianças.

— Uau, mas vamos mesmo ter dinheiro para isso?

— Sim, teremos. E Simon vai nos indicar ótimos profissionais para nos ajudar.

— Nossa, estou... perplexa. E um tanto... desconfiada.

— Não fique. Tudo vai dar certo. — Papai parece muito confiante.

— Eu fico feliz, papai. Se tivéssemos que vender a fazenda vovô e vovó ficariam arrasados.

— Sim, mas vamos conseguir reerguer a Davis Bridge Farm.

— Sim, nós vamos.

— Tem outra coisa que queria conversar com você. — Ele segura minha mão. — Eu estava pensando nisso desde que voltou. Percebi que não está mais feliz aqui.

— Não, não é verdade... — minto.

— Eu te conheço, Sophia. No começo achei que fosse por causa de Jack. Mas acho que o superou, não é? E comecei a pensar que talvez tenha razão. Aqui não é seu lugar.

— Papai, não fale assim...

— Eu também já fui jovem, filha. Também já tive meus sonhos. Também já quis ir embora e teve um tempo... Enfim. Depois que você nasceu, eu percebi que aqui era meu lugar. Eu fiz uma escolha. E quis que fosse o seu lugar também. Quando se apaixonou por Jack, achei que poderiam casar e ficar por aqui... Agora percebo que estava errado. Você quer partir, quer conhecer o mundo. Achar o seu lugar nele. Então, eu lhe dou a minha benção.

— Oh papai, não sei o que dizer... Estaria mentindo se dissesse que não sinto vontade de ir embora. Mas... Eu sempre sonhei com o...

— Ah Sophia, não começa de novo com essa história do príncipe...

— Eu sei que parece absurdo, mas... foi o que eu sonhei. Foi no que eu me apeguei. É como se fosse um chamado. Como se fosse lá que eu devesse estar.

— Ah, filha... Isso são sonhos impossíveis.

— Talvez sim.

— Por isso acho que tem que ir. Pode... estudar, escolher uma profissão. Arranjar um emprego. Não quero que se sinta na obrigação de ficar aqui. E de repente se casar com alguém que não ame e aí ser tarde demais para partir. Aí vai ser bem pior... — ele diz como se para si mesmo.

— Certo... Eu vou pensar, ok?

Ele beija minha mão.

— Agora deixa eu ir trabalhar.

Saio da cozinha, ainda atordoada e pensando no que papai disse.

Estou feliz com essa súbita virada financeira, e também um pouco aliviada por ele concordar que eu posso partir.

Mas para onde?

Harry e a vida na realeza parece mais impossível do que nunca agora.

Então eu avisto Henry.

Ele está com sua câmera na mão, tirando fotos dos morangos.

Recordo da noite anterior. De como eu quis que ficássemos juntos naquele momento. Como senti uma dorzinha no peito quando ele disse que nunca seria possível.

É, parece que tudo o que eu queria ultimamente se tornava impossível.

O universo não estava mesmo do meu lado.

— Ei, moça. — Ele sorri ao me ver e eu avanço em sua direção com uma resolução tomando forma em minha mente.

— Oi, cadê o Simon?

— Foi embora.

— Com seu carro?

— Sim. Este é o Simon. Ele tem uma reunião com os acionistas da empresa que trabalha e terei que voltar de trem.

— Simon é muito folgado.

— Ele só é viciado em trabalho.

— Tenho pena da mulher que se apaixonar por ele.

— Eu duvido que isso aconteça. Simon foge de relacionamento como o diabo foge da cruz.

— Não é só ele... — não consigo evitar de comentar.

— Está sendo irônica comigo?

Fico vermelha.

— Esquece. Foi um comentário idiota. Na verdade queria te pedir uma coisa. — Respiro fundo. — Posso ficar na sua casa um tempo?

Ele levanta a sobrancelha, surpreso.

— Quer voltar pra Londres?... Espera, não me diz que de novo voltou com aquele negócio do Harry...

— Não. Não é isso. Eu tive uma conversa com meu pai, e ele acha que devo partir, que posso estudar ou arranjar um emprego.

— É isso que quer?

— Não sei. Mas numa coisa ele tem razão. Não estou feliz aqui. Além do mais Jack está muito perto. Acho que vai ser bom para me livrar dele de vez. Então... Será que posso ficar com você?

— Sophia... Não sei se é uma boa ideia

De repente eu entendo sua hesitação.

— Eu entendi que somos apenas amigos, Henry. Eu não quero ficar na sua casa para te seduzir ou algo do tipo!

Ele sorri.

— Nem me passou pela cabeça

— Ah, passou sim! — Dessa vez nos dois rimos.

— Olha, eu quero te ajudar. Mas a verdade é que eu também não ficarei em Notting Hill por muito tempo.

— Para onde vai?

— Não vem ao caso agora. Então se ficar lá em casa, terá mesmo que ser algo temporário.

— Mas é só um tempo que eu peço. E sei que tem a Poppy para te ajudar agora...

— Poppy pediu demissão, então, a vaga está aberta de novo.

— Ah, seria ótimo! E você poderia me ensinar a fotografar!

— Esta falando sério?

— Por que não? Posso me tornar uma fotógrafa como você! Mas eu poderia ser como aqueles que fotografam gente famosa.

— Não vou te transformar em um paparazzo.

— Não! Digo fazer fotos para revistas! Ah, seria incrível! Eu poderia conhecer um monte de gente famosa, até mesmo da realeza... — Minha mente começa a fazer mil planos. E já me sinto animada.

— Ah, Sophia, o que vou fazer com você?

— Vai me ensinar? — insisto.

Ele suspira.

— Que Deus me ajude, mas sim, pode vir comigo.

Capítulo 14

Sophia

— Harry! — O gato é a primeira coisa que eu vejo quando entro na casa de Henry naquela tarde e me apresso em pegá-lo, passando o rosto em seus pelos cinzas. — Wow, estava com saudade! — Viro-me para Henry que está com aquela cara de deboche de sempre quando estou com Harry. — Achei que tinha encontrado os donos dele!

— Não tive essa sorte!

— Não fala assim! Ele é um gatinho adorável! Acho que vai ter que ser o dono dele para sempre.

— Não, nem vem.

— Meu Deus Henry, eu tinha esquecido de como é chato às vezes! — Subo para o quarto com Harry me sentindo muito feliz por estar ali de novo. Engraçado que eu passei só um mês naquela casa e já a sentia como um lar. Até mais que a fazenda da minha família.

Estou acabando de arrumar minhas coisas no guarda-roupa quando Miguel aparece.

— Olha só quem retornou!

— Miguel! — Pulo em seu colo o abraçando com força.

— Hum, pare de esfregar esses peitinhos em mim, sabe que não gosto disso. — Ele me joga na cama com cara de nojo.

— Vai dizer que não senti minha falta?

Ele deita ao meu lado.

— Que saber, eu achava mesmo que ia voltar.

— Como assim?

— O Henry estava insuportável quando não estava aqui.

— Mentira!

— Hum, parece que esses peitinhos aí fizeram sucesso com o dono da casa.

— Para, Miguel! — Fico vermelha, mas as palavras de Miguel me deixam ridiculamente feliz. Não deviam, eu sei. Não posso esquecer que Henry foi bem claro que somos amigos e nada mais.

— Henry me disse que voltou para trabalhar para ele, é só isso mesmo?

Eu me levanto, acabando de guardar minhas coisas.

— É sim.

— Parece desanimada.

— Não estou, quer dizer... Andou rolando umas coisinhas entre nós lá na fazenda...

— Ah, conte-me tudo, todos os detalhes sórdidos. Ele sabe usar o seu enorme...

— Para Miguel! A gente não transou.

— Ah, que decepção.

— Quer dizer, não desta vez.

— Ah eu sabia.

— E se está curioso, ele sabe usar sim!

Miguel suspira, se abanando.

— Mas a gente acabou ficando junto e ele disse que não ia transar comigo porque não quer um relacionamento.

— E era isso que você queria?

— Não!

— Tem certeza?

— A verdade é que o Henry é muito estranho! Tem alguma coisa acontecendo, algo com sua família e ele mantém segredo! E ele me disse quando eu vim pra cá que não vai ficar muito tempo... Como se tivesse que ir embora ou algo assim — Sento-me na cama de novo e abaixo a voz. — Ele disse que já foi noivo.

— Hum, e aí?

— E aí que o término condiz com a época que ele veio pra cá e se tornou fotógrafo e desde então parece que não fala com a família.

— Bem misterioso mesmo. Sophia, será que ele é casado?

— Claro que não.

— Faria sentido. Ele foi noivo... e se não terminou o noivado, e sim se casou? E está aqui... fugindo da esposa. Talvez tenha filhos também... Por isso que tem que ir embora.

— Para de inventar! Henry não faria uma coisa desta! Mas que tem algum mistério aí, tem.

— E está doidinha para desvendar, não?

— Não... quer dizer, fico curiosa. Agora vamos descer, estou morrendo de fome! Cadê o Henry? — pergunto enquanto descemos as escadas.

— Ele saiu, foi buscar o carro com aquele ruivo gostoso amigo dele.

— Simon. — Abro a geladeira e pego alguns ingredientes para um sanduíche.

— Esse mesmo. Acha que tenho chance?

— Ele é hétero, até onde sei. Pelo menos deu em cima de mim — respondo sentando à mesa enquanto deixo Miguel responsável por fazer o sanduíche.

— O mundo é muito injusto. E me diz, e seu sonho com o príncipe? — Ele senta na minha frente.

Suspiro, pegando um sanduíche.

— Acho que no fim era sonho mesmo.

— E está de boa com isso?

— Eu tenho que ficar! Mas confesso que ainda sinto uma espécie de vazio. Como se... ainda tivesse algo para ser feito.

— E vai mesmo ficar por aqui?

— Henry ficou de me ensinar a fotografar.

— Ah... Tudo muito combinado com o seu Henry, hein...

— Já falei que não tem nada a ver! Mas... estava falando sério quando disse que ele ficou insuportável quando eu não estava aqui? Acha que tem a ver comigo?

— Ficou animada, hein? Isso porque não estava interessada.

— Talvez eu esteja um pouquinho — confesso.

— Eu entendo você. Mas ele te disse que não queria um relacionamento.

— Acho que eu também não quero! Acabei de sair de um, que era terrível! E nem sei direito para onde estou indo, então...

— Ah Sophia, acho que você é aquele tipo de garota.

— Que tipo de garota?

— Aquela que gosta daquilo que não pode ter.

Jogo um pedaço de pão em seu peito.

— Não sou não. Apenas... estou atraída pelo Henry e ele por mim. Porque não podemos... nos deixar levar?

— Acho que é esse o problema.

— Está sendo chato!

— Olha, Henry é esse cara legal e gostoso, entendo que esteja caída. Mas ele já deixou claro que não está disponível para nada sério. E sei que por enquanto parece suficientemente excitante que tenha apenas boas horas de sexo com ele. Mas e depois?

— Depois o quê?

— Quando se apaixonar e ele partir. Sabe Deus para onde ele tem que ir? Apenas... tome cuidado.

Naquela noite, estou pintando minha unha e assistindo TV quando Henry entra. Sinto meu peito batendo forte como se estivesse em uma nova realidade, onde tudo é diferente. Onde Henry é uma possibilidade bem real.

Uma possibilidade que eu quero muito explorar.

Ele tira o casaco e me fita de esguelha. É impressão minha ou ele está meio esquivo? Será que se arrependeu de ter me trazido de volta?

As palavras de Miguel voltam a minha mente, mas eu as empurro pra longe.

— Ei, onde estava? — indago casualmente, voltando a lixar minha unha.

Ele senta no sofá.

— Fui buscar meu carro com Simon e aproveitamos para ir em um *pub* perto da sua casa.

— Então chegou cedo.

— Simon encontrou companhia melhor que a minha para levar para casa.

— Ah, entendo. Ele é mesmo um mulherengo?

— Não diria isso. Ele é mais focado em seu trabalho do que em mulheres se quer saber.

— E você?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Eu o quê?

Ai merda. Eu estou de novo entrando naquele papo de relacionamento e percebo que não é nem um pouco legal.

Henry já deixou claro seu posicionamento e na verdade nem é isso que eu quero. Não é?

— Quer dizer. E você, não quer pintar minha unha do pé? — Abro um sorriso pidão.

Henry solta um palavrão.

— Você é muito folgada.

— Por favor? Você faz melhor do que eu.

— Está bem. — Ele suspira e lhe passa o esmalte.

Coloco meus pés em seu colo.

Só que desta vez, tem um clima diferente no ar. Henry segura meu pé com uma mão enquanto com a outra se concentra em passar o esmalte nas minhas unhas. Mordo os lábios para não gemer com os arrepios que sinto só porque ele está me tocando. E fico vermelha ao imaginar o que ele faria se eu deslizasse meu pé para o meio de suas pernas e o acariciasse bem desavergonhadamente e...

— Pronto — Ele empurra meu pé e se levanta.

— Já? — Olho minha unha e vejo que realmente terminou em tempo

recorde. Infelizmente.

— Vou tomar um banho. — Desaparece no andar de cima e eu fico ali, meio aturdida.

Até que eu entendo.

Henry sabia o que se passava pela minha cabeça. Claro que sabia.

Porque estava passando a mesma coisa na cabeça dele!

E ele tinha fugido!

— Ah Henry, seu idiota! — suspiro e subo as escadas.

Encaro a porta fechada do banheiro, o barulho do chuveiro ligado e, num impulso, abro a porta devagar. Henry não nota minha aproximação, enquanto arranco minhas roupas e avanço em direção ao box e, sem hesitar, entro no ambiente esfumaçado e... Minha nossa!

Henry está de olhos fechados, sob o jato d'água e por um momento apenas deixo meus olhos correrem por seu corpo perfeito, uma excitação doce e quente se espalha por minha pele.

— Ei, Henry.

Ele abre os olhos que se arregalam de surpresa em me ver.

— Sophia, mas o que...

Eu me aproximo e colo meu corpo no dele, e beijo sua boca, toco seu peito, seu coração está disparado como o meu.

— Sophia, o que está fazendo aqui?...

— Shi... acho que te devo um orgasmo — murmuro em seu ouvido e deslizo a mão por sua barriga de tanquinho até sua ereção, que já está desperta antes mesmo de eu cingi-la.

Ah sim, Henry.

Acho que ele tem razão e eu sou muito boa mesmo em seduzir!

Sorrio secretamente e mordo sua orelha, amando ouvir seu gemido perdido.

Sua mão segura meu pulso, acredito que numa tentativa vã de me parar.

— Sophia, pare...

— Cala a boca, Henry... — Eu o acaricio devagar e Henry fecha os olhos, sua mão agora guiando o ritmo da minha. — Ah, é assim que você gosta?

— Isso não era para estar acontecendo. — Ele ainda tenta resistir.

— Não lute, Henry... Acho que posso fazer melhor para te convencer... — E me abaixo, o tomando na boca.

E daí por diante, eu sei que Henry não tem mais condições de resistir a ao meu ataque. E eu não quero que ele resista. Quero vê-lo tão entregue como eu fiquei quando ele fez o mesmo comigo, quero que ele perceba que o que temos é incrível. Que posso tirar prazer dele e ele pode tirar de mim.

Então, fecho os olhos, sentindo meu próprio prazer crescer por saber o que ele está sentindo. Seus dedos puxam meu cabelo, seus gemidos roucos reverberam pelo box esfumaçado e sinto sua tensão quando goza em minha boca.

Cara... Nunca gostei muito dessa parte, confesso, mas acho que tinha mais a ver com estar fazendo com a pessoa errada porque com Henry... eu simplesmente não me importo. Acho que continua não sendo a melhor parte, mas abrir os olhos e vê-lo ofegante do orgasmo que eu dei pra ele, faz valer a pena.

Sorrio e ele me puxa para cima. Espero que vá me abraçar. Que vá me beijar e que em breve estará pronto para que possamos começar tudo de novo, juntos desta vez, mas em vez disso, dá um passo atrás e solta minha mão.

— Sophia... Não devia ter feito isso.

O sorriso morre no meu rosto.

— Por quê? Eu fiz errado? Achei que...

— Porra, não fez nada errado, quer dizer. Você deve saber que é boa pra caramba nisso.

— Então por que está bravo?

— Porque eu disse que nada mais ia acontecer, que estava aqui, mas que seríamos apenas amigos.

— Por que não podemos nos divertir como amigos... com benefícios?

— Não.

— Por que não, Henry?

— Sophia, eu terei que ir embora em poucas semanas.

— Para onde?

Ele desvia o olhar e não responde.

— Apenas... vamos deixar tudo como está.

— Eu perguntei para onde?

Ele ainda não responde. E uma fúria explode dentro de mim.

— Você diz que somos amigos, Henry, mas não é verdade! Você me deixa de fora! E isso me magoa mais do que qualquer coisa, do que qualquer rejeição sexual! Eu te contei tudo, os meus segredos mais vergonhosos você sabe! E você não me conta nada! Então fica aí, com seus preciosos segredos! Pra mim já deu!

Saio do banheiro e pego minhas roupas no chão, me trancando no quarto e me jogo na cama.

Henry não vem atrás de mim.

E percebo que fiz papel de idiota.

Henry é mais inacessível do que qualquer príncipe real. Porque ele está ali, do outro lado da porta. Mas eu não posso alcançá-lo.

Henry

Eu devia saber que trazer Sophia de volta era encrenca. Mas eu escutei a voz da razão? Não. Claro que não.

Eu deixei que ela sorrisse pra mim e me privasse da capacidade de pensar racionalmente. Por que era o que sempre acontecia. Bastava ela abrir aquele sorriso e eu acabava concordando com todas as suas sugestões. Mesmo as mais perigosas.

Como deixar que ela entrasse no banheiro ontem e me seduzisse. Quer dizer, quase isso. Ainda não sei como foi que eu consegui mandá-la embora. Mesmo depois de ver seu sorriso sedutor se transformar em uma expressão de mágoa. Mas eu estava muito enroscado com meus próprios problemas sem solução para deixar que Sophia se transformasse em mais um.

Por que ela tinha essa capacidade. E isso me assustava pra cacete. Eu tinha voltado à fazenda com Simon, depois de uma rápida pesquisa sobre a situação financeira dos Davis. E enquanto Sophia estava lá no *pub* com o ex-namorado filho da puta, eu tinha conversado com Oliver Davis e o persuadido a aceitar minha ajuda. Acho que era a primeira vez que o dinheiro da minha família seria usado para alguma coisa que eu realmente acreditava. Eu queria ajudar Sophia.

— Por que está fazendo isso, rapaz? — Oliver tinha me perguntado desconfiado.

— Vocês têm um negócio muito bom aqui. E eu tenho dinheiro. Acho que vai ser um bom investimento.

— Pois eu acho que tem a ver com a minha filha.

— Eu também acho — Simon se intrometeu e eu o fuzilei com o olhar.

— Sim, claro que tem a ver com Sophia. Mas não como está insinuando. Eu só acho que essa fazenda é realmente promissora e seria uma pena a perderem por falta de investimento.

— Então não está interessado na minha filha?

— Eu gosto da Sophia. Mas não estou interessado em ter um relacionamento no momento. E Sophia também não, acredito. Somos apenas amigos.

— Certo. Vou tentar acreditar em você, afinal, não é da minha conta.

— E, por favor, não conte a Sophia que fui eu que dei o dinheiro.

— Por que não?

— Acho que ela pode não gostar. Ou problematizar em cima disso. É

melhor evitar confusão. Prefiro que fique entre nós.

— Tudo bem então se prefere assim.

Eu devia ter ido embora, mas quando Oliver comentou que Sophia estava no *pub* local com o ex-namorado, eu convenci Simon a ir lá também.

E o que posso dizer? Sophia me surpreendeu me agarrando e depois teve toda aquela confusão da briga. E de novo, quando ela sorriu e pediu que eu dormisse na sua cama, estava perdido.

Porém, enquanto ela deixava transparecer toda a insegurança que o babaca do ex-namorado tinha incutido nela, percebi que não podia fazer qualquer coisa que a magoaria depois. Eu queria transar com Sophia. Muito. E de várias maneiras. Mas minhas horas de liberdade estavam contadas e em breve teria que dar adeus a minha vida em Notting Hill e deixar tudo o que eu tinha conhecido lá para trás. Inclusive Sophia.

E embora ela dissesse que não estava interessada em mais do que boas horas de sexo, eu sabia que estávamos nos envolvendo mais do que seria permitido. Ok, pelo menos eu estava e não queria fazer com que ela se envolvesse também e sofresse depois.

Mas claro. Eu a trouxe pra casa de novo. Jurando que seria apenas amizade e nada mais. Isso antes da cena do banheiro.

Agora, na manhã seguinte, me pergunto se não devo mandá-la embora.

Talvez pedir que fique com Simon?

Não. Perigoso demais.

Não que eu acredite que Simon vá seduzir Sophia. Porém se Sophia decidir seduzir Simon, ele não vai ter como fugir.

Éramos todas presas indefesas em frente aquele sorriso mortal.

Entro na cozinha, que, óbvio, está tocando Adele a todo volume e Sophia me encara muito séria. Graças a Deus ela está vestida e não com uma de suas camisetas indecentes de dormir.

— Bom dia, Henry — Ela abaixa o som. — Podemos conversar?

Eu a observo resabiado. Ela não parece estar com raiva.

— Me desculpa por ontem. Não devia ter forçado a barra, embora ache que poderia ter ao menos me agradecido pelo orgasmo.

— Sophia... — Tento interrompê-la, mas ela continua.

— Não, deixa eu terminar. Tem toda razão. Somos amigos e devemos continuar assim. Quero mesmo continuar trabalhando para você. E vou procurar um outro trabalho e um lugar para ficar, quando você... sei lá, tiver que ir embora.

— Não pense nisso. Essa casa é minha. Pode ficar aqui o quanto quiser.

— Não seria certo.

— Eu insisto. E eu também te devo desculpa.

— Não...

— Sim, eu devo — insisto — Eu fui um babaca ontem. Tem razão, obrigada pelo orgasmo. Você é muito... talentosa.

Ela cora, abaixando o olhar, mas vejo o arremedo do sorriso artiloso em seus lábios.

Desvio o olhar, tentando me manter sério. Tusso para limpar a garganta.

— Enfim. Fico aliviado que entenda que temos que continuar apenas amigos. Sem nenhum tipo de... benefício.

— Claro. Eu entendo perfeitamente. — Ela sorri angelicamente.

Merda.

Pego meu celular, mexendo em qualquer coisa para me manter ocupado.

— E sobre o outro assunto... Seus... Segredos. Não precisa me contar, se não quiser. É problema seu.

Volto a encará-la, para ver se está sendo sincera. E claro que não está. Ela está curiosa ainda. Mas resolveu recuar.

Pergunto-me se devo contar a ela afinal. Mas algo me impede.

Não sei bem o que é.

— Ótimo. Então está pronta para sair? — Resolvo dar aquele assunto por encerrado. — Temos uma sessão agora de manhã.

— Sim, estou. Vou buscar minha bolsa.

Ela passa por mim, e não consigo evitar de checar sua bunda.

Errado, Henry. Muito errado.

Então por que errado mesmo parecia eu não subir e jogá-la na cama, terminando o que tínhamos começado duas vezes nos últimos dias?

De repente meu celular pisca e vejo que tenho um recado de Lexi.

E me recordo de todos os meus porquês.

Não. É melhor assim.

Pois do contrário eu poderia me apaixonar muito facilmente por Sophia Davis e seria apenas um desastre.

Capítulo 15

Sophia

Eu estava me sentindo muito madura quando acordei naquela manhã disposta a pedir desculpas a Henry por meu avanço no banheiro, embora ainda achasse que ele poderia ter sido um pouco mais agradecido.

Porém, uma noite bem dormida tinha me feito acordar um tanto arrependida do meu impulso e menos inclinada a pensar que Henry era o vilão da situação. Afinal, ele tinha deixado bem claro qual era sua posição e que seríamos apenas amigos. Então, se eu queria continuar em Londres e na casa de Henry, teria que me contentar com essa realidade. Mesmo ainda um pouco intrigada com o motivo de ele ter que ir embora em breve sabe Deus para onde e por que.

Assim, os dias passaram e nós voltamos à rotina de antes, ajudando Henry nas sessões de fotos. E como da outra vez, ele sumia todas as noites, imagino que enfiado em algum *pub*. E me perguntava se estava transando com Robyn.

E minhas desconfianças ganham uma certeza quando atendo a porta de manhã e Robyn está ali.

— Oi... Henry está?

Respiro fundo contendo a vontade de fechar a porta na cara dela. Ou quem sabe dar um murro em seu nariz bem feito. Mas em vez disso sorrio educadamente.

— Não.

Hoje não tínhamos nada agendado e Henry havia saído cedo e não dera satisfação para onde. A verdade é que ele andava cada vez mais distante. Às vezes o telefone tocava e ele sumia para atender com cara de poucos amigos.

— Posso te ajudar?

— Eu queria perguntar pra ele se uma blusa minha ficou aqui.

Oi?

— Como assim?

— Passei a noite aqui e acho que esqueci minha blusa, porque não a acho em nenhum lugar.

Sinto todo o sangue fugir do meu rosto.

— Ah é? Quando foi isso? — Com certeza não enquanto eu estava aqui,

porque Henry não havia trazido ninguém.

— Faz um tempo, janeiro, fevereiro, não lembro. Mas tudo bem... Acho que ele teria me levado lá no *pub* se estivesse aqui. Deixa pra lá! Tchau.

Ela acena e se afasta.

Caminho atrás dela, com vontade de chamá-la de volta e perguntar todos os detalhes.

Mas percebo como estou sendo ridícula.

Encosto-me ao portão e tento conter a vontade de chorar.

A questão é que eu não quero estar com ciúme. Mas estou.

Estou com o coração partido. E eu nem sabia que meu coração estava envolvido com Henry.

Todas as vezes que Jack aprontava comigo, eu me magoava. Mas depois de perder a conta de todas as mancadas, passei a não me importar. Apenas dava de ombros e esperava a próxima. E acho que foi assim que minha paixão por Jack foi se extinguindo. Achei que não havia problema algum porque meu coração já tinha dono. Pertencia a um príncipe real. E mesmo tendo a consciência de que era um sonho impossível, esse sentimento me mantinha imune ao sofrimento que os caras a minha volta podiam me proporcionar. Como as merdas de Jack.

Então por que estou sofrendo com a rejeição de Henry?

Eu devia ter trazido minha pasta do Harry. Sim, agora em vez de sofrer imaginando se ainda conseguiria manter uma amizade platônica com Henry, eu estaria suspirando com Harry e imaginando com quem nossos filhos se pareceriam.

Mas até Harry estava perdido.

O casamento seria em poucos dias e eu voltei a acompanhar avidamente todas as notícias e especulações nos sites de fofoca como se algum milagre ainda pudesse acontecer. Que pena que não estávamos na década de trinta, onde o rei teve que abdicar quando quis casar com uma divorciada! Certeza que se ainda houvesse essa regra, a rainha teria proibido o envolvimento do Harry com aquela americana. Ok, sei que estou sendo absurda, mas quem se importa? Minha vida está uma merda e preciso me apegar a alguma esperança para não ficar mais triste.

— Por que está tão triste, querida? — A voz que surge de algum lugar perto me faz virar. A vizinha de Henry, Senhora Crawford, está me observando na porta de sua casa. Ela segura Harry, que parece bem à vontade em seu colo.

— Oh Meu Deus, a senhora é a dona do Harry?

— Harry? — Ela sorri. — Então é esse o novo nome dele?

— Eu e Henry o achamos na rua. — Aproximo-me do seu portão. — Ele

parecia bem cuidado e Henry insistiu que o dono devia morar perto, mas nunca o encontramos...

— Eu sabia que ele estava na sua casa. E às vezes esse danadinho ainda se lembra da antiga dona e vem me visitar.

— Sinto muito. Se soubesse que era o seu gato, tinha devolvido.

— Mas, querida, os gatos que escolhem seu dono, e ele escolheu você e aquele rapaz bonito. Aliás, formam um belo casal.

— Não somos um casal. — Eu me apresso em corrigi-la. Não sem um certo pesar na voz. — Somos amigos. Quer dizer, eu trabalho para ele.

— Por isso parece tão triste?

— São muitas coisas que me deixam triste — confesso.

— Por que não entra e eu faço um chá?

Aceito o convite e a acompanho para dentro.

A casa é muito elegante, com móveis clássicos e cortinas de renda. A Senhora Crawford me leva até uma mesa com lindos lírios no centro e coloca Harry no chão, indo preparar o chá.

— Então, o que a aflige?

Ela parece minha avó, quer dizer, só pela idade e o tom carinhoso, porque a senhorinha a minha frente é toda clássica, com seus cabelos brancos presos em um coque elegante e seu vestido azul royal. Enquanto minha avó é uma *hippie*. Mas mesmo assim, há certo conforto em estar em sua companhia e me sinto à vontade para contar sobre meus mais antigos sonhos com Harry e a realza.

Ela me serve chá com leite e biscoitos de manteiga enquanto eu despejo toda minha história.

— Ah querida, é muito bonito.

— Acha mesmo? Todo mundo me acha louca.

— Bem... É realmente um sonho bem difícil de se concretizar. Mas nada na vida é impossível.

— É o que eu digo! Mas agora... ele vai casar!

— Ah, sim, ouvi dizer que está muito apaixonado.

— Pois é — resmungo com desdém. — Acho que agora o sonho acabou...

— E onde Henry se encaixa em tudo isso? — A senhora pergunta com um olhar perspicaz.

Abaixo o olhar, sem saber como explicar algo que nem eu mesma entendo.

— Henry é um mistério. Acho que nunca conheci ninguém como ele. E nunca vou esquecer tudo o que fez por mim. Me acolhendo e ajudando mesmo quando não tinha porque. Mesmo me achando absurda.

— Ele parece um rapaz muito íntegro.

— Sim, ele é.

— Mas não é um príncipe.

— Não...

— E isso importa mesmo para você?

— Como assim?

— Sempre sonhou com uma vida de princesa. Mas e se seu futuro fosse um pouco diferente...

— Ah, está querendo dizer que eu poderia ter um futuro com Henry? Duvido muito! Sei que tem algum mistério que envolve a família dele e que ele precisa ir embora, como se fosse uma obrigação. Mas não quer me contar. E por isso que não quis nada comigo.

— Ah... Então há algo entre vocês.

— Nada demais. Só... uma atração física, acho. Mesmo assim, claro que eu pensei “por que não? Podemos nos divertir.”. — Fico vermelha. — Me desculpe, acho que a senhora não entende, na sua época devia ser muito diferente.

— Ah, querida, sou velha, mas já fui jovem. E me diverti muito com meu querido Edward, meu marido. E devo dizer que mesmo antes de nos casarmos.

— Ah a senhora é casada?

— Sou viúva. Edward me deixou há dez anos.

— Sinto muito.

— Não sinta. Nós fomos muito felizes. Tivemos quarenta anos maravilhosos de casados.

— Será que um dia eu vou ser feliz assim?

— Claro que vai!

— Eu não sei. Tudo parece perdido...

— Acho que posso ajudá-la. — Ela se levanta. — Venha comigo.

Eu a acompanho e subimos as escadas e meus se arregalam quando noto várias fotos na parede, de uma versão mais nova da Senhora Crawford ao lado de um homem muito bonito. Mas o que me faz parar boquiaberta é que em diversas fotos, a Senhora Crawford se encontra ao lado de diferentes membros da realeza.

Em uma das imagens ela está num jardim ao lado da Rainha Elizabeth e o Príncipe Phillip!

— Como... Como a senhora conhece a realeza? — balbucio enquanto chegamos ao segundo andar e ela abre a porta de algo que parece ser um closet. Há uma arara cheia de vestidos e bonitas caixas espalhadas.

— Meu marido era Lorde Edward Crawford, sétimo Barão de Crawford.

— Então a senhora é uma baronesa? — Mal posso acreditar.

Ela faz um gesto de descaso com a mão.

— Não uso mais esse título.

— Mas... a senhora conhece a realeza! A rainha! Puta que Pariu! — Não consigo conter minha estupefação e a Senhora Crawford, ou melhor, Lady Crawford ri.

— Sim, eu e Edward costumávamos frequentar eventos reais, quando convidados. Edward tinha uma cadeira na Câmara dos Lordes.

— Uau! — Eu me aproximo das araras e pego um vestido rosa vintage maravilhoso — É lindo!

— Este eu usei no casamento do Príncipe Andrew.

— Oh Meu Deus, a senhora foi ao casamento do Príncipe Andrew?

— Sim, pena que durou tão pouco...

— Eu acho que a Sarah Ferguson foi injustiçada... — murmuro, lembrando que o casamento do Príncipe Andrew com Sarah Ferguson tinha acabado nada bem. — A senhora tinha muito bom gosto! — Apanho o vestido verde de brocado na arara.

— Eram bons tempos — Ela sorri saudosa. — Mas depois que Edward partiu... Não havia mais porque eu continuar naquela vida.

— Aquela vida? A senhora quer dizer uma vida de nobreza. — Quero perguntar se ela é louca ou o que, mas em consideração a sua idade fico quieta.

— Eu nunca me importei com nada disso. Eu era uma plebeia assim como você, antes de conhecer Edward e nos casarmos.

— Ah... Parece tão romântico! Queria que acontecesse algo assim comigo... — Pego um vestido lilás e coloco em frente a meu corpo. — Queria saber como é ser da nobreza, participar de bailes reais, usar lindos vestidos...

— Você pode saber como é.

Eu me viro para a Senhora Crawford com desânimo.

— Eu achei que minha hora chegaria, mas acho que estava enganada. — Recoloco o lindo vestido na arara e a senhora me estende um envelope branco.

— O que é isso?

— Um presente.

Pego o envelope e retiro um elegante convite de dentro. E meu queixo cai quando vejo que é um convite para um baile de gala no Palácio de Buckingham naquela noite!

— Como assim?...

— Eu ainda recebo esses convites, o que é uma bobagem, já que não frequento nenhum evento. Mas você pode ir, se é tão importante.

— Ah, mas eu não posso... esse convite está no nome da senhora!

— Está no nome de Lady Crawford. Acha que eles sabem qual aparência tenho ou idade? Só preciso de um convite para entrar. E estará realizando seu sonho.

Eu nem consigo falar, de tão aturdida.

É tão... Surreal!

— Poderia participar de um baile real. Com nobres e toda a realeza presente. Inclusive o Príncipe Harry. — Ela pisca.

E é como se uma luz brilhante cegasse meus olhos. Eu me vejo entrando em Buckingham, dessa vez sem ser perseguida pelos guardas, usando um lindo vestido de gala, percorrendo os lindos corredores até o esplendoroso salão de baile e lá, no meio de tantos rostos nobres, está ele.

Harry.

Meu príncipe.

Meu sonho.

Finalmente a meu alcance.

— Tentador, não? — A voz da Senhora Crawford me faz voltar ao presente e seguro suas mãos.

— Oh Meu Deus... Está acontecendo... É meu conto de fadas! A senhora é minha fada madrinha!

Sim, eu vou aquele baile.

Estou sentindo.

É possível.

É hoje que meu sonho vai se realizar.

Quando o Uber para em frente ao palácio naquela noite, eu mal consigo respirar. Sim, faço parte de um conto de fadas moderno e em vez de uma carruagem, Miguel me ajudou a entrar no Uber naquela noite, usando o lindo vestido de tule e cetim rosa que a Senhora Crawford usou no casamento da Sarah Ferguson com o Príncipe Andrew em 1986. O modelo Yves Saint Laurent, que embora lindo, ostentava cafonas mangas bufantes, foi reformado em tempo recorde pelas habilidosas mãos de Miguel, que se revelara um exímio perito em moda, para minha surpresa.

— Garota, nunca subestime Miguel. Minha mãe é costureira e eu cresci a ajudando — ele explicou enquanto arrancava as mangas bufantes com extrema destreza, sob o olhar atento da Senhora Crawford, que tinha concordado com a reforma relâmpago.

— Rapaz, você poderia ganhar dinheiro com isso. O vestido está muito melhor.

— Eu sei. — Ele piscou, me fazendo entrar no vestido. E eu encarei

minha imagem no espelho, ainda atordoada.

Depois que concordei em aceitar o convite da Senhora Crawford, eu corri para pedir ajuda a Miguel, que não hesitou em vir ao meu socorro. Além de arrumar o vestido, ele ainda fez meu cabelo e deu palpites na maquiagem.

— Garota, quem diria que no fim estaria pronta para um baile real? — Ele me encarou admirado.

— Sonhos se realizam, Miguel! — Desci as escadas da Senhora Crawford me sentindo como Cinderela, só que sem ter que voltar na temível meia-noite.

A Senhora Crawford coloca o convite em minhas mãos.

— Sim, querida, sonhos acontecem. Estou sentindo que essa é a sua noite. A noite em que vai encontrar o que procura.

— Obrigada — Sorrio, cheia de gratidão e o Uber estaciona.

Miguel abre a porta para mim, e antes de entrar no carro, relanceei os olhos para a casa de Henry.

Senti uma dorzinha oprimindo meu peito. Minha alegria de estar prestes a realizar meu sonho mais antigo vacilou um pouquinho. Quis entrar e dizer a ele o que estava prestes a fazer. Quis que ele me visse assim, quase como uma princesa, brilhando de felicidade e expectativa e prestes a realizar meu sonho.

Quis dizer que ele era parte disso.

Como ele reagiria?

Com um suspiro, ignorei um pensamento louco e inadequado que passou por minha mente e entrei no carro, acenando com um sorriso para Miguel e a Senhora Crawford, enquanto nos afastávamos cada vez mais de Notting Hill.

E então me permiti fechar os olhos e deixar aquele pequeno e insano pensamento tomar forma.

Nele, Henry diria que aquele sonho era absurdo. Que eu não poderia ser uma princesa, ou um membro da realeza.

Não porque eu não podia.

Mas porque ele não queria.

Pois meu lugar era ali. Em Notting Hill.

Com ele.

— Ah Sophia, não seja boba — murmurei para mim mesma abrindo os olhos e avistando as luzes do palácio.

Henry sequer se importava em contar quem realmente era.

Estava pronto para ir embora e esquecer a minha existência.

Então, eu deveria fazer o mesmo, e seguir meus planos originais. Porque eu nunca estive tão perto de concretizá-los.

Saio do carro e caminho entre os guardas, com o queixo erguido,

ignorando as batidas erráticas do meu coração, quando estendo o convite e espero que ele cheque.

— Lady Crawford. — Ele faz uma reverência e por fim estou dentro do palácio.

Oh. Meu Deus.

É como um sonho. Meus olhos contemplam toda aquela opulência, aquele lugar incrível por onde já passou tanta história e percebo que agora faço parte daquela história também.

Meus pés quase que flutuam até adentrar ao opulento salão. Avanço com meus olhos maravilhados por entre os convidados nobres, mulheres com seus belos vestidos e joias caras.

Mal acredito que é real.

É mais do que eu sempre sonhei.

Paro, respirando aquela exuberância. Imagino a Rainha Victoria com Albert no mesmo lugar que estou pisando agora.

Pergunto-me quando poderia, enfim, colocar os olhos naquele que pode ser meu futuro.

Um príncipe.

E com uma nova resolução, embrenho-me por entre os nobres convidados, meus olhos vasculhando atrás dele...

Mas não é Harry que me faz parar estarecida.

A alguns passos de mim, vestindo um caro *smoking*, está Henry.

— Henry? — murmuro atordoada, porque simplesmente não faz o menor sentido. Que procurando Harry eu encontrasse Henry.

Ali, no palácio real!

Ele se vira e me vê.

E percebo que está tão surpreso quanto eu.

Capítulo 16

Sophia

— Sophia? — Henry vem em minha direção muito surpreso. — Que merda está fazendo aqui?

— Acho que sou eu que devo fazer essa pergunta! Não acredito que está aqui... Isso não pode estar acontecendo! — Eu me atordoou por um momento, fechando os olhos e sentindo dificuldade de respirar. Será que não é real? Que estou sonhando? E qual outra maneira eu conseguiria entrar em um baile do Palácio de Buckingham e em vez de encontrar Harry me deparar com Henry?

O universo estava de zoeira com a minha cara!

— Sophia, como conseguiu entrar aqui? Você entrou escondida? Pulou o muro de novo? Pelo Amor de Deus, que porra se passa na sua cabeça... — Abro os olhos, ainda confusa e percebo que Henry está furioso comigo!

Ah, como ele ousa?

— Está brigando comigo?

— Estou puto com você! Não acredito que ainda está perseguindo essa sua obsessão maluca, se colocando em perigo...

— Ah cala a boca, Henry! Eu não estou aqui escondida, ok? Eu tenho um convite! — Ergo o queixo com presunção.

Henry franze o olhar, desconfiado.

— Quer que eu acredite?

— Acha mesmo que ia conseguir entrar escondido em um baile no Palácio de Buckingham?

— Não duvido de nada vindo de você!

— Pois saiba que eu tenho um convite sim! E foi assim que entrei!

— E como conseguiu um convite?

— A Senhora Crawford me deu.

— A vizinha?

— Sim, quer dizer, Lady Crawford! Ela é da aristocracia sabia? Uma baronesa! O marido dela era um lorde! Tinha cadeira no parlamento e tudo.

— Isso é absurdo!

— Não é! Você nunca se deu ao trabalho de sequer conversar com a pobre velhinha! Ela é uma viúva adorável! E foi uma verdadeira fada madrinha pra mim hoje! Por causa dela estou aqui! Dela e do Miguel, que ajudou esse

vestido! Não é lindo? Ela usou no casamento do Andrew e da Sarah! Pode imaginar? Um casamento real?

— Sophia... Ainda não consigo acreditar! Quer dizer que está aqui usando o convite da Senhora Crawford que na verdade é uma baronesa?

— Ah Henry, não ouviu o que eu disse?

— Puta merda! — Ele passa os dedos pelos cabelos, que ainda estão meio bagunçados como sempre, contrastando com seu traje elegante.

O que me faz voltar a pergunta.

— E você, como pode estar aqui?

Ele dá de ombros.

— Conheço alguém, que conhece alguém...

— Ah tá, a mesma conversa de sempre! Com pode vir num baile real e não me trazer?

— Está falando sério?

— Sabia como era importante pra mim!

— Eu achei que tinha parado com essa obsessão sem sentido!

— Obsessão sem sentido pra você!

Ele me encara com decepção.

— Pensei que tinha mudado.

— Por que eu mudaria? Por que é impossível? Olha onde estou, Henry! Nada é impossível!

— Algumas coisas são impossíveis sim... — ele murmura e algo em sua voz faz minha convicção vacilar.

— Ou tem outro motivo? — sussurro e não consigo conter a esperança boba em meu coração.

Eu não devia querer nada de Henry. Não quando finalmente tudo o que eu sonhei a vida inteira parece tão ao meu alcance.

Mesmo assim, com a respiração presa na garganta, sustento seu olhar, desejando o impossível.

— Acho que me venceu — ele diz por fim com um arremedo de sorriso, que por um momento me parece cheio de pesar. — Tem razão, chegou onde sempre quis estar. Porque é só isso o que te interessa, entrar para a realeza.

— Você fala como se fosse horrível querer algo assim.

— Eu tenho meus motivos. — Sua voz parece cansada, quando o olhar vagueia ao redor, pensativo.

Ele parece decepcionado e isso tira um pouco o brilho da minha felicidade. Não quero que Henry fique bravo comigo.

— Está bravo? — sussurro e ele me encara e agora seu sorriso é diferente. É quase amável.

— Acho que já te disse uma vez, que é impossível ficar bravo com você...

— Achei que tinha a ver com o meu sorriso, mas não estou sorrindo.
Ele ri e segura minha mão.

— Parece que sou mais suscetível do que imaginava. Agora chega de discussão, estamos em um fodido baile da realeza e acho que merece se divertir.

Dessa vez um sorriso feliz se abre em meu rosto.

— Sim, por favor. Podemos encontrar a família real?

Henry revira os olhos.

— Eles ainda não estão aqui, devem fazer uma grandiosa entrada.

— Ah, não quero perder!

Ele me puxa para onde alguns casais dançam ao som de uma orquestra.

— Vamos mesmo dançar? — Estou realmente surpresa.

— Me espere aqui. — Ele se aproxima da orquestra e troca algumas palavras com eles. E quando retorna, a música mudou e reconheço que está tocando Adele.

— Como conseguiu isso? — Não consigo parar de rir, quando Henry me envolve em seus braços. — Achei que, se era pra pedir uma música, ia pedir daquele seu filme queridinho!

— Não fale de *Dirty Dancing*!

— Ok, parei!

— Hoje é sua noite. Então... Aproveite!

— É muito surreal! — murmuro enquanto giramos por entre os casais. Deixo meus olhos vaguearem ao redor, fascinados, e pousar em Henry novamente.

— Obrigada.

— Pelo o quê?

— Por não ter me entregado.

— Não ia fazer isso, Sophia.

— Não só hoje. Naquele dia que pulei o muro também.

Ele não diz nada e apenas continuamos dançando.

— Estou feliz que esteja aqui — diz.

— Sério?

— Eu entendo de sonhos. De querer algo e não poder ter. De tentar e então... ver tudo se desvanecer. E no fim ter que voltar à vida real.

De repente eu entendo.

— É isso que está fazendo? Vivendo um sonho?

— Na verdade acho que estou sendo brutalmente acordado.

— Por quê? Por que não pode continuar sonhando?

— Porque tenho obrigações.

— Sua família?

— Sim.

Ele desvia o olhar e quando volta a me fitar sua voz adquire um tom melancólico.

— Chegou a hora de eu ir embora.

Quero perguntar para onde. Mas sei que ele não vai responder.

Não fico brava desta vez, apenas me sinto triste.

— Então isso é uma... despedida?

Ele não responde, mas eu sei que é.

Sinto vontade de chorar e encosto minha cabeça em seu ombro, sentindo seus braços me cingindo mais forte.

Droga, Adele é mesmo perfeita para momentos como este!

Este pensamento me faz rir e Henry levanta a cabeça para me fitar.

— O que é engraçado?

— Adele.

— Adele é depre.

— Justamente. Acho que combina com este momento.

— Está triste?

— Claro que sim.

— Achei que era o momento mais feliz da sua vida.

— Estou triste por você. Queria que realizasse seus sonhos também.

— Eu realizei. Mas acabou. Acho que devo ficar feliz, tem gente que passa a vida apenas se perguntando como seria, e agora eu sei. E também... a vida às vezes nos surpreende com o surgimento de novos sonhos.

— Então nem tudo está perdido, se tem outros sonhos para correr atrás.

— Este também é... fora do meu alcance.

— Tem certeza?

Seus dedos retiram um fio de cabelo do meu rosto e meu estômago se aperta com aquela conhecida atração que surge sempre que Henry me toca e me olha assim, como se eu fosse especial.

Henry me faz sentir especial.

— Obrigada por gostar de mim do jeito que eu sou.

— Quem disse que gosto?

— Eu sei. — Sorrio e ele sorri de volta, antes de abaixar a cabeça e me beijar.

Fecho os olhos e deixo a sensações de beijar Henry me envolver.

Sei que é a ultima vez.

Dói em algum lugar escondido dentro de mim e me faz querer que dure

para sempre. Que o tempo pare apenas para que possamos eternizá-lo neste beijo.

Suspiro quando Henry encosta a testa na minha, nossos olhos fechados, nossos corações batendo no mesmo ritmo.

— Queria que não tivesse parado lá na fazenda, ou no banheiro... — lamento, sentindo meu corpo pulsando devagar naquele desejo doce e irresistível que Henry faz surgir em mim.

Suas mãos me apertam mais forte e ele geme baixinho. Fazendo minha pulsação acelerar.

— Ninguém lamenta mais do que eu, acredite. Eu sou mesmo um idiota.

— Concordo. — A gente ri abrindo os olhos. E capturo em seu olhar o mesmo desejo que arde nos meus. A eletricidade que vem dele abraça a minha pele que queima em expectativa.

— Eu não pararia agora. — Suas mãos descem para meu quadril e sei que não é nem um pouco educado, mas quem se importa? Eu só consigo imaginar aquelas mãos embaixo das várias camadas do meu vestido.

Ah sim.

Começo a ofegar.

— Então não para... — Minha voz adquire um tom ansioso e o calor inunda meu rosto, num misto de embaraço e excitação.

— Que se dane... — Henry rosna e, segurando minha mão, ele começa a me puxar por entre os elegantes convidados aristocratas.

Não consigo pensar enquanto tudo vai ficando para trás como um borrão. Até que estamos em uma sala vazia e Henry fecha a porta atrás de nós e sem me dar tempo de admirar a beleza do salão real, ele me prensa contra a porta e me beija com vontade.

Derreto totalmente, minhas pernas ficam bambas com aquele ataque e só consigo gemer e me esfregar nele, enquanto seu beijo deixa minha boca e percorre meu pescoço, mordendo e me marcando.

— A gente não devia estar aqui... — Abro os olhos, focalizando vagamente a sala opulenta a nosso redor.

— Claro que não. — Henry morde meu ombro e sua mão levanta meu vestido e no instante seguinte, seus dedos estão desbravando minha calcinha.

— Oh Deus... — Fecho os olhos de novo, enfraquecendo e enterrando meus dedos em seus cabelos, trazendo sua boca para minha de novo.

Ele engole meus gemidos, enquanto os dedos fazem um estrago dentro de mim.

— Porra, Sophia, eu vou te foder aqui...

Minha nossa, as palavras dele me levam a outro nível de excitação, se é

que isso é possível e abro os olhos para vê-lo abaixar minha calcinha e jogá-la longe.

— Aqui?... Em Buckingham... Na casa da rainha...

— Você quer? — Ele sorri diabolicamente enquanto abre as calças.

— Ah sim, por favor — Puxo-o para mim de novo. E ele ergue meus quadris, para se posicionar no meio deles e me penetrar sem a menor cerimônia.

Gritos de prazer escapam da minha garganta e me agarro em seus ombros, enquanto Henry me fode contra a porta de uma sala do Palácio de Buckingham.

Putá que pariu!

É demais para processar, então apenas fecho os olhos e me deixo levar, me movendo no mesmo ritmo que ele, adorando estar com Henry assim de novo.

Mas a medida que as sensações avançam com a força de um incêndio em meu corpo, devorando tudo com suas chamas, também sinto um princípio de pesar, porque sei que é a última vez que estarei assim com ele.

— Sophia?... — Henry me chama. Abro os olhos e percebo que ele parou de se mover. — Eu sei... — De alguma maneira ele sente minha angústia.

Eu sorrio com tristeza. Segurando as lágrimas que estão prontas para cair.

— Não para... — Peço e ele me beija devagar e voltar a se mover, seu olhar captura o meu e seguimos assim até tudo explodir e gozarmos juntos, mãos aflitas se agarrando um ao outro, gemidos se misturando e ecoando na elegante sala real.

E depois, o silêncio.

Descanso minha cabeça em seu ombro, sem querer me mover.

Sem querer que ele me solte.

E sinto uma mistura agri-doce de sentimentos quando Henry se move e me põe no chão. Ele ajeita meu vestido e depois suas roupas.

— Devo pedir desculpas?

— Talvez para toda a geração de reis e rainhas que passaram por aqui... será que é pecado transar numa sala real?

Ele ri e é disso que eu preciso.

Voltar a sermos quem somos realmente.

Amigos.

Mesmo que uma vozinha atrevida sussurre dentro de mim que, se eu pedisse, se eu ousasse mudar o rumo de todos os meus sonhos, poderia ser diferente.

Encaro Henry me perguntando o que ele sente.

Mas ele sorri com certa distância agora.

Como se já estivesse lá, naquele lugar para onde ele tem que ir.

Segura minha mão e me leva pelo corredor. Será que dá pra perceber que eu acabei de ser fodida há alguns minutos?

Ao adentrarmos no salão percebo que há uma atmosfera diferente agora. As pessoas parecem mais agitadas.

— O que está acontecendo?

— Acho que a família real acabou de passar — Henry diz.

Eu paro, decepcionada, ao me dar conta de que perdi a entrada da família real.

— Não acredito que eu perdi... — Olho em volta. — Onde eles estão?

— Eles não ficam por aí como todo mundo, devem ter apenas passado e agora estão em alguma sala mais reservada, onde só quem tem autorização pode entrar.

— Droga! Eu perdi!

Henry dá de ombros.

— Não é grande coisa, Sophia...

— Ah, como não? Sabe por que estou aqui! Que demorei a vida inteira para estar aqui! E porque estava transando com você perdi a oportunidade de...

O olhar de Henry escurece de fúria e eu recuo, mordendo os lábios, querendo tomar as palavras que proferi de volta.

Mas é tarde.

A expressão de Henry endurece.

— Certo, Sophia. É isso que quer, não é? — Ele segura minha mão e sai me puxando por entre as pessoas até que estamos em frente a uma porta e lá dentro vejo claramente Harry e outros membros da família real, conversando com alguns sortudos aristocratas.

Travo ali, intimidada pelos guardas, mas Henry deixa minha mão e continua em frente. Ninguém o interrompe quando ele avança em direção a Harry e então a coisa mais bizarra acontece.

Henry cumprimenta Harry com um aperto de mão e eles trocam algumas palavras que não dá pra ouvir até que Henry retorna e ainda estou ali, congelada no lugar, sem entender nada.

— Se é isso que quer, pode entrar e conhecê-lo — anuncia sério.

— Como... Você o conhece?

— Sim. Estudamos juntos em Eton.

— O quê? — Acho que vou desmaiar.

Henry continua calmamente.

— Não na mesma turma, ele era mais velho. Mas jogamos golf juntos algumas vezes.

— Eu não acredito que conhece o Harry, que todo esse tempo...

— Então, é só entrar e... dar prosseguimento a seu plano, ou sei lá o que pretende. Eu preciso ir embora.

Ele passa por mim, se afastando.

— Henry! Não pode ir embora assim, simplesmente...

— Eu te disse que tinha que ir. Chegou a hora. Acho que já protelei demais.

— Eu não entendo... Quem é você?

Ele sorri.

— Isso importa? Vá conhecer seu príncipe, Sophia. Ainda dá tempo de realizar seu sonho. Adeus.

E sem mais ele se vai.

Ainda permaneço parada, aturdida, vendo Henry desaparecer por entre os convidados.

E compreendo que não quero que ele vá.

Não quero que me deixe aqui sozinha.

Meus olhos vagueiam pelo salão e não tem mais o brilho de antes. Nada parece mais tão maravilhoso.

Então meus olhos se voltam para dentro da sala.

Para Harry.

Ele está com ela. Com a garota americana que escolheu para casar. Seus braços estão em volta dela, e eles sorriem um para o outro como se carregassem um segredo.

Faz me lembrar a mim e Henry.

Ah Deus!

É como se uma venda fosse tirada dos meus olhos e eu vejo claramente.

Não era a realza que eu queria. Não era nem mesmo Harry.

Eu queria Henry.

Com um soluço, dou meia-volta e corro atrás do meu mais novo sonho.

Atravesso as portas do salão e o jardim iluminado se abre a minha frente e eu o vejo se afastando.

— Henry! — chamo-o e ele se volta.

Eu continuo em frente, em sua direção.

Porque é para onde eu quero ir sempre a partir de agora.

— Sophia?...

Eu paro ofegante na sua frente.

— Você tem razão, ainda dá tempo de realizar meu sonho, mas... Não é com Harry. Eu estava enganada — começo a chorar —, era tudo uma ilusão. Um sonho bobo de criança... Agora eu vejo... É você.

Henry me encara em silêncio, aturdido.

— Fala alguma coisa! — peço aflita. — Eu sei que sente alguma coisa por mim também, nem pense em mentir! Não me importo com a realeza ou príncipes, apenas... me leva junto, para onde for... não me importa para onde. Eu... estou apaixonada por você e... — Sem aviso, Henry me puxa para perto e me beija. Engolindo minhas palavras.

E um alívio doce me faz relaxar em seus braços.

— Sophia, você é a pessoa mais louca que eu conheço. — Ele segura meu rosto.

— Mas me ama mesmo assim? — murmuro e ele ri.

— Prefere ficar comigo e deixar para trás todo seu sonho de princesa de fazer parte da nobreza?

— Eu prefiro você — confesso com toda a verdade reunida no meu coração.

— Ah, Sophia — ele murmura com tanto sentimento em seu olhar, mas também uma apreensão que faz meu coração se apertar. — Estou tão apaixonado por você, mas esse momento...

— Henry! — Alguém nos interrompe e nos viramos para ver uma garota loira num vestido prateado se aproximando. — Não acredito que me deixou sozinha no baile para se agarrar com uma mulher no jardim!

— Não é nada disso, Lexi.

Oh... Então essa é a irmã de Henry?

— Essa é a Sophia. — Ele me apresenta e Lexi sorri.

— Ah, então essa é a famosa Sophia que era só sua assistente e nada mais. Bem que desconfiei.

— Lexi, se nos der licença...

— Ok, acho que esse baile está bem sem graça mesmo, nem deveria ter insistido para você me acompanhar! — Seu olhar vai para a mão de Henry que ainda segura a minha. — Hum, então namorando?

Olho para Henry, ansiosa pela resposta e seu olhar captura o meu, impacientes, mas adoráveis.

— Acho que sim — ele responde e eu sorrio.

— Então contou a ela que esta voltando a Durham? Ai meu Deus, vai levá-la com você? Nossa, isso vai ser interessante. Mamãe vai surtar e imagina a Sienna? Ou Hugh? Ah, vai ser bem divertido! — E ela se afasta ainda rindo.

Eu encaro Henry sem entender nada.

— Durham? É para onde tem que ir?

— Sim, é. Durham é a minha cidade e também o meu... castelo.

Oi? Eu ouvi castelo?

— Castelo? Você disse castelo?

Henry me vira para ele e segura minhas mãos nas suas.

— Sophia, tem algo que não te contei.

Eu aguardo, entre apreensiva e curiosa.

— Você me conhece como Henry Cavendish, um fotógrafo, mas não é só isso que sou. Este é quem eu gostaria de ser. Um simples plebeu, sem nenhuma responsabilidade. Mas desde que meu pai morreu, herdei todas as propriedades, a fortuna e o castelo de Durham, que está na minha família a sete gerações.

Meus olhos se arregalam perplexos.

— Henry... Você é rico? — Não consigo acreditar.

— Eu não sou só rico. Eu sou da nobreza. Desde que meu pai morreu herdei também o seu título.

— Título?

— Sophia, eu sou um duque, o sétimo duque de Durham.

Henry é um duque.

Ele é da nobreza...

Oh Meu Deus.

A última coisa que passa pela minha cabeça antes de desmaiar é que eu tinha desistido de um príncipe por um duque.

Um fodido duque!

Duquesa...

É, não é nada mal...

Nota da autora

Obrigada por acompanhar Sophia e Henry! Espero que tenham se apaixonado por eles como eu.

As aventuras de Sophia em busca de seus sonhos continua em *Quase uma Duquesa*.

Em breve na Amazon!

Juliana

Sobre a autora

Juliana Dantas – Leitora voraz de romances, trabalhou durante anos em uma grande rede de livrarias, onde teve a oportunidade de se dedicar à sua grande paixão: os livros. Envolveu-se com a escrita em 2006, escrevendo fanfics dos seus seriados e livros preferidos. Estreou na Amazon em 2016 e hoje conta com 25 títulos na plataforma Kindle com mais de 50 milhões de páginas lidas, e livros publicados pela Editora Pandorga e Volúpia Editora. Em 2019 lançará um livro inédito pelo selo Harlequin, da Editora Harper Collins e continuará se dedicando integralmente a escrita enquanto planeja viagens pelo mundo, sua outra grande paixão.

E-books Publicados na Amazon:

O Leão de Wall Street

Vendetta – Livro 1

Vendetta – Livro 2

Vendetta – Livro 3

Vendetta – Livro 4

A Verdade Oculta

Segredos que ferem

Linha da Vida

Longe do Paraíso

Espinhos no Paraíso

Juntos no Paraíso

Espera – Um conto de O Leão de Wall Street

Cinzas do Passado

Trilogia Dark Paradise (Box)

A Outra

Segredos e Mentiras

Uma vida extraordinária

Por um sonho

O Highlander nas sombras

Quando você chegou

O segurança de Wall Street

Uma noiva de Natal

Box Vendetta

Uma noiva de natal

Um noivado nada discreto

Livros físicos

A verdade oculta – Editora Pandorga

Segredos e Mentiras – Editora Volúpia

Quando você chegou – Editora Volúpia

Contatos

E-mail: julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage: <https://www.facebook.com/JulianaDantasAutora/>

Instagram: [instagram.com/julianadantas_autora](https://www.instagram.com/julianadantas_autora)

WebSite: <https://www.julianadantasromances.com/>

Caixa Postal: 76964 CEP 05412-972 São Paulo SP